

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

“Aqui nem todo mundo é igual”

Cor, mestiçagem e Homossexualidades numa Favela do Rio de Janeiro

Silvia Aguião

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva, Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva – Ciências Humanas e Saúde, do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Laura Moutinho
Rio de Janeiro
2007

C A T A L O G A Ç Ã O N A F O N T E
U E R J / R E D E S I R I U S / C B C

A282 Aguião, Silvia.

“Aqui nem todo mundo é igual”: cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro / Silvia Aguião. – 2007.
143f.

Orientadora: Laura Moutinho.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Homossexualidade – Teses. 2. Favelas – Teses. 3. Raças – Teses. 4. Miscigenação – Teses.
I. Moutinho, Laura. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 613.885:333.326

“Aqui nem todo mundo é igual”: Cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro

Silvia Aguião

Aprovada em 07 de maio de 2007.

Banca examinadora:

Prof^a. Laura Moutinho (orientadora)
IMS - UERJ

Prof. Sérgio Carrara
IMS - UERJ

Prof^a. Yvonne Maggie
IFCS - UFRJ

Prof. Julio Simões
FFLCH - USP

“Refleti que nunca pisaste pela primeira vez uma rua de arrabalde sem que o vosso passo fosse hesitante como que, inconscientemente, se habituando ao terreno; refleti nessas coisas sutis que a vida cria, e haveis de compreender então a razão por que os humildes limitam todo o seu mundo à rua onde moram, e porque certos tipos, os tipos populares, só o são realmente em determinados quarteirões.”

João do Rio, A alma encantadora das ruas

“Terrível tarefa a de chapinhar num círculo onde o centro está em todos os lugares e cuja circunferência em nenhum, para dizê-lo escolasticamente. Que se procura? Que se procura? É preciso repetir quinze mil vezes, com marteladas na parede. Que se procura?”

Julio Cortázar, O jogo da amarelinha

Aos amig@s que fiz durante esse trabalho

AGRADECIMENTOS

Inevitável começar dizendo que é totalmente impossível agradecer todo o tipo de ajuda, carinho, acolhimento e incentivo que recebi durante o apressado e intenso período do mestrado.

Começo lá na graduação. A Clarice Peixoto, minha orientadora de iniciação científica que guiou e inspirou os meus primeiros passos no ofício.

A Valter Sinder. Obrigada pela delícia e brilhantismo das aulas de graduação e por ter me ensinado a encontrar prazer nas leituras de Lévi-Strauss durante o estágio de docência.

A Laura Moutinho, minha orientadora-amiga e amiga-orientadora. Agradeço o esforço em desemaranhar minhas confusões e paciência suprema em escutar e lidar com minhas *xurumelas*. Obrigada pela provocação e pelo incentivo constantes. Obrigada por permitir que eu encontrasse o meu próprio caminho de desenvolvimento das idéias e pela imensa generosidade.

A Silvia Ramos, Sérgio Carrara e Malu Heilborn. Obrigada pelos desafios, esclarecimentos e direções apontados durante a minha qualificação. Ainda agradeço especialmente a Sérgio Carrara por ter permitido que eu participasse de suas disciplinas de orientação.

A Adriana Vianna. Obrigada pela amizade, pelas conversas, pelas aulas, pelas leituras, pelo computador emprestado, pelos chopps, pelos livros... Repito-me: atenção, clareza, graça e doçura incomensuráveis.

A Antonio Carlos de Souza Lima. Agradeço a regalia e diversão da convivência. Obrigada pelo carinho, pelo apoio e pelo cuidado.

A Yvonne Maggie por ter me concedido o privilégio de integrar e participar das reuniões de sua equipe de pesquisa.

Agradeço especialmente a Yvonne Maggie e Laura Moutinho e a Maria Luiza Heilborn que através do projeto *Entre múltiplos ideários: uma análise das representações sobre 'raça', gênero e sexualidade em escolas do Rio de Janeiro/Faperj* e do *Programa em Gênero e Sexualidade/Fundação Ford*, respectivamente, concederam-me verba de apoio durante a minha estadia em Rio das Pedras.

Aos amigos de turma, a outros amigos especiais de trilha semelhante, aos amigos de *bugs* desse e outros períodos, aos amigos da vida toda: Igor Torres, Bruno Zilli, Rachel de Las Casas e Cecília Chaves; Anna Vencato, Camilinha Sampaio, Débora Baldelli, Marcio *Kibe* Macedo, Paula Lacerda, Rafaela Amodeo, Marcelo Ferreira, Bira, Fabiene Gama, Jorgiene, Antoniene, Driene, Pauliene e muitos outros *enes*; Maitê, Helmut, Elaine e Roberta.

À “equipe Clam”.

A todos da secretaria e da biblioteca do IMS.

À Capes pela concessão da bolsa que me apoiou durante esses 24 meses.

A todos que me receberam com muito carinho e disponibilidade em Rio das Pedras.

À minha família. Especialmente aos meus pais que forneceram o apoio necessário e indispensável para que esse trabalho fosse concluído.

Nunca será demais agradecer a aposta de todos em meu trabalho. Conseguindo ou não ter êxito, sem esse incentivo eu jamais teria sequer arriscado.

RESUMO

“Aqui nem todo mundo é igual”: Cor, Mestiçagem e Homossexualidades numa Favela do Rio de Janeiro.

O objetivo dessa dissertação é analisar as vivências e representações sociais sobre (homos)sexualidade, cor/raça, mestiçagem e gênero na favela de Rio das Pedras. Situada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, a localidade tem como características marcantes a ausência do tráfico de drogas e uma intensa imigração nordestina. Esses aspectos contribuem para uma conformação específica no que tange aos conflitos relacionados aos temas aqui analisados. Sendo assim, procurou-se observar como o entrecruzamento desses aspectos perpassa as estruturas e hierarquias sociais no contexto da favela. Além disso, buscou-se compreender as dinâmicas de circulação de pessoas que transitam pelo circuito GLS da cidade, mais especificamente, pelo bairro de Madureira.

Palavras-chave: cor/raça; mestiçagem; homossexualidade; GLS; gênero; favela.

ABSTRACT

"Not all people are equal here": color/race, blood-mixing and homossexualities in a favela of Rio de Janeiro.

The objective of this work is to analyze the life experiences and social representations of (homo)sexuality, color/race, blood-mixing and gender in the Rio das Pedras “favela” (brazilian slums) in Rio de Janeiro, Brazil. The Rio das Pedras favela is mainly characterized by the absence of illegal drugs traffic and an intense immigration of people from Brazil’s northern region. These factors contribute to a specific conformation of the conflicts related to the analyzed themes. Therefore, the many relations among these factors were taken into account in the way they relate to the structures and social hierarchies in the Rio das Pedras favela context. Furthermore, this work tries to understand the dynamic of people flow through locations where homoerotic sociability takes place at the Madureira neighborhood in the city of Rio de Janeiro.

Key-words: color/race; blood-mixing; homossexualities; gender; favela.

SUMÁRIO

<u>Apresentação</u>	10
<u>Capítulo I - Pesquisando cor/raça, (homos)sexualidade e gênero: encontros e desencontros no campo</u>	14
<i>O primeiro encontro com o campo</i>	17
<i>O segundo encontro com o campo</i>	26
<i>Resumindo a trajetória da pesquisa</i>	32
<u>Capítulo II - Rio das Pedras: descrição sócio-espacial, sentidos e personagens</u>	36
<i>Formação e divisão espacial</i>	36
<i>Territórios e sentidos</i>	49
<i>Controle negociado e violência</i>	53
<i>Personagens e andanças</i>	59
<u>Capítulo III – Perambulações: sexualidade, cor/raça, gênero e mestiçagem em Rio das Pedras</u>	75
<i>Vida noturna: os bares, a praça, o “Bar” e o baile</i>	75
<i>Controle negociado, sexualidade e ethos viril</i>	88
<i>Origem regional, cor/raça e mestiçagem</i>	92
<u>Capítulo IV – Classificações do desejo: cor/raça, homossexualidade, gênero e circulação</u>	107
<i>O espaço e seus freqüentador@s</i>	111
<i>Tipos e categorias identitárias</i>	115
<i>Os tipos e categorias no cotidiano das classificações</i>	120
<i>Falando de “cores”</i>	128
<u>Considerações Finais</u>	132
<u>Bibliografia</u>	135
<u>Anexo 1 : Localização geográfica</u>	142
<u>Anexo 2: Mapa das subáreas de Rio das Pedras</u>	143

APRESENTAÇÃO

O objetivo dessa dissertação é apresentar o trabalho de campo conduzido na favela de Rio das Pedras, focado nos temas cor/raça, mestiçagem e homossexualidade. Durante a pesquisa buscou-se observar como o entrecruzamento desses aspectos perpassa as estruturas e as hierarquias sociais no contexto estudado. Procurou-se ainda compreender as dinâmicas de circulação de gays, lésbicas e transgêneros que transitam pelo circuito GLS da cidade, mais especificamente, pelo bairro de Madureira.

A escolha de Rio das Pedras como campo de pesquisa deu-se por ser um espaço já mapeado em pesquisa anterior (como ficará claro no capítulo I) e por duas características marcantes quando tratamos de favelas do Rio de Janeiro: a ausência do tráfico armado de drogas e a intensa imigração nordestina, que acaba por fazer com que a localidade seja considerada relativamente “mais branca” em contraposição a outras favelas da cidade. Sendo assim, refletir sobre representações de cor/raça, mestiçagem, gênero e sexualidade nesse contexto implica pensar nos possíveis cruzamentos desses marcadores com a violência e a origem regional. Estes são fatores que se apresentam como relevantes não só para a compreensão do valor assumido pela sexualidade na localidade, mas pela forma com que estes aspectos perpassam o campo das expectativas e possibilidades das práticas sociais dos sujeitos, atuando na estruturação política e moral local e conformando as hierarquias de prestígio.

Partindo da complexidade de um campo que entrecruza gênero e cor/raça, a homossexualidade se apresenta como uma esfera fértil na qual configurações específicas podem ser analisadas e novas questões podem ser postas a descoberto, tanto pela relativa ausência de estudos nessa área (no que se refere às análises sobre favela e às análises sobre

raça) quanto pelos arranjos e negociações experienciadas entre essas diversas variáveis com relação às hierarquias presentes no campo das sexualidades.

A dimensão etnográfica desta pesquisa foi elaborada a partir da análise de narrativas, conversas, entrevistas no formato história de vida e situações experimentadas durante o convívio com moradores de Rio das Pedras. O foco de minha análise e reflexão foi compreender de que forma as temáticas que perseguia eram construídas e vivenciadas. Desse modo, procurei esclarecer algo das estruturas e processos que organizam as vidas dos “personagens” que acompanhei por um longo período.

Leeds (1978) sugere um modelo de análise onde o termo *comunidade* é utilizado para tratar da “unidade social” e o termo *localidade* da “unidade geográfica”. O termo *comunidade* vem sendo articulado em oposição à carga pejorativa adquirida pelo termo *favelado* (Valladares, 2001) para designar conjuntos sócio-geográficos de habitações populares. Ao longo da dissertação faço uso do vocábulo *localidade* quando me refiro ao espaço de Rio das Pedras, buscando o sentido definido por Leeds (1978): “para que a natureza das relações se torne mais uma questão empírica do que de definição, pode ocorrer, idealmente, que não exista qualquer relação personalizada na localidade, apenas relações secundárias e impessoais sem sentimento ou características comunitárias”(32). Adoto o uso de aspas para o termo *comunidade* quando me refiro ao sentido articulado pelos próprios moradores.

Faz-se igualmente necessário ressaltar que ao longo da dissertação, sempre que não houver observação indicando o contrário, as especificações de cor e de orientação sexual de entrevistados e interlocutores de campo foram feitas com base em autoclassificação.

Sendo assim, no primeiro capítulo esclareço a trajetória da pesquisa indicando os caminhos e descaminhos experimentados durante o trabalho de campo. Um aspecto importante refere-se à reflexão sobre a presença da pesquisadora no que tange as configurações que as questões tratadas adquiriram. Em resumo, desenvolvo uma reflexão que

busca qualificar o modo como o trabalho de campo foi conduzido, as maneiras como podem se constituir as relações entre pesquisador e grupo observado e a forma como essas configurações influenciam os procedimentos da pesquisa e a obtenção de dados.

O segundo capítulo fornece uma descrição do espaço sócio-espacial da favela e seus diversos territórios e sentidos. Também é discutido o tipo de controle que substitui e impede o estabelecimento do poderio do tráfico armado de drogas na região. Por fim, apresento os “personagens” que guiaram meu olhar sobre a localidade e que me acompanharam durante todo o trabalho de campo.

Grande parte da pesquisa foi realizada em espaços de sociabilidade noturna. Visto isso, no terceiro capítulo me dedico às “perambulações” que empreendi - acompanhada de moradores - pela vida noturna da favela, investindo na descrição de alguns dos locais que fazem parte do lazer noturno da localidade. Através de cenas e situações ocorridas no cotidiano de sociabilidade da favela, indico o tipo de representações que conformam estruturas hierárquicas que regem sistemas de gênero, cor/raça e sexualidade em Rio das Pedras, matizadas pela interferência do tipo de controle que substitui o tráfico. Por último, pondero sobre a influência da origem regional e das imagens veiculadas a respeito de “paraibas” e “cearenses” sobre sistemas de classificação de cor/raça na localidade.

No quarto capítulo a proposta é acompanhar alguns dos moradores de Rio das Pedras em seu circuito de sociabilidade noturna por outros espaços além da favela, mais especialmente por um espaço GLS do bairro de Madureira. Invisto na perscrutação das categorias utilizadas para designar orientação sexual e na compreensão de um sistema de classificação que organiza a circulação de pessoas e corpos entre esses espaços.

Este trabalho é um primeiro esforço de organização de pesquisa encerrada há cinco meses atrás e composto por idéias que demandam um tempo maior de amadurecimento. Nesse

sentido, me dedico a apresentar o material etnográfico recolhido e apenas apontar questões suscitadas, indicando possíveis caminhos de reflexão.

CAPÍTULO I
PESQUISANDO COR/RAÇA, (HOMOS)SEXUALIDADE E GÊNERO: ENCONTROS E DESENCONTROS
NO CAMPO

Na experiência etnográfica, por conseguinte, o observador coloca-se como seu próprio instrumento de observação. Evidentemente, precisa aprender a conhecer-se, a obter de um si-mesmo, que se revela como outro ao eu que o utiliza, uma avaliação que se tornará parte integrante da observação de outras individualidades. Cada carreira etnográfica tem seu fundamento nas ‘confissões’, escritas ou inconfessadas.

(Lévi-Strauss, 1976.)

Neste capítulo teço considerações sobre o meu campo de pesquisa, com a proposta de incorporar as condições de desenvolvimento e as dificuldades e entraves provenientes da relação pesquisador-pesquisado como parte integrante e condicionante das reflexões elaboradas. Pretendo assim qualificar a minha experiência de trabalho de campo, ao mesmo tempo em que avalio o modo como direcionei a abordagem, esclarecendo caminhos e escolhas que nortearam o processo de pesquisa.

Foote Whyte, em esforço de reflexão realizado 40 anos após a sua pesquisa de campo, reconhece que obviamente o raciocínio lógico tem grande espaço na formulação das análises finais e formulações mais gerais da pesquisa. Mas igualmente aponta como fundamental o fato de que “a evolução real das idéias na pesquisa não acontece de acordo com relatos formais que lemos sobre métodos de investigação. As idéias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver” (2005: 284). O autor ressalta a associação da vida pessoal do pesquisador à pesquisa e sugere que esse tipo de

explicitação pode ser muito significativo no sentido de esclarecer o processo de análise dos dados.

Essas “confissões escritas ou inconfessadas” de que fala a epígrafe acima, são o produto da confrontação (no sentido de comparação e por vezes de conflito) direta de alteridades. Acredito que algo do indizível dessa experiência possa ser percebido nas sutilezas e entrelinhas de algumas situações aqui descritas, dando alguma indicação do muito que conduz, reconduz, orienta e faz rever o olhar e as interpretações sobre o que é visto.

Ao propor uma abordagem metodológica que entrecruze cor/raça, sexualidade, gênero, geração e outras clivagens relevantes, vi-me refletindo também sobre como a presença destas questões na pesquisadora implicavam nas dinâmicas e interações cotidianas do trabalho de campo. Em tempos onde se torna a cada dia mais importante dizer quem você é e de que lugar se está falando, não pude deixar de questionar sobre meus próprios atributos de classe, cor/raça, orientação sexual, gênero e até mesmo estéticos no campo. Em alguns momentos, foi impossível não pensar que ser considerada “bonita” e/ou “diferente” por alguns, foi fundamental no estabelecimento de determinadas situações que ora favoreceram a observação, ora a tornaram inviável. Dizer que tinham me achado muito bonita, por exemplo, foi motivo para que algumas pessoas viessem conversar comigo ou simplesmente se aproximassem de mim. Entretanto, algumas dessas aproximações (geralmente de mulheres) pretendiam ficar “próximas demais”, digamos assim. Muitas vezes fatores como estes influenciaram no sentido de fazer com que o trabalho fosse se remodelando ao longo do processo, às vezes abrindo novas possibilidades e outras impondo barreiras.

Por ter iniciado a pesquisa em Rio das Pedras para a monografia de graduação¹, posso dizer que o trabalho de alguma maneira foi feito (mesmo que de maneira descontinuada) desde o fim de 2004. Mesmo em momentos em que me ausentei fisicamente da localidade,

¹ A pesquisa feita para a monografia inseriu-se num projeto mais amplo, coordenado pela prof^a. Laura Moutinho, e recebeu apoio do Programa Cientista Jovem do Nosso Estado, FAPERJ/ 2003.

continuei mantendo algum tipo de contato com moradores por telefone, e-mail ou mensagens de texto via celular. Portanto, esses outros “meios de comunicação” igualmente compuseram a dinâmica do meu trabalho de campo e de certa forma posso dizer que foram mantidos até os momentos finais de escrita destas páginas.

Entretanto, a investigação foi marcada por dois períodos específicos. O primeiro caracterizado pelo meu desconhecimento do espaço da pesquisa e minha quase inexistente experiência no ofício. Apesar de já ter passado por breves experiências de realização de entrevistas semi-estruturadas, aplicação de questionários fechados e trabalhos como bolsista de outros projetos, esses foram os meus primeiros passos em direção ao trabalho etnográfico mais tradicional. Já o segundo período caracterizou-se pela dificuldade de dar início à investigação entre os relacionamentos afetivo-sexuais homossexuais e outros entraves de adaptação que serão explicitados mais adiante.

Se durante a pesquisa para a monografia diferenciações e diferenciadores de cor/raça e gênero foram os que mais chamavam atenção nas interações da pesquisa de campo, no fim de 2005 ao iniciar o trabalho entre relacionamentos homossexuais, a orientação sexual passou a ser central no dia-a-dia da investigação. E, um pouco mais adiante, no momento de intensificação do trabalho, distinções de classe social e estilo de vida² foram as que se ressaltaram na relação pesquisador-pesquisado.

No primeiro contato com o campo da pesquisa tive como foco relacionamentos afetivo-sexuais heterocrômicos³ heterossexuais. Apesar de não ser este o enfoque delimitado

² Refiro-me ao termo “estilo de vida” no sentido dado por Bourdieu (1983) correspondendo a distintas posições no arranjo social que traduzem de maneira simbólica diferenças objetivas contidas nas condições materiais de existência. Mais especificamente, pretende-se abarcar “um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *héxis* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da *unidade de estilo* que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados” (: 84).

³ Uso o termo *heterocrômico* a partir da sugestão de Moutinho (2004) que empresta a categoria criada por Thales de Azevedo para designar casais de cores diferentes, destacando “a importância dos atributos de prestígio na construção social da ‘cor’” e suas possibilidades de manipulação (: 32).

para essa dissertação, resolvi incluir aqui alguns aspectos desse processo. Acredito que determinadas situações e percepções advindas desse momento foram cruciais para a maneira como continuei a me conduzir durante o trabalho de campo e também dizem algo sobre Rio das Pedras de maneira mais geral. Nos próximos itens apresento a trajetória da pesquisa.

O primeiro encontro com o campo

De certa forma, Rio das Pedras (ou RDP) não me era totalmente desconhecida, moro na Barra da Tijuca e já tive amigos que moravam em condomínios bem próximos da localidade. Como será visto no capítulo II, a localização espacial de RDP faz com que seja um local de fácil acesso e que fazia parte do nosso caminho. Lembro de pelo menos duas ocasiões em que pequenas reuniões ou encontros de amigos acabaram com uma “saideira” na conhecida padaria 24 horas de RDP, “logo ali ao lado”. Além disso, na época do auge da moda *funk* no Castelo das Pedras⁴ (em 2000), fiz parte do grupo da classe média apreciadora do “funk sem violência”⁵, e cheguei a freqüentar o baile algumas poucas vezes ou ao menos passar na porta para ver o movimento. Mas apesar desse conhecimento prévio, a idéia de voltar a Rio das Pedras como campo de pesquisa causou-me certa inquietação. Um misto de ansiedade e muitas expectativas, que fez bastante tímidas e cautelosas minhas primeiras incursões à favela.

O primeiro contato foi feito em novembro de 2004, com uma moradora que realizava um trabalho de prevenção às DST/Aids no local. Cheguei até ela através de uma amiga que trabalhava numa ONG e já havia feito uma reportagem sobre seu trabalho na “comunidade”.

⁴ Casa noturna onde todo o fim de semana acontece um conhecido baile *funk*. Seu significado para a localidade é descrito no capítulo II e alguns aspectos mais detalhados de seu público e funcionamento constam do capítulo III.

⁵ No capítulo II esclareço a que exatamente me refiro com a expressão “funk sem violência”.

Expliquei-lhe que estava começando uma pesquisa sobre raça e sexualidade em Rio das Pedras e que também estava interessada em saber mais sobre o seu trabalho na área de prevenção. Ela foi bastante receptiva (se interessou particularmente em saber de onde eu era) e depois de uma breve conversa pelo telefone, marcamos um encontro.

Meu interesse inicial em conhecê-la era saber mais sobre seu trabalho de prevenção à AIDS (tema que não será explorado aqui), mas ela (autoclassificada como negra) chegou para nosso encontro trazendo o filho louro. Quando lhe expliquei que a pesquisa tratava de relacionamentos heterocrômicos e que estava interessada em entrevistar pessoas que mantivessem esse tipo de relação, ela logo se disponibilizou: “então me entrevista agora!”. Não estava pensando em realizar entrevistas logo no primeiro encontro, pensava em conhecer as pessoas um pouco mais antes. Entretanto diante de tamanha “espontaneidade” não tive alternativa. Desse primeiro contato conheci outras pessoas, entre elas algumas que entrevistaria posteriormente.

Desde então passei a realizar visitas periódicas (durante o dia ou a noite), para encontros marcados para entrevistas e conversas ou somente para andar e conhecer a região. Sozinha ou em companhia de algum morador.

Durante esse primeiro esforço de sistematização sobre Rio das Pedras, organizei algumas questões que apontavam para certa especificidade de um campo pensado a partir de – e marcado por – cor/raça e gênero. Nesse sentido, busquei na bibliografia disponível (e que usava para analisar as questões do meu trabalho) os trechos em que os autores apresentam suas experiências em campo e encontrei algumas situações semelhantes que me permitiram compreender melhor a minha própria experiência.

* * * *

Estudando a favela de Acari, Marcos Alvito (2001) reconheceu uma diferenciação muito marcada entre os gêneros. Para as mulheres o espaço de sociabilidade permitido é estritamente o doméstico, ao passo que para os homens as relações de amizade e companheirismo têm como locus privilegiado a rua. E, pelo seguinte trecho é possível depreender um exemplo de como o gênero do pesquisador pode ser relevante no processo de obtenção de dados: “[a]o fim de um ano de trabalho de campo, percebi com surpresa que, embora eu tivesse travado relações bastante amistosas com muitos homens casados, jamais os vira na presença de suas mulheres e nem mesmo as conhecia, de nome ou de vista, afora um ou dois casos excepcionais em que visitei a casa de líderes comunitários (novamente uma exceção que confirma a regra). Num espaço tão exíguo e densamente povoado, essa ‘invisibilidade’ das mulheres casadas é algo impressionante” (: 64). Pesquisando numa localidade onde percebeu esferas distintas de atuação para homens e mulheres, certamente um homem teria mais dificuldades para se inserir e ser aceito no meio feminino, podendo até mesmo resultar numa “invisibilidade” das mulheres.

Ana M. Heye (1980) ao descrever as condições de sua pesquisa na favela de Mata Machado, assinala que foi sendo admitida em um grupo de moradores através do compartilhamento de experiências como dona-de-casa e mãe. Como explicação para essa inserção, cita o trabalho de Roberto Da Matta: “... todos os etnólogos são muito parecidos com os grupos que estudam. A antropólogos sofisticados correspondem grupos sofisticados; aos tímidos, sociedades tímidas; aos artistas, tribos de homens e mulheres supersensíveis” (DaMatta apud Heye, 1980: 136). Logo, foram suas próprias vivências como dona-de-casa que proporcionaram um vocabulário comum com as donas-de-casa locais.

Em minha pesquisa algo semelhante ocorreu, determinadas experiências pessoais me possibilitaram certo vocabulário comum com determinadas pessoas e mais facilidade de interação em determinadas situações e dificultaram esse mesmo processo em outras.

Apesar de desde o início da pesquisa já ter interesse em olhar para os relacionamentos afetivo-sexuais homossexuais, os primeiros contatos que consegui estabelecer foram com um grupo de pessoas mais jovens e heterossexuais. A proximidade geracional pareceu se sobrepor ao gênero e não encontrei grandes barreiras para me aproximar de homens ou mulheres. No entanto, nas primeiras tentativas de marcar entrevistas com homossexuais (apesar de já ter sido apresentada a homens “gays”) o contato foi mais difícil. Entrevistas foram preteridas, encontros desmarcados e notava sempre uma espécie de “pé atrás” ao tentar embalar uma conversa mais aprofundada sobre o tema.

Esse tipo de dificuldade fez com que na época eu me limitasse a ter como foco os relacionamentos heterossexuais. Acredito que esse contato mais feminino, mais jovem e mais heterossexual tenha contribuído para que eu direcionasse o meu olhar para algumas questões e interpretações envolvendo relações de gênero. Deparei-me com representações que conferiam um papel ativo às mulheres no que diz respeito à conduta sexual. Essa dimensão das relações de gênero em Rio das Pedras levou-me a pensar num eixo relativamente ausente dos estudos sobre favelas, que mais se concentram nas diversas masculinidades e apenas mencionam o papel subalterno e circunscrito à esfera da casa, relegado às mulheres nesses contextos. Voltarei a esse ponto mais adiante.

* * * *

Cecchetto (2004), Moutinho (2004) e Pacheco (1986) fornecem exemplos de como cor/raça pode ser um fator relevante na relação pesquisador - pesquisado.

Cecchetto atribui sua “circulação tranqüila” no circuito dos bailes charme a suas marcas “favoráveis” de território, geração e cor: “talvez tenha contado, nesse caso, o fato de a pesquisadora não ser branca (autoclassificação) nem negra (classificação do IBGE: parda), o

que poderia produzir algum tipo de acesso mais fácil entre os ‘negros’” (2004: 49). Moutinho aponta para a constatação entre os seus entrevistados, de que aqueles que se autotransferiam como brancos eram mais enfáticos em falar do preconceito do que aqueles que se autotransferiam como negros. E considera que “talvez conte, nesse sentido, o fato da pesquisadora ser ‘branca’ (autotransferência), o que poderia produzir algum tipo de constrangimento entre ‘negros’, ‘mulatos’ e ‘morenos’, e um maior relaxamento no trato com a questão entre os ‘brancos’” (2004: 271n). Pacheco também considera sua própria presença “loura, branca e de olhos azuis” interferindo na fala de seus entrevistados, o que comprovaria que “categorias de atribuição de cor são relacionais” (1986: 47).

Apesar de terem sido realizados em conjunturas distintas o ponto a reter dos três trabalhos citados acima é justamente o caráter relacional e contextual da atribuição de cor ressaltado, no caso, pelas interações entre pesquisador e pesquisado.

Como será visto, Rio das pedras é considerada uma favela predominantemente branca devido a migração intensa de nordestinos. Entretanto nas primeiras visitas ao local tive dificuldade de perceber essa predominância. Se pensarmos em relação a outras favelas “mais negras” a distinção é, sem dúvida, mais óbvia. Contudo, a impressão que tinha era de que todos eram mais ou menos “pretos” ou, como mais tarde me disseram, “morenos”. Aos poucos fui me familiarizando com o sistema de classificação usado na localidade. No início me surpreendia quando pessoas, a quem eu percebia como negras, se autotransferiam como morenas ou quando eu mesma (autotransferida como mestiça) fui percebida como branca em diversas ocasiões e com o tempo constatei que essa seria a classificação mais corrente que me atribuiriam (a outra seria “morena clara”). E mais tarde, uma brincadeira feita pelas amigas que fiz durante a pesquisa era chamar-me de “irmã branca”. Em situações como essas, ficava claro o quanto a classificação de cor/raça era influenciada por critérios diversos além da cor

empírica da pele e outros traços fenotípicos. Junto com esse tipo de avaliação entravam: local de moradia, status e inserção social, vestimentas etc.

Sendo assim, dentre as ‘classificações’ que fui recebendo em RDP, não era só a cor/raça que estava em questão. Num primeiro momento acharam que eu era de uma ONG (provavelmente por ter feito o primeiro contato por intermédio de pessoa de uma ONG). Mas durante esse primeiro encontro com o campo fui assistente social, universitária, estudante, professora, ou simplesmente “da Uerj”. O entendimento de que estava fazendo um “trabalho em” ou “sobre” Rio das Pedras parecia ser rapidamente apreendido, entretanto o “porquê” ou “para quê” já não é era de tão fácil compreensão (muito por conta de minha própria dificuldade de explicá-lo).

Minha preocupação com a impressão que criavam sobre mim, fez com que no início tivesse certo receio de que a enunciação de que morava na Barra da Tijuca criasse um pressuposto de diferença de classe que alargasse o distanciamento e quebrasse o contato entre nós. Cheguei a desviar da pergunta nas primeiras vezes em que se interessaram em saber onde eu morava, mas depois de certo tempo passei a dizer e poucas vezes notei uma mudança de tom após a resposta. A “comunidade” está acostumada com a presença de gente “de fora” por lá, principalmente da Barra e Jacarepaguá. Como será visto, a ausência do tráfico permite o trânsito livre por qualquer local e a qualquer hora em RDP, sendo muito freqüente que pessoas “de fora” usufruam o comércio e demais serviços.

Um aspecto comum em trabalhos que envolvem entrevistas e observação participante se refere a “confiança” dos entrevistados no pesquisador. Essa “confiança” pode ser influenciada pelo modo como ocorre a entrada no campo, pela desenvoltura e sensibilidade do pesquisador na colocação das questões, pelo comportamento do pesquisador etc.

Durante a fase inicial do trabalho de campo, diria que a desconfiança com que fui recebida fez com que em alguns momentos, durante as entrevistas, ficasse um pouco receosa

de avançar os limites insinuados pelos entrevistados, comprometendo a minha inserção. Uma das dificuldades enfrentadas foi conseguir que falassem de maneira mais livre e natural sobre alguns assuntos como a existência de violência em RDP ou sobre preconceito e discriminação. Para esse tipo de questão era preciso certo tato. As respostas muitas vezes eram curtas e já faziam parte de um discurso previamente elaborado e mais ou menos “politicamente correto”, que tentava me fornecer respostas tidas como “certas”. Fui percebendo que uma maneira de obter um relato mais claro e transparente era explorar estes temas quando surgiam espontaneamente no meio das conversas.

Pacheco revela que a introdução de questões sobre a “cor” dos sujeitos não eram respondidas de forma direta. Estas questões demandavam alguns momentos de reflexão da parte dos entrevistados e, inicialmente, traziam uma negativa como resposta, o que a autora interpretou como “uma tentativa de demonstrar que essa era uma forma de classificação sem importância, que não era por eles e nem deveria ser por ninguém levada em consideração” (1986: 24).

Moutinho (2004) chamou de “jogo de silêncio e sombra” as situações surgidas na colocação de certas questões e explicitou a necessidade de encontrar um “canal de comunicação” com os seus “informantes de modo a ter acesso a suas vivências e dramas ‘racializados’” (2004: 270). Assim como Pacheco, a autora declara ter recebido como resposta “uma negação, seja da diferença ‘racial’, seja de conflitos com base na ‘raça’[...]” (idem: 271). Entretanto, faz a ressalva de que as respostas dependiam muito da maneira como a pergunta era elaborada.

Também lidando com pesquisa em uma favela, Pacheco relata a dificuldade de obter dados sobre outros temas: “como pude inferir a partir do comportamento do grupo, não se conversa sobre a família, casamento e relações de amizade com qualquer um. E esse qualquer pode incluir o pesquisador se ele for apenas um observador, porque as pessoas não falam de si

mesmas e de suas relações pessoais para uma pesquisa. Eles falam de pessoas para pessoa, para alguém” (1986: 9).

Em Rio das Pedras as pessoas falavam de si, “para uma pesquisa” e também “para alguém”. No entanto, o que falavam para “alguém” era diferente do que falavam para a pesquisa. Explico-me. Durante a investigação a sensação era de que ora estava ali significando o papel de uma jornalista ou de “pessoa da faculdade”, ora simplesmente estava ali, sem o peso de representar alguém vinculado a uma instituição maior⁶. Isso não significa que uma informação tenha mais ou menos valor do que a outra, apenas que devem ser qualificadas contextualmente. Carvalho (1991) chamou de “discurso mimético” a disposição de “manipulação da linguagem” operada por seus entrevistados, que articulavam seu discurso de acordo com o papel que atribuíam ao pesquisador/entrevistador: “os moradores, políglotas, sabem que estão sendo mais eficientes falando a língua do destinatário” (: 70).

Os sujeitos com quem me deparei sabiam muito bem o que queriam (ou deviam) me contar, no sentido de selecionarem o que consideravam mais “interessante” para um estudo sobre sua “comunidade”. Nesse momento ainda não sabia muito bem como explicar esse tipo de situação, já que Rio das Pedras não é uma favela que abrigue muitos projetos de intervenção e/ou pesquisa (como a Rocinha ou o Complexo da Maré, por exemplo), não seria esperado que os chamados “nativos” estivessem acostumados a serem olhados e analisados. Hoje acredito que esse tipo de atitude dos “nativos” tenha a ver com a força e a influência que a associação de moradores mantém sobre a “comunidade”. Através de pequenas intervenções como festa, feiras, eventos culturais e também através das rádios comunitárias locais⁷,

⁶ Situação que se tornaria cada vez mais comum com o desenrolar da pesquisa.

⁷ Durante o trabalho de campo vez por outra eu escutava o programa da rádio comunitária da associação de moradores. Em meio a programação diária, algumas chamadas diziam “não jogue lixo nas ruas”, “mantenha a comunidade limpa”. Um dia particularmente interessante foi o da veiculação dos planos de um candidato a deputado apoiado pelas lideranças locais. Constaria de seus planos a implementação de um projeto já antigo da associação de moradores que é a criação de um “centro de tradições nordestinas” aos moldes da Feira de São Cristóvão. Porém, em Rio das Pedras haveria a vantagem de estar dentro de “uma comunidade segura e sem tráfico”, portanto sem se correr “os riscos de precisar passar pela linha amarela” para chegar até lá.

divulga-se a idéia de construção de uma boa imagem para “comunidade” e de que a segurança e tranqüilidade do local devem ser preservadas e ampliadas não só para o bem estar da população residente mas igualmente para “os de fora”. Visando sempre o desenvolvimento do comércio e a expansão do mercado imobiliário local.

Nesse jogo de interações é interessante perceber como se manifestam as expectativas, minhas e do “outro”. Em certa ocasião recebi uma mensagem, no celular, de uma moradora perguntando o que eu tinha achado da noite anterior, passada no baile funk da localidade. O contato com essa pessoa foi especialmente delicado no princípio e acredito representativo das relações de poder que subjazem a pesquisa de campo. Ela já havia trabalhado em projetos de intervenção social e demonstrava sempre grande interesse em saber quais eram as intenções de meu trabalho em RDP. Sempre que nos encontrávamos perguntava o que eu estava fazendo por lá e com quem exatamente tinha ido falar. Também era visível a sua preocupação em saber o que eu achava de seu envolvimento em projetos sociais. A relação parece ter tomado outro rumo após uma conversa em que lhe expliquei mais detalhadamente o que eu estudava na faculdade e aonde trabalhava. Dias depois dessa conversa, fomos juntas ao baile funk e, a partir daí, estabelecemos uma espécie de vínculo de confiança. Se antes tinha dificuldade de encontrá-la até mesmo pelo celular, agora ela mesma me ligava com alguma frequência. Havia feito uma amiga.

Nesse primeiro encontro com o campo, adotei uma postura mais receptiva na condução da pesquisa, deixei-me levar pelas questões trazidas pelo campo e pelos entrevistados. Se por um lado esse procedimento permitiu que alcançasse dimensões até então não vislumbradas do universo de Rio das Pedras, por outro fez com que me desviasse um pouco de meu foco central de investigação. Ficou claro que a violência seria uma dimensão que não pode ser ignorada em Rio das Pedras, apresentando-se sob duas formas distintas. Primeiro sob o caráter da não-violência do tráfico. Minhas tentativas de aprofundar o tema

sempre esbarravam no discurso de exaltação da “tranquilidade” do local – em oposição à violência do tráfico presente em outras favelas - que antecedia e muitas vezes se sobrepunha a qualquer outra característica. A impressão era de que essa era a perspectiva escolhida para ser tratada com alguém de fora da “comunidade”, independente de qualquer outro interesse mais particular manifestado. A outra recorrência foram as referências às manifestações da violência no interior dos relacionamentos e na vida doméstica local.

A experiência desse primeiro contato revelou-me alguns pontos importantes para (re)pensar tanto as teorias e técnicas da metodologia da pesquisa antropológica quanto aspectos subjetivos inerentes à relação pesquisador-pesquisado. Igualmente permitiu-me qualificar minha compreensão sobre cor/raça, gênero e sexualidade na localidade.

Ao longo desse esforço inicial, surgiram algumas questões que passaram a nortear o meu trabalho: quais seriam as expectativas “deles” em relação a mim e, afinal quais eram as minhas em relação a “eles”? Quais foram as primeiras coisas que quiseram me mostrar? Por que quiseram me mostrar determinadas coisas primeiro do que outras? Como e o quê fez a relação pesquisador-pesquisado mudar? Quais as influências da geração, do gênero, da cor/raça, da classe e do local de moradia do pesquisador?

Portanto, foi considerando essas indicações que dei continuidade à pesquisa. Atenta para a relação entre os gêneros e para as possíveis configurações e redirecionamentos que questões vinculadas à cor/raça, mestiçagem e sexualidade poderiam tomar ao voltar meu foco para as dinâmicas relacionadas à homossexualidade.

O segundo encontro com o campo

Em setembro de 2005, realizei a primeira entrevista que marcaria o começo da investigação focada em homossexualidade. A partir desse momento, outra variável passou a

ser de grande relevância entre as que intermediavam as relações durante a pesquisa de campo, a orientação sexual.

Desde os primeiros contatos perguntavam se eu era casada, se tinha namorado, se tinha filhos e, finalmente, se eu era “entendida”⁸. Ao responder com uma negativa a todas essas indagações, invariavelmente havia uma pausa na conversa e eu era encarada com certo ar de descrença: “Você não tem namorado?! E você não é entendida?!”, eram exclamações comuns. Como eu poderia me interessar pelo assunto e frequentar os espaços relacionados se “não tinha nada a ver com o meio?”.

Aos poucos fui ganhando adjetivações: “careta”, “hetero”, “de fora do meio”, “de passagem”... E assim eu era apresentada: “Essa é a Silvia, ela é careta” ou “essa é minha amiga Silvia, mas ela está aqui só de passagem”.

Por diversas vezes tive que responder em conversas mais particulares, a verdadeiros questionários sobre minha vida afetivo-sexual. Se eu nunca tinha vivido nenhuma experiência com outra mulher, se eu tinha certeza mesmo de que eu não "era", se não seria o caso de eu estar me reprimindo, se eu realmente não teria curiosidade de experimentar. Certa vez tive que responder a perguntas detalhadas sobre meu relacionamento com a minha mãe, para que então a pessoa pudesse inferir se na realidade eu não era “incubada” por causa de algum problema nesse relacionamento ou porque teria medo das conseqüências que poderia trazer para ele. Nunca me furtei dessas conversas, mas por vezes respondi de forma mais evasiva quando se estenderam para aspectos mais específicos de minha vida familiar ou sobre meus relacionamentos pessoais de modo mais geral.

Oliveira (2006) alude à situação semelhante em sua pesquisa de campo, onde oferecer informações sobre sua “vida pessoal e sexual, foram uma espécie de contra-dádiva necessária

⁸ O uso de determinados termos e categorias indicativos de orientação sexual será detalhado no capítulo IV.

para a manutenção desse intercambio estritamente lingüístico com informantes” (:21) e cita outros trabalhos relacionados ao tema da homossexualidade referindo-se ao mesmo aspecto.

Algumas vezes, ao questionarem se eu “seria mesmo” hetero, eu perguntava de volta o porquê da desconfiança, se era por que eu “dava pinta” ou se por alguma outra coisa que eu tivesse feito ou dito. Em geral, ouvia como resposta que não era por dar pinta - pelo contrário eu era uma “lady” - mas pelo fato de estar ali perguntando sobre o assunto, querer conhecer pessoas “entendidas” e freqüentar espaços freqüentados pelos “entendidos (as)”. Algumas vezes tive que ouvir diversos argumentos que procuravam me “converter” e posso dizer que até o último momento do trabalho de campo era grande a torcida para que eu me “revelasse”.

Grande parte de minha pesquisa de campo foi conduzida em espaços de sociabilidade noturna como bares e boates, considerados propícios e impulsionadores para encontros afetivo-sexuais. Portanto, um espaço onde o olhar é fundamental no fluxo de interação e paquera, o que muitas vezes tornava complicado coordenar o olhar da observação – próprio do trabalho de campo - e o olhar que enseja a paquera.

Em algumas ocasiões, enquanto absorta na observação de algum aspecto, pessoa ou situação, surpreendi-me com outro olhar me encarando fixamente esboçando um sorriso ou insinuando interesse. Circunstâncias que faziam com que rapidamente eu mudasse a direção de meu olhar ou iniciasse uma conversa com alguém em outra direção. Mas não era sempre que tinha essa perspicácia. Em um episódio, recebi uma cantada de uma menina que depois de dispensada foi comentar com a minha amiga que não tinha entendido “o fora”, afinal de contas eu havia passado muito tempo olhando para ela, “dando mole”. A princípio não me lembrava de seu rosto, mas depois pude constatar que a menina estava conversando com amigos na direção para onde eu passara bom tempo olhando. Contudo, eu observava a interação entre um casal de meninos que considerei heterocrômico, não me dando conta de

que meu olhar - fixo e prolongado numa mesma direção - poderia estar sendo mal interpretado.

O primeiro desenho do trabalho de campo que eu vinha desenvolvendo, previa a realização de observação em espaços de sociabilidade noturna de frequência considerada predominantemente homossexual e entrevistas. No entanto, passei a ter dificuldade de me locomover entre esses espaços durante a madrugada e de conseguir novas entrevistas. Esses e outros fatores contribuíram para que eu adotasse outra estratégia metodológica, que por sua vez resultou na alteração do desenho geral de pesquisa previsto até o momento.

Em agosto de 2006, a partir do aluguel de um apartamento do tipo conjugado, iniciei um momento de intensificação do campo. Por um período de quatro meses (de agosto a novembro) “morei” de quatro a cinco dias por semana em Rio das Pedras e essa presença mais constante garantiu maior familiaridade com a vizinhança, conhecer um maior número de moradores e uma melhor compreensão de seu dia-a-dia, além de ter tornado muito mais fácil e prática minha circulação pela noite de RDP e arredores.

Essa estratégia provocou algumas mudanças nas relações com os moradores e na relação com o campo em sentido mais amplo. A notícia de que me mudaria para a localidade fez com que eu tivesse que repetir algumas vezes com o quê eu afinal de contas estava trabalhando. E o porquê de me mudar para lá. Eu dava explicações genéricas dizendo que estudava cor/raça, sexualidade, discriminação, preconceito e que procurava conhecer a comunidade mais de perto e também ampliar a minha rede de contatos.

Logo ao me “mudar”, percebi que as pessoas passaram a se sentir “mais à vontade” comigo (e vice-versa). Tinha a sensação de que ficava mais fácil de localizarem a minha presença ali. Por exemplo, quando em alguma situação precisavam me apresentar para alguém não era necessário explicar que eu estava visitando a localidade ou que eu estava fazendo um trabalho sobre “a comunidade”, bastava dizer que eu era “a mais nova moradora de Rio das

Pedras”. Nessas ocasiões, quando convinha, mais adiante na conversa eu dizia que estava lá fazendo uma pesquisa. Mas diversas vezes eu permaneci em situações como almoços, jantares, aniversários ou encontros em bar, simplesmente como mais uma vizinha.

Todavia a característica mais significativa e que de certo modo foi constitutiva de todo processo a partir do segundo momento da pesquisa (e estabelecida definitivamente com a mudança) foi que antes de pesquisadora passei a ser considerada e tratada como *amiga* pelas pessoas com quem convivi. E essa forma de relação, marcada por um envolvimento pessoal muito intenso, foi definitiva para o modo como fui conduzindo-me durante a pesquisa de campo. No início eu era uma amiga “de fora”, interessada em conhecer a comunidade e com outros interesses peculiares - como homossexualidade -, mas uma amiga que com a mudança passou a ser um pouquinho “menos de fora”. Claro que algumas situações lembravam que eu fazia uma pesquisa. Quando eu insistia um pouco mais perguntando sobre algum assunto ou quando uma história sobre alguém era contada e em seguida aparecia o comentário: “ah, você podia entrevistar essa pessoa...”, mas então eu era uma amiga que *também* fazia pesquisa.

Fora isso, pessoalmente eu também percebia alterações no modo como eu me sentia em Rio das Pedras. Circunstâncias como andar na rua e cumprimentar e ser cumprimentada por outras pessoas, não sentir mais que estava sendo olhada como alguém “de fora”. Ou quando me peguei escolhendo atalhos pelos becos da favela como melhor caminho, sem pensar e sem me perder (!).

Sentir-me mais à vontade e ser tratada com maior proximidade pelos moradores de RDP foi fundamental não só para que me sentisse pessoalmente mais confortável durante a estadia. Essa situação também alterou o modo como eu abordava determinadas questões ou conversava sobre alguns dos assuntos presentes na vida cotidiana de Rio das Pedras. Pontos que anteriormente tratava com certo receio, temendo que fizessem parte de uma arena onde alguém “de fora” não deveria se intrometer.

Para minha surpresa, quando de minha “mudança”, aspectos relacionados a diferenciações de classe e estilo passaram a chamar mais atenção (mas acho que em sentidos diferentes para mim e para os que conviviam comigo). Refiro-me a diferenças identificadas em padrões principalmente estéticos e de alimentação. Não que esse aspecto não estivesse presente antes, mas passaram a ser alvo de comentários e piadas mais explícitos.

A área da favela onde aluguei o conjugado contribuiu para essa diferenciação, visto que é reconhecida como uma parte “nobre” da localidade (muitas vezes citada como “a zona sul da favela”) e considerada “melhor” do que o local onde a maioria dos meus interlocutores morava⁹. Em um primeiro momento essa discrepância me preocupou, mas depois passei a considerá-la positiva. Pois essa diferença, pressuposta pela geografia sócio-espacial local, de fato existia e me sentia mais confortável assumido-a de alguma forma do que forjando alguma proximidade nesse aspecto. O aluguel foi feito através de um contato na associação de moradores, que me indicou uma imobiliária local que, por sua vez, me apresentou o imóvel.

Além da área da favela onde escolhi morar, a diferença era representada pelo aspecto geral do meu apartamento (de cerca de 18m²), pelos objetos que compunham o espaço e pela maneira com a qual eu lidava com eles. O apartamento ficava num prédio de aspecto bem acabado, de cinco andares e seis unidades por andar. O valor do aluguel era de R\$ 230 e a única conta que recebia era de luz. No entanto, como me explicou a pessoa que intermediou o aluguel, eu não precisa me preocupar com essa conta, pois estava tudo no “gato” e o valor vinha zerado.

Levei alguns poucos móveis e objetos para o apartamento: uma cama de solteiro, uma escrivaninha, uma mesa pequena, três cadeiras, um pequeno aparelho de som, uma luminária, alguns livros e uma mala grande que funcionava como armário de roupas. Mesmo com poucos elementos compondo o ambiente, parecia que o tipo dos móveis (a cama de ferro,

⁹ A diferença entre as diversas áreas e espaços de Rio das Pedras ficará mais clara no capítulo seguinte.

p.ex.), o material de que eram feitos alguns poucos utensílios de cozinha que possuía, a marca do *shampoo* ou sabonete que usava, eram considerados “chiques”. Também passaram a ser mencionadas distinções no meu modo de vestir, de falar e de se comportar. A constatação dessa diferença também abriu espaço para situações engraçadas. No meu apartamento não havia geladeira ou fogão e piada comum em encontros na minha casa, era perguntarem quando eu iria servir um lanche, água gelada ou cafezinho.

Um episódio pode ilustrar um pouco do que quero dizer. Certa ocasião uma moradora me trouxe uma quentinha, disse que tinha outras coisas mas que achou melhor trazer uma salada já que eu era “mais light”. Eu achei curioso e contra-arguntei perguntando como eu poderia ser “mais light” se há poucos dias havíamos almoçado juntas e ela tinha me visto comer arroz, feijão, carne, lingüiça, farofa etc. Ela me olhou com certo ar pensativo por alguns segundos e concluiu: “é, mas você gosta assim mais light”.

Resumindo a trajetória da pesquisa

Expor a trajetória do campo mesclada às minhas experiências e percepções subjetivas pretende deixar o mais claro quanto for possível as condições (tanto do campo de pesquisa quanto da própria pesquisadora) de desenvolvimento do trabalho. Descrever um pouco desse desconcerto particular da pesquisa de campo, em seus erros e acertos, também é tentativa de deixar menos nebuloso algo que é da ordem do indizível da experiência de imersão no campo, seja esta superficial ou profunda, breve ou mais prolongada.

As incursões do primeiro contato com o campo da pesquisa foram exploratórias no sentido de me fornecer um primeiro mapa físico e social de RDP, intermediado pelas condições de entrada aqui descritas e meu posicionamento, interesse e experiência como pesquisadora naquele momento. A segunda entrada ocorreu já preparada para alguns aspectos

que havia reconhecido como recorrentes na vida social de Rio das Pedras e com o foco reajustado para questões ligadas à homossexualidade.

O período de intensificação ocasionado pela mudança suscitou uma reabertura dos interesses da pesquisa, quando me deparei com os aspectos múltiplos e ricos da vida social da “comunidade”. Mas passado certo período de adaptação e acomodação tanto física quanto das idéias, pude re-centrar o foco nas questões primeiras de meu interesse: cor/raça, mestiçagem e homossexualidade. Entretanto, de certo modo essa multiplicidade mesma de questões acabaram por fazer com que eu alterasse um pouco meu plano inicial de pesquisa.

A princípio, o projeto previa a realização de entrevistas através de indicações e a visita regular de espaços de sociabilidade considerados de frequência predominantemente homossexual. Diante da dificuldade de conseguir efetivamente realizar as entrevistas, decidi-me pela estratégia de primeiro me inserir nos espaços de sociabilidade para posteriormente conduzir entrevistas captadas a partir dessa inserção. Entretanto, a dificuldade de locomoção pela madrugada, já que a vida noturna de Rio das Pedras costuma se estender até altas horas, inviabilizava em parte essa estratégia.

A mudança para Rio das Pedras resolveu esse problema ao mesmo tempo em que ampliou o espectro da observação. Antes focada em um bar específico de sociabilidade noturna em RDP, acabou expandindo-se para outros espaços como o baile *funk* local e a noite “GLS” de Madureira. Essa estratégia ampliou substancialmente o campo de possibilidades de análise. Na tentativa de manter a investigação focada em seus temas principais, mas sem perder ou jogar fora a riqueza da experiência, ao invés de me concentrar em entrevistas, acabei por acompanhar pessoas que viviam esses temas em seu cotidiano.

Logo no primeiro mês da mudança realizei uma entrevista com uma travesti que acabou se tornando uma amiga e junto com outra amiga “entendida” (que havia feito por ocasião de outra entrevista) passamos a circular pela noite de Rio das Pedras e Madureira e a

conviver no dia-a-dia. Com o tempo percebi que as entrevistas não eram imprescindíveis, pois através da observação e de conversas informais que ocorriam durante esse contato prolongado, poderia obter informação suficiente e em algumas situações ainda mais detalhadas. Também foi interessante perceber como, após a convivência mais prolongada com essas pessoas, voltar ao que havia sido dito nas entrevistas significava vislumbrar-me com novos sentidos para questões que anteriormente pareciam-me opacas.

Analisando retrospectivamente, percebi que as entrevistas me serviram como um guia, pois foram realizadas em momentos-chave do campo. Funcionaram para abrir o campo, indicar caminhos, orientar meu olhar e vislumbrar novos aspectos e controlar determinados pontos.

Sendo assim, ao longo desta dissertação aparecem alguns dos “personagens” que foram importantes durante minha estadia em RDP, com diferentes graus de participação e ênfase. Em um primeiro momento aparecem Bebel e Teresa, pois com elas dei os passos iniciais no sentido de decifrar a estrutura sócio-espacial da favela. Em um segundo momento Ivone e Priscila foram minhas companhias principais no dia-a-dia. Parte significativa desta dissertação debruça-se sobre aspectos de minha circulação com essas duas amigas não só por RDP, mas também por Madureira¹⁰. Além dessas quatro “protagonistas”, outras “personagens” surgem ao longo do texto. Pessoas com quem mantive contatos mais esparsos e bem menos pessoais, mas que também contribuíram para que eu montasse o meu mapa de Rio das Pedras.

Apesar de ter mais atenção em determinadas questões, posso dizer que de certa forma continuei me deixando ser conduzida, visto que poucas vezes fiz a figura da pesquisadora super curiosa e o tempo todo questionadora. Procurava demonstrar interesse por aquilo que quisessem me mostrar ou contar. Limitando-me apenas a provocar ou sugerir alguns assuntos

¹⁰ Discurso sobre a nossa circulação pelo bairro de Madureira no capítulo IV.

eventualmente, ou estimular que se contasse ou falasse mais longamente a respeito de pontos como cor, mestiçagem, gênero e sexualidade. Não sei se foi a forma mais eficaz de conduzir-me em campo, mas foi a forma que encontrei de sentir-me mais à vontade. O distanciamento que a posição inquisitória impunha nunca me deixou confortável, preferia estar ali somente observando ou participando e não questionando. E essa era a posição mais condizente com a maneira como se estabeleceram as interações com pessoas que me concederam espaço em suas vidas muito mais como *amiga* do que como *pesquisadora*.

Há muito que já é fato comum nas pesquisas antropológicas realizadas em contexto urbano, que pesquisadores transformem suas relações pessoais em objetos de pesquisa (Velho, 2003). Em determinados momentos do meu trabalho de campo, parecia que o contrário estava ocorrendo. Meus “objetos de pesquisa” estavam se convertendo em relações pessoais, em amigos. O que me trouxe o problema de no momento da escrita ter que re-converter relações liminares entre *pessoais* e *objeto de análise*. Diria que o “caráter eticamente ambíguo da situação” implícito no “conjunto de ficções parciais” que envolvem as relações entre *pesquisador* e *pesquisado* (Geertz, 2001), esteve intimamente presente a cada frase composta durante a elaboração desse trabalho.

CAPÍTULO II

RIO DAS PEDRAS: DESCRIÇÃO SÓCIO-ESPACIAL, SENTIDOS E PERSONAGENS

Neste capítulo apresento Rio das Pedras, baseando-me principalmente nos dados e levantamentos de uma pesquisa qualitativa coordenada por Antonio Carlos Alkmin, Laura Moutinho e Marcelo Baumann Burgos conduzida ao longo do ano de 2001¹¹ e em minhas próprias impressões registradas no dia a dia do trabalho de campo.

Em seguida, de maneira menos formal e mais sensorial, procuro conduzir o leitor pelo universo de Rio das Pedras que conheci através de minhas andanças e perambulações pela localidade, ora descrevendo pessoas ou “personagens”, ora descrevendo tipos e situações.

Formação e divisão espacial

Rio das Pedras está localizada na zona oeste do Rio de Janeiro entre os bairros da Barra da Tijuca e Jacarepaguá¹². O fato de estar numa área plana, facilita bastante a circulação tanto internamente quanto o acesso de moradores de bairros adjacentes. De formação recente, final da década de 1960 e de expansão acentuada nas décadas de 1980 e 1990, seu crescimento parece estar muito ligado à dinâmica de expansão dos bairros entre os quais se

¹¹ A pesquisa foi desenvolvida no âmbito de uma disciplina de metodologia da Puc-Rio e envolveu, em um empreendimento interdisciplinar e coletivo, cerca de 20 alunos. Antes da pesquisa qualitativa, no ano de 2000, Antonio Carlos Alkmin coordenou um *survey* no local e o banco de dados organizado nesse primeiro levantamento serviu de base para o trabalho realizado em 2001. A pesquisa foi premiada com o 1º lugar no I Prêmio Mostra PUC com “A Questão Urbana e a Cidadania no Rio de Janeiro: A Favela de Rio das Pedras”. Pesquisa desenvolvida no Departamento de Sociologia e Política (PUC-RJ). Coordenadores: Laura Moutinho, Antônio Carlos Alkmin e Marcelo Burgos (setembro/2001).

¹² Anexo 1: Localização geográfica.

localiza¹³. O Censo de 2000 indicou uma população de 40 mil moradores, mais recentemente jornais têm apontado para números que variam entre 60 e 110 mil habitantes¹⁴.

Para além de seu núcleo original, Rio das Pedras (ou RDP) é subdividida nas subáreas de Vila dos Caranguejos, Areal I, Areal II, Areinha, Pinheiro e Pantanal¹⁵. O histórico de sua formação só pode ser compreendido através do processo individual de anexação de suas subáreas ou da luta pela incorporação de territórios e pela posse da terra. Burgos (2002) oferece um bom resumo desse processo.

A desapropriação do terreno que dá lugar ao núcleo original da favela foi conseguida em 1969, junto ao então governador do estado, Negrão de Lima. Em contrapartida os moradores deveriam obedecer os limites da área demarcada, condição que começa a ser desrespeitada ao longo da década de 70. Em 1983, de forma planejada, ocorre a invasão da Vila dos Caranguejos. Já em 1989, se dá a ocupação do Areal I e, a partir daí até meados da década de 90, invasões, conflitos com os proprietários das terras, negociações e acordos com o governo estadual e com a prefeitura, marcam o processo de ocupação das subáreas Areal II, Areinha e Pinheiro. A região denominada Pantanal (área localizada às margens da Lagoa do Camorim e muitas vezes invadida pela maré) começa a ser ocupada no final da década de 90, através de um processo pouco controlado, o que contribui para que se torne a “favela da favela”¹⁶. Todo este processo ocorre intermediado e conduzido pela associação de moradores.

¹³ Sobre a dinâmica de expansão de Rio das Pedras, especialmente durante a década de 1990, ver Kasahara, 2002.

¹⁴ Cf. *Jornal O Globo* “Em Rio das Pedras, a ‘Mineira’ é a lei” 20/03/2005. *O Dia online* “Contrastes e, harmonia” <http://odia.ig.com.br/> e *O Itanhangá: jornal de bairro*. “Rio das Pedras: A comunidade organizada” <http://www.oitanhanga.com> (último acesso em 31/01/05).

¹⁵ Anexo 2: Mapa das subáreas de Rio das Pedras.

¹⁶ Andando por essa subárea tem-se a impressão de que ela é delimitada mais pela precariedade (tanto simbólica quanto material) de suas condições e construções do que por algum limite físico-espacial palpável. Sobre o estigma que recai especialmente sobre a região do ‘Pantanal’, ver Moutinho (2002). Sobre as características particulares de formação e composição de cada subárea e a respeito do lugar na hierarquia espacial de prestígio político, econômico e social que cada uma ocupa na estrutura local, ver Burgos (2002) e Alkmín (2002).

Moutinho (2002) revela um pouco da história da favela, a partir da trajetória de uma família de “pioneiros” da região relatada por seu primogênito:

“Como outros do período, o avô de Antônio veio do norte fluminense, chegou à região em 1956 e junto com cerca de outras treze ou quatorze famílias a ‘desbravaram como bandeirantes: entraram, não tinha dono e eles ficaram’ A narrativa de Antonio e sua força dentro da comunidade se apóiam, sobretudo, no tempo de moradia e na tradição de sua família no local.” (: 230)

A trajetória de sua família seria representativa do grupo dos “pioneiros” que ali se estabeleceu. A autora ainda destaca que a respeito da ascensão de sua família seu entrevistado dedica especial “ênfase no trabalho com deslocamento para a área do comércio e aluguel de imóveis na própria Rio das Pedras. O crescimento imobiliário está registrado a partir da década de 1970, momento da expansão da Barra da Tijuca e da remoção da favela da Restinga” (: 230). É época coincidente com a intensificação da migração nordestina para o Rio de Janeiro, este relato nos permite ter uma idéia da influência dos imigrantes na conformação dessa localidade e de como esse pioneirismo, “desbravamento” e tradição são articulados na construção da identidade local.

O controle de todo esse território, desde os primórdios de sua ocupação, concentra-se nas mãos da Associação de Moradores e Amigos de Rio das Pedras (AMARP), que parece nascer juntamente com uma demanda de expansão regulada. Segundo Burgos, a ampliação da favela, coordenada pela associação,

“impediu que os terrenos vazios do entorno fossem invadidos por grupos de outras áreas, ao mesmo tempo em que propiciou a expansão da *cellula mater* da favela, assegurando a ocupação do território segundo uma lógica centrífuga, que permitiu maior reprodução de suas características socioculturais, e favoreceu a construção de uma identidade territorial com base na condição nordestina.”(:55-6)

O primeiro movimento associativo surge em 1969, quando da reivindicação de desapropriação do terreno ocupado, sendo retomado e, posteriormente consolidado, em 1979

quando ““movida pelo problema da falta de uma rede de luz elétrica, a população do lugar toma a iniciativa de formar uma entidade comunitária”” (Oliveira apud Burgos, 2002: 60). Ou seja, após a conquista do território a mobilização foi direcionada para suprir as necessidades básicas de infra-estrutura de moradia.

É bastante significativo o fato de que uma área com a dimensão de Rio das Pedras possua uma única associação de moradores. Para além da regulação do território, a atuação da AMARP avança por muitas outras esferas. Também segundo Moutinho (2002) era possível perceber como “a associação expressava preocupações de ordem moral e procurava fornecer parâmetros éticos e normativos à população local”. Chamou a atenção da autora um episódio, narrado por entrevistados, que contava a história do fechamento de uma casa de prostituição na localidade. A associação teria tentado sem sucesso encerrar as atividades do estabelecimento, até que em uma noite “alguns homens teriam chegado sorrateiramente e ateado fogo no local” (:226).

A associação se localiza na região mais central e antiga da favela, numa praça que recebeu obras do programa Favela-Bairro e onde se destaca uma ampla quadra de futebol forrada com grama sintética. A sede da AMARP impressiona por suas dimensões e pela infra-estrutura oferecida. A construção se divide em três andares com salas montadas especialmente para os cursos e atividades oferecidas. São salas equipadas com máquinas de costura, computadores, televisões, videocassetes e aparelhos de som, uma delas oferece instalação completa de salão de cabeleireiros. A atual sede foi construída em 1998, no início da gestão de Nadinho, figura que ocupou a presidência da AMARP por dois mandatos consecutivos, entregando o cargo ao ser eleito vereador em 2004¹⁷. Foi justamente nesse momento que

¹⁷ Josinaldo Francisco da Cruz, conhecido como Nadinho de Rio das Pedras, já havia se candidatado duas outras vezes, em 2000 para vereador e em 2002 para deputado estadual. Nessas duas ocasiões apesar de votação expressiva não conseguiu se eleger. Na última eleição recebeu 34.764 votos, sendo o 9º candidato mais votado do município, sua campanha teve por base aspectos sociais e “violência e tráfico de drogas zero”. Pesquisas anteriores mencionam a força de sua atuação e popularidade na localidade (Burgos, 2002 e Freire-Medeiros & Chinelli, 2003).

inicie a primeira fase de minha pesquisa, quando a gestão da associação de moradores encontrava-se em fase de transição. A mudança de Nadinho para a câmara dos vereadores (e, falava-se, também de sua residência na localidade) provocou inicialmente certa instabilidade e desconfiança sobre a continuidade de seu trabalho na “comunidade”. Porém, aos poucos a nova gestão foi se consolidando e também o diálogo com o novo vereador.

Em 2001 a AMARP contava com cerca de quatro mil associados, pagando mensalidades de R\$2,00. Em 2004, o número girava em torno de quatorze mil sócios.

No início de 2005, quando realizei um levantamento, a associação oferecia aulas de judô, jiu-jitsu, ballet, capoeira, dança, ginástica para senhoras, escolinha de futebol e voleibol, modelo, manequim, teatro e alfabetização de adultos. Embora os participantes dos cursos fossem estimulados a se tornarem sócios da AMARP, os cursos eram totalmente gratuitos e abertos não só para moradores de Rio das Pedras, mas igualmente para moradores de localidades adjacentes.

Um convênio estabelecido com a Faetec¹⁸ disponibiliza cursos profissionalizantes lecionados na própria sede da associação: maquiagem, manicura, cabeleireiro, depilação, corte e costura, bordado, idiomas, informática, montagem e manutenção de computadores, inglês e espanhol. Uma faculdade particular¹⁹ também atua em parceria com a AMARP, oferecendo gratuitamente o curso de magistério superior, além de manter um centro de alfabetização de adultos em prédio vizinho ao da associação.

¹⁸ A Faetec (Fundação de Apoio à Escola Técnica), através do programa *Amigos da Comunidade*, oferece “o Subprograma de Integração Profissional, SIP-Rio, que atua como instrumento de combate e superação à exclusão social através da qualificação profissional”. O programa, através de postos avançados da Faetec, atua nas comunidades: “Complexo do Alemão, Complexo da Maré, Complexo da Tijuca, Complexo Santa Bárbara, Antares, Dendê, Jacarezinho e Rio das Pedras” (<http://www.faetec.rj.gov.br>, último acesso em 05 de março de 2007).

¹⁹ “Desde 2004, mais de 150 alunos da comunidade de Rio das Pedras e adjacências frequentaram, gratuitamente, o curso de Formação de Professores da Unidade Rio das Pedras da UniverCidade. Além da comunidade de Rio das Pedras, poderão inscrever-se no curso moradores das seguintes comunidades satélites: Rocinha, Vidigal, Alto da Boa Vista, Complexo do Itanhangá e Baixada de Jacarepaguá. A Unidade Rio das Pedras fica na Rua Nova, 20 – prédio da Associação de Moradores.” (http://www.univercidade.edu/uc/obras/rio_pedras.asp último acesso em 20 de março de 2007).

Do relatório referente ao “plano de ação da AMARP” para 2004 constava a promoção de eventos como: torneio de futebol, campeonato de judô, apresentações de danças, desfile de modelo e manequim com apresentação das confecções da “comunidade”. Festas de páscoa, dia das mães, junina, dia da criança, dia dos pais, natal e o “almoço de encerramento do ano com comidas típicas do Nordeste e uma grande troca de presentes”. E igualmente a programação de todos esses eventos para o ano de 2005, além do acréscimo de outros como o realizado no último 8 de março. Por ocasião do Dia da Mulher, os alunos e alunas do “centro de beleza” da Faetec ofereceram os serviços de manicure, cabeleireiro, maquiagem etc gratuitamente para a “comunidade”.

Outras ações de assistência e serviço para a “comunidade” são: biblioteca infantil, correio comunitário, gari comunitário, documentação e distribuição de cestas básicas. Estas cestas são prioritariamente distribuídas entre as pessoas que trabalham na associação, mas o benefício pode ser estendido se “alguém aparecer pedindo”. Campanhas de distribuição de leite e “sopão” também já constaram das atividades da AMARP.

Freire-Medeiros & Chinelli (2003) mencionam um levantamento realizado em 2003 onde aparecem “16 centros religiosos, três rádios comunitárias, uma TV local com sete programas diários, cinco instituições de saúde (apenas uma gratuita), duas creches do governo e três ONGs (Projeto Plantando o Futuro, Centro Social Leo Magalhães, Pré-Vestibular para Negros e Carentes) [...]”(36). O canal de TV local não está mais sendo transmitido, mas como o sinal de TV não é bom na região, em 2004 cerca de 10 mil pessoas eram assinantes do serviço de TV por assinatura, pagando R\$10,00 por mês²⁰.

²⁰ Em março de 2007, em consequência de outros acontecimentos que serão explicitados adiante, os jornais noticiaram o “estouro” de uma central de “GatoNet” nas imediações de Jacarepaguá. Segundo um dos jornais os assinantes pagavam cerca de R\$40 pela adesão e entre R\$10 e R\$15 mensais pelo pacote de canais. A notícia menciona ainda, a possível implicação do suspeito de comandar a “milícia” de Rio das Pedras na montagem do negócio de distribuição do sinal de TV.

“Agentes da 16ª DP (Barra da Tijuca) estouraram ontem à tarde mais uma central clandestina de distribuição de sinais de TV a cabo e via satélite ligada à milícia. Batizada de Catv System[...]Os investigadores estimam que a central arrecadaria, em média, de R\$ 50 a R\$ 100 mil por mês. O investimento inicial seria de R\$ 25 mil a R\$ 30 mil.” (“Polícia estoura central de GatoNet de milícia”. *Jornal O Dia*. 09 de março de 2007.)

Além das duas creches municipais, andando por Rio das Pedras podemos ver diversas creches particulares e também é relativamente comum que se vejam pequenas placas presas em fachadas de casas anunciando: “cuida-se de crianças”²¹. O cuidado com as crianças enquanto pais e mães estão no trabalho é uma grande demanda. No prédio onde morei havia dois pequenos vizinhos (uma menina de 6 anos e um menino de 8 anos) que voltavam da escola e passavam a tarde sozinhos em casa aguardando os familiares voltarem do trabalho. Sete escolas públicas funcionam na área de RDP, sendo seis delas de administração municipal (incluindo dois CIEPs) e uma gerida pelo estado.

Em 2004, foi inaugurado o primeiro posto de saúde do governo localizado na Rua Nova (parte mais antiga). Além disso, outro posto de saúde foi construído em anexo ao prédio da associação de moradores, sendo coordenado pela própria e funcionando com trabalho voluntário de profissionais de saúde. Existem ainda cinco clínicas particulares e, na Rua Nova, placas e letreiros anunciam dentistas, clínica geral, pediatria, prótese dentária, obstetrícia, fisioterapia, e outros serviços como advocacia (e advogado trabalhista), auto-escola e imobiliárias. Em 2006, foi inaugurada a primeira “Clínica de assistência psicológica” na região. Por ocasião da abertura, uma das rádios locais anunciava: “Para quem tem problemas emocionais. Problema de medo, pânico [...] Casais com problemas, idosos [...]. Marque uma consulta!”.

As rádios comunitárias também compõem essa estrutura comercial. Funcionam não só para divulgação e prestação de serviços para a “comunidade”, mas para a promoção das festas, bailes e shows das casas noturnas locais, assim como para a propaganda do comércio e de serviços. Atividade geradora de renda para os locutores das rádios e seus donos, que cedem espaços de divulgação em seus programas por uma determinada quantia mensal.

²¹ Camargo (2002) levantou a existência de 28 creches irregulares (sem registro na prefeitura) funcionando em Rio das Pedras.

As igrejas estão muito presentes em Rio das Pedras. Em uma distância de cerca de 300 metros da Rua Nova, por exemplo, no trecho entre a praça da associação de moradores e a Estrada de Jacarepaguá, há uma Assembléia de Deus, uma Igreja Universal, uma capela Católica, um templo espírita e uma Igreja Batista. E diversas outras denominações espalham-se por todas as áreas da favela.

O setor imobiliário funciona em permanente atividade e circulação, inúmeras são as placas de “aluga-se” e “vende-se” e, é claro, muitas são as construções. Na Rua Velha, já asfaltada e parte no núcleo original da favela, o preço de venda de um *kitinete* gira em torno de R\$20 mil a R\$30 mil, o aluguel entre R\$250 e R\$300. Um aluguel comercial em localização privilegiada, em frente a associação, sai por cerca de R\$350. Um barraco de madeira de cerca de 12 metros quadrados, situado em uma área ainda não urbanizada custa aproximadamente R\$10 mil, já um apartamento tipo *kitinete* pode chegar a R\$18 mil. Conversando com uma moradora soube que “ali vai valorizar muito e é perto da praia”. Segundo ela, há o projeto de asfaltar e construir uma avenida que dará acesso a uma das vias principais em direção a Barra da Tijuca. Assim, depois que as obras estiverem concluídas, “vai ficar muito caro para comprar”. Existem imobiliárias distribuídas pela favela e algumas direcionadas especificamente a cada subárea, entretanto predominam as negociações informais. Pode-se, por exemplo, a partir da aquisição de um terreno, negociar com um amigo ou conhecido para que este efetive a construção da casa e da laje. Com a obra concluída, o dono do terreno fica com a casa térrea e a pessoa que realizou a construção passa ser a dona da laje, onde pode erguer um novo andar. Acompanhei uma negociação desse tipo através de um dos meus conhecidos na localidade.

Outro grande negócio local é a *Coop RP*. Cooperativa local de vans, criada em 1995 e que em 2001, possuía 300 associados e - entre fiscais, cobradores e motoristas substitutos - mobilizava outros 700 (Farias, 2002). A oferta de *vans e kombis* é bastante farta e a circulação

de passageiros igualmente intensa, a cooperativa oferece destinos como Freguesia, Taquara, Anil, Barra, Recreio, Gávea, Madureira. E também atua em outros itinerários que não necessariamente passam pela localidade. As kombis e vans concorrem diretamente com as linhas de ônibus urbanos que têm RDP em seu itinerário²², oferecendo mais ou menos os mesmos destinos, com exceção da linha que realiza o percurso até o centro da cidade.

Pensando na relação entre o itinerário das vans e kombis e o destino de seus passageiros, pode-se inferir que o destino 'Gávea' cobre o fluxo para a Rocinha, para o hospital Miguel Couto e é o itinerário que mais se aproxima dos bairros da zona sul. As linhas para 'Barra' e 'Recreio' e aquelas que seguem para a região de Jacarepaguá parecem suprir a demanda de transporte para o trabalho e para os shoppings. E em dias de sol cresce o número de vans com destino 'Praia'. A vantagem do transporte alternativo em comparação com as linhas de ônibus, está na maior quantidade e frequência com que circulam. Principalmente a noite em horário mais avançado, e durante a madrugada, é muito mais fácil conseguir pegar uma van ou kombi. Durante o trabalho de campo, quando circulava com meus amigos por fora da favela até altas horas da madrugada, era comum que recorrêssemos ao serviço.

Andar pelas ruas principais da parte mais antiga de Rio das Pedras faz esquecer que estamos numa favela e das condições precárias e de escassez a que parte se sua população está submetida. Como disse uma moradora, “parece até o comércio de Madureira”.

O comércio é um dos setores mais ativos de Rio das Pedras, o levantamento feito em 2001 localizou cerca de 1100²³ estabelecimentos comerciais. Em 2006 foi inaugurada uma filial de uma rede de supermercados de atuação mais forte em bairros da zona norte da cidade.

²² Linhas de ônibus que passam por RDP: Linha 734 (Rio das Pedras - Madureira); Linha 737 (Rio das Pedras - Curicica via Cidade de Deus); Linha 750 (Gávea - Rio das Pedras); Linha 751 (Rio das Pedras - B. da Tijuca); Linha 752 (Rio das Pedras-B. da Tijuca); Linha 267 (Praça XV- Barra); Linha 748 (Cascadura - Barra). (http://www.rioonibus.com/guia_de_itinerarios/, acessado em 03 de setembro de 2006).

²³ Farias (2002). Informação fornecida pelo diretor da extinta Associação de Comércio e Indústria de Rio das Pedras (Acirpe). Para informações mais detalhadas sobre o comércio local, assim como sobre a Acirpe, ver o mesmo artigo.

Ao lado do supermercado, na área limite entre Rio das Pedras e o Itanhangá, também em 2006 foi inaugurado um grande Bingo que ostenta na fachada o mesmo logotipo/ símbolo que estampa a bandeira da Associação de Moradores e Amigos de Rio das Pedras (AMARP). Um argumento comum de moradores que procuram positivar a “comunidade” apóia-se na variedade de ofertas de comércio e serviços, assim “tem tudo pertinho” e “você não precisa sair daqui pra nada se não quiser”. A única reclamação é a ausência de uma agência bancária, embora a existência de uma casa lotérica facilite o pagamento de algumas contas. Certa vez ouvi uma argumentação algo indignada: “como pode não ter nenhum banco se até na Rocinha, que tem tráfico, tem!”.

O núcleo original da favela parece ainda ser o centro comercial mais forte, talvez porque fique numa área que funciona como acesso para os bairros adjacentes e muito freqüentada por não-moradores. Entretanto, as áreas de formação mais recente como os areais, também abrigam inúmeros estabelecimentos de diversos tipos. Em verdade, é impossível descrever a miríade de estabelecimentos comerciais e serviços disponibilizados. De loja exclusiva de sandálias *havainas* de todos os tipos até academias de ginástica. As *lan-houses* parecem ser o negócio em expansão do momento, nelas os computadores equipados com acesso à internet e jogos eletrônicos podem ser utilizados pagando-se R\$ 2,00 por hora.

Além de algumas barracas e camelôs de rua vendendo produtos dos mais variados, encontramos inúmeras lojas de roupas e sapatos, lojas de móveis e de material de construção, brechós de eletrodomésticos e aparelhos eletrônicos em geral, loja de material de pesca, de artigos religiosos, mercadinhos, papelarias, jogos eletrônicos pela internet, lojas de computadores e produtos de informática em geral, lojas de celular de todas as operadoras, estabelecimentos especializados em produtos do nordeste, estúdio de tatuagem e *piercing*, academias de ginástica, drogarias e perfumarias, pequenas vendas, restaurantes, lanchonetes, salões de beleza, locadoras de filmes, padarias, mercadinhos, uma infinidade de bares e

biroscas etc. A maioria funciona até 10 ou 11 horas da noite, sendo que biroscas e bares (incluindo estabelecimentos modestos até espaços grandes com *jukebox*, máquinas de diversões eletrônicas, televisões etc) avançam madrugada adentro, mesmo durante a semana. Ainda existem estabelecimentos 24h, alguns desses bares e lanchonetes e pelo menos uma farmácia.

Os bailes *funk* que acontecem no Castelo das Pedras ocupam um lugar especial na estrutura de lazer e, de maneira mais ampla, comercial de Rio das Pedras. Em entrevista realizada em 2001²⁴ o dono da casa que abriga os bailes explicou:

“Todos aqui que têm comércio [...] vira pra mim [...] quando eu passo: ‘muito obrigado!’. Obrigado por que? ‘Porque se hoje o meu comércio funciona até as 4 da manhã é graças a você’. Eu falei: ‘como assim?’ Aí eles me explicam: ‘porque você bate na televisão que aqui é violência zero, você passa uma coisa para as pessoas que aqui não tem violência [...]’. Quer dizer que o público que está vindo aqui. E não vem só dia de baile não, [...] vem gente de fora pra comprar aqui, às vezes dia de semana. Segunda, terça-feira, que está em algum lugar, pensa em tomar uma cerveja, um refrigerante e em comer um churrasco, vem aqui dentro de Rio das Pedras [...] onde não tem violência, onde não vai acontecer comigo [...] Rio das Pedras, então, virou um ponto de referência.”

O baile do Castelo das Pedras cumpre papel significativo na produção de uma imagem de valorização positiva da “comunidade” e talvez do próprio *funk* na cidade de maneira mais ampla. Em fins da década de 1990 e início de 2000, os bailes ocorridos em Rio das Pedras ganharam notoriedade e atenção na mídia. O “*funk* sem violência” do Castelo se constituía em oposição ao “*funk* violento” que até então parecia dominar a cena. Na mesma entrevista de 2001, o dono do Castelo diz:

“Nós estamos aqui há três anos tocando funk [...] O que é mudar a cara do funk? É fazer um funk sem violência, que você sabe que há três, quatro anos atrás você só lia nos jornais que o funk tinha corredor, lado A, lado B, morte. Então nós começamos a

²⁴ Entrevista realizada no âmbito do projeto “Rio das Pedras e a Questão Urbana”, Departamento de Sociologia e Política da Puc-Rio, 2001.

fazer um trabalho aqui [...] fazer uma violência zero. Dentro dessa comunidade que é o Rio das Pedras não tem tráfico de drogas, então ficou fácil, fácil [...] a própria comunidade ajudou o Castelo das Pedras a fazer um baile sem violência [...]"

Ao longo de toda a entrevista, as falas são repetitivas em torno da afirmação da não-violência e ilustrativas da imagem que a “comunidade” criou para si e que se esforça em reproduzir e divulgar²⁵. As figuras do “corredor”, do “lado A” e do “lado B” que aparecem no trecho transcrito acima, organizam um tipo específico de baile *funk* onde uma linha imaginária dividia “galeras” rivais em “Lado A” e “Lado B”, formando assim o “corredor”. Esses eram bailes ocorridos em clubes, onde o “corredor” funcionava como “uma espécie de arena de combate onde turmas de rapazes dançavam, ao mesmo tempo em que se enfrentavam a socos e pontapés” (Cechetto, 2004: 117). Esse tipo de “corredor” só podia existir em bailes ocorridos fora das favelas, já que nelas o controle exercido por traficantes armados só permitiria a existência de “galeras de localidades ‘amigas’”.

Vianna (1996) apresenta uma breve análise de como o *funk* passou a ser representado como um fenômeno violento, apontando como marco desse processo um episódio ocorrido na praia do Arpoador em 1992 e que ficou conhecido como “arrastão”²⁶. Para o autor, o confronto teria sido uma “tentativa das ‘galeras’ de diferentes favelas cariocas [...] de encenar na areia da praia o ‘teatro da violência’ que inventaram nas pistas de dança” dos bailes (: 180). Segundo Cechetto (2004), “o ‘arrastão’ foi associado ao caos urbano, e este a grupos como negros, suburbanos e integrantes das galeras funk”(: 115).

O “funk sem violência” de Rio das Pedras foi responsável pela projeção da “comunidade” em programas de televisão. O próprio Castelo possuía um programa próprio

²⁵ Dos relatórios da pesquisa realizada pela Puc-Rio em 2001 consta a menção a “visibilidade do funk” que juntamente com a “ausência do tráfico” e da “proximidade com a Barra da Tijuca” contribuem para a formação da categoria “Orgulho de Rio das Pedras” operada por seus moradores.

²⁶ Partindo do episódio do mesmo “arrastão”, Cunha (2001) discute as representações produzidas pela mídia e sua repercussão entre um grupo de jovens da favela de Vigário Geral. O trabalho explicita algumas das relações que podem ser percebidas entre os jovens, territorialidade, cor/raça e a sociabilidade do *funk*.

diário na TV mostrando cenas do baile. A fama do baile sem violência foi fator de atração de freqüentadores da classe média da cidade e de pessoas famosas como jogadores de futebol e atores da Globo. Algumas gravações de programas da emissora (como Xuxa e Casseta e Planeta) aconteceram ali.

O dono da casa (que não mora em RDP) ainda conta que no momento da entrevista mantinha uma parceria com a associação de moradores que consistia na substituição da entrada cobrada de mulheres aos domingos, pela arrecadação de mantimentos para cestas básicas distribuídas pela associação de moradores. Um outro comprometimento era o de só empregar moradores de RDP²⁷.

Atualmente o baile de Rio das Pedras já não mantém a mesma notoriedade (e tampouco o *funk* uma associação tão diretamente ligada à violência), apesar de continuar famoso e ainda receber bastante gente “de fora” e eventualmente atores “Globais”. Contudo, esse foi um dos modos com que a tão reiterada “tranqüilidade” atribuída à favela e estendida aos bailes *funk* - ou vice-versa - ganhou visibilidade. Logo, foi de fundamental importância para a construção de certa imagem de RDP, tanto para os próprios moradores quanto externamente.

Desde esse período, a “moda *funk*” e o próprio Castelo das Pedras já alternaram fases de maior e menor popularidade. Quando iniciei o trabalho de campo, em novembro de 2004, visitei o baile e o movimento estava bem fraco. Apesar de continuar como forte referência de entretenimento para os jovens da localidade, a casa não lotava e eram poucos os “de fora” que ali estavam. Em meados de 2005, novos lançamentos do *funk* fizeram com que o gênero

²⁷ No *site* do Castelo das Pedras, uma sessão com o nome de “Responsabilidade Social” divulga o “Centro de Apoio Castelo das Pedras”, fundado em 2005. Segundo o site, o Centro localizado em São Gonçalo “disponibiliza vários serviços gratuitos à Comunidade atendendo uma média de 320 famílias p/ mês”. Entre os serviços constam: cursos profissionalizantes, oficinas de artesanato, consultas médicas ambulatoriais, pediatria e encaminhamento para oftalmologia e exames laboratoriais. (<http://www.castelodaspedras.com> último acesso em 20 de março de 2007).

ganhasse novo fôlego e ao final desse ano o Castelo voltou a lotar seu espaço e a receber os freqüentadores de fora da “comunidade”. Adiante, no capítulo 3, volto a tratar do baile.

Territórios e Sentidos

Como vimos, Rio das Pedras tem diversas áreas e subáreas. No entanto, de modo mais generalizado, poderíamos dizer que a favela vai “favelizando” em direção a lagoa. Ali são mais precárias as condições de saneamento, mais pobres são as moradias, mais precárias as condições de abastecimento de luz e água.

De forma contraditória, embora as partes de ocupação mais recente tenham condições mais precárias, o aspecto de sua organização espacial é consideravelmente melhor, posto que são áreas de ocupação planejada. Ali a organização do espaço é simples: duas ou três ruas principais onde se concentra o comércio e pequenas ruas perpendiculares de residências, em sua maioria. O espaço é planejado para ser um bairro como outro qualquer e não fosse a falta de calçamento nas ruas e o aspecto inacabado de algumas das construções, de fato essa seria a impressão: um pequeno bairro de subúrbio. Já no núcleo mais antigo é grande a discrepância entre as ruas principais e as estreitas ruelas e becos mal ou não-planejados que dão o tom do “aglomerado subnormal” denso e desordenado²⁸, apesar das (nem sempre regularizadas) boas condições do fornecimento de água e luz.

²⁸ Definição do IBGE: “Aglomerado subnormal (favelas e similares) é um conjunto constituído de no mínimo 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, bem como carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais.”

Contudo, a distinção mais significativa no cotidiano local é a que separa seus territórios em ‘com lama’ e ‘sem lama’. Algumas características marcantes desses territórios podem ser enumeradas a partir dessa distinção.

Com lama a paisagem é marrom, mole. O barulho é de gente passando, conversando, de crianças brincando, de bares, de televisores, de música alta. Por ali quase não circulam ônibus, vans ou kombis. Mesmo a circulação de carros particulares é pequena, o mais comum são as motos e as bicicletas. Essas são as partes mais recentes de ocupação da favela: Pantanal, Areinha, Areal I, Areal II e Vila dos Caranguejos.

Referências à lama são freqüentes no dia-a-dia tanto em sinceras injúrias contra a lama (durante o trabalho de campo me peguei por diversas vezes esbravejando silenciosamente com os pés cheios de barro) quanto em piadas. Se chover quem pode evita circular pelas áreas não asfaltadas, quando me mudei ouvi de várias pessoas “quem pisa na lama de Rio das Pedras não sai mais daqui!” ou a variação “quem pisa na merda do Rio das pedras não sai mais daqui”. Inicialmente essas declarações me pareceram ter uma conotação positiva, de apego ao local que era efetivamente “bom pra morar”. Entretanto, pensando retrospectivamente, noto que em algumas vezes poderia haver certo tom de ambigüidade indicando algum aspecto da imobilidade social de quem se fixa na favela.

É preciso adquirir competência para andar (e conviver) com a lama, os calçados mais comuns são os chinelos e sandálias de plástico, mais fáceis de serem lavados e retirados ao entrar em casa (prática corriqueira e considerada quase indispensável). Desde as primeiras andanças por RDP fui percebendo que andar na lama exige certa habilidade. Comecei a reparar que os meus pés e (às vezes também as pernas) sempre ficavam mais sujos do que os dos que me guiavam. Notei que existia certa técnica que eu não dominava, pois para mim era extremamente difícil andar no chão de terra mole, pular os buracos, tentando manter os pés tão limpos quanto possível e ainda prestar atenção ao ambiente em meu redor e não me

perder. Aos poucos fui percebendo (e na medida do possível aprendendo) que fazia parte da “técnica” andar pelas beiradas, equilibrar-se na sandália ou chinelo de modo a não deixar nenhuma parte do pé escorregar para fora, pisar de forma que não espirre lama para os lados e tomar certa distância para que a lama de quem esteja andando por perto não respingue em você, andar olhando para baixo prestando atenção onde se pisa e sem perder de vista o horizonte, pois senão corre-se o risco de ficar “ilhado” e ter de voltar atrás de um trajeto “mais seco”.

O território sem lama é duro e acinzentado. Também é aquele por onde mais circulam carros, ônibus, motos e onde mais percebemos o movimento de pessoas apressadas a pé. É o lado “de fora” por assim dizer. São os espaços que conformam o núcleo mais antigo de formação da localidade: Avenida Engenheiro Souza Filho (recentemente asfaltada e limite entre as partes mais antigas e as de formação mais recente), Rua Velha (a primeira de RDP), Rua Nova e a subárea Pinheiro²⁹. Estando no Areal, por exemplo, é comum que se diga que se vai “lá fora”, aludindo a alguns desses espaços.

Com lama ou sem lama, a poeira é onipresente já que as obras são onipresentes. Há sempre algum monte de tijolo, areia, terra, pedras ou entulho. É impressionante a velocidade com que a paisagem muda. Quando aluguei apartamento, havia um terreno a frente de minha porta com alguma vegetação, duas grandes árvores e um coqueiro. Na semana seguinte o terreno estava vazio e em três meses já existia ali um prédio de cinco andares e um outro com estruturas erguidas até o primeiro andar.

Em setembro de 2006, um mês após a minha mudança, Rio das Pedras ganhou uma matéria de capa no suplemento de bairro do jornal O Globo. A capa, ilustrada por uma grande foto de prédios em construção, estampava: “Crescimento Sem Limites. Verticalização: nova etapa de expansão de Rio das Pedras”. O conteúdo “denunciava” construções de até cinco

²⁹ Apesar de não fazer parte do núcleo original da favela, o setor Pinheiro conformou-se como um local privilegiado por localizar-se num terreno elevado, portanto livre de alagamentos.

andares sem qualquer tipo de licença ou fiscalização e era recheada de fotos de prédios já concluídos e em fase de construção na subárea chamada de Pinheiro, justamente onde aluguei um conjugado. Ainda segundo o mesmo jornal, “apesar de beneficiada com o programa Favela-Bairro em 1999, a favela de Rio das Pedras não parou de crescer” e segundo “líderes da região” já seriam mais de 80 mil moradores³⁰.

Em 1997, Pinheiro foi o primeiro setor de Rio das Pedras a receber as obras do Favela-Bairro. Ali, segundo o site da prefeitura³¹, foi investida parte do total dos R\$33 milhões destinados à urbanização da favela, na construção de praças e um conjunto de 16 prédios para onde seriam removidos moradores de outras áreas a receberem obras. A implantação do programa parece ter encontrado certa resistência por parte de alguns moradores pela maneira como foi planejado e em parte executado.

Ferreira (2002) menciona a complexidade das remoções suscitadas por obras como o Favela-Bairro e apresenta um exemplo da motivação de algumas pessoas se oporem ao programa. Alguns dos moradores resistiriam à mudança alegando que a troca de seus “barracos” por uma unidade daquelas construídas pelo governo” seria desvantajosa, devido ao fato dos “barracos”, na maioria das vezes, possuírem mais de um andar e a locação dos andares não habitados servirem como ‘uma aposentadoria’ para os seus proprietários” (: 197). Burgos (2002) expõe a relação conflituosa entre os técnicos do programa da prefeitura e a associação de moradores. Aqui a força e influência da associação voltam a aparecer de forma bastante expressiva. Por pressão de seus líderes, projetos foram alterados, desapropriações anuladas e remoções recuperadas. As críticas insidiam sobre a falta de escuta às demandas da “comunidade” e sobre engenheiros e arquitetos “que fazem tudo do jeito deles” sem consultar

³⁰ O jornal traz uma declaração do prefeito César Maia, que explica sua lógica diante da “inevitabilidade” da questão: “A verticalização nem sempre é um mal. Na verdade, muitas vezes é melhor que a expansão horizontal da comunidade. O ponto é a taxa de natalidade e a migração. Se a família das pessoas mais pobres crescem a taxas bem mais altas que as de classe média, cresce proporcionalmente a demanda por moradia. Em geral, resolve-se isso com uma laje a mais”. (Jornal *O Globo*, suplemento de bairro: *Barra*. 7 de setembro de 2006)

³¹ http://www.rio.rj.gov.br/habitat/grd_favelas.htm, último acesso em março de 2007.

os moradores. Igualmente apontavam que as obras eram mal-feitas, portanto “não dão certo ou logo estragam”³².

Por conta do local onde moravam as pessoas com quem eu tinha contato mais regular, minha área de circulação mais comum ficou entre as subáreas de Pinheiro (onde era minha casa) e Areinha/ Areal. Entre estas duas áreas está o núcleo original e a área mais central da favela que tem como ruas principais a Rua Velha, a Rua Nova, a Av. Engenheiro Souza Filho e a Estrada de Jacarepaguá. Em todos esses locais o movimento é constante, durante o dia, a noite e até mesmo na madrugada. Ouvei mais de uma vez de moradores que “Rio das Pedras não pára”, sempre tem alguém voltando do “serviço”, garçons ou seguranças, e daí os muitos bares e outros estabelecimentos que funcionam 24 horas.

Controle negociado e violência

Como já foi dito Rio das Pedras não se enquadra no padrão recorrentemente referido nas narrativas sobre as favelas do Rio de Janeiro³³ e tampouco na abordagem mais freqüente dos estudos sociológicos, que costumam enfatizar a dimensão da criminalidade violenta e suas causas e desdobramentos³⁴.

A explicação para essa exceção à regra quando nos referimos às favelas cariocas estaria na substituição da força dominadora (tanto político-social quanto econômica) do tráfico por uma intensa atuação da associação de moradores, que contando com o apoio do

³² Cf. Relatório parcial de pesquisa do *Projeto Rio das Pedras e a Questão Urbana*. Departamento de Sociologia e Política – PUC-Rio, 2001.

³³ Em 2005, o “modelo” de Rio das Pedras já recebia atenção nos jornais: “Modelo Rio das Pedras: Até o vetusto diário 'The Wall Street Journal' já falou sobre a ausência de traficantes em Rio das Pedras — tida como a favela que mais cresce no Rio, com 110 mil moradores. Segundo o jornalão, isto se deve à ação de ‘justiceiros’ que afastam à bala o narcotráfico.” Coluna de Ancelmo Góis - *Jornal O Globo*, 13 de fevereiro de 2005.

“Milícias de PMs expulsam tráfico [...] o primeiro modelo de favela sem tráfico surgiu em Rio das Pedras [...] O assunto é tabu entre os moradores, mas os mais corajosos contam que a lei e a ordem no local são mantidas pela ‘mineira’, grupo armado que mantém, afastados os traficantes da região”. *Jornal O Globo*, 20 de março de 2005.

³⁴ Cf. Zaluar & Alvito (1998), Leite (2000), Zaluar (2004 e 1985), entre outros.

forte comércio, do mercado imobiliário em expansão e das cooperativas locais, controla, oferece suporte e procura suprir as demandas da “comunidade”. Mas não só, como veremos adiante.

Reportando-se a pesquisa realizada em 2001, Moutinho (2002) considerou que o tráfico de drogas e a violência que lhe acompanha “aparecem em Rio das Pedras como o eixo estruturador das relações sociais – ainda que seja pela sua negação” (: 238). Ao discutir a presença de uma força controladora denominada “polícia mineira”, responsável por coibir toda atuação “indesejável” no local, a autora revela que as referências e narrativas a respeito da atuação desse tipo de poder a fizeram pensar na “idéia de ‘profecia que se cumpre por si mesma’ desenvolvida por Merton” e a vivência dessa não-violência, seria articulada como eixo de estruturação e organização do poder local. Por ocasião da mesma pesquisa, Burgos (2002) apontou para o indicativo de que policiais que moram ou freqüentam a favela estariam a cargo da segurança do local. Entretanto, por ser esse “um território da cidade informal, o grau de arbítrio desse tipo de segurança pública é fracamente regulado pelo ordenamento jurídico, estando amplamente permeável a uma moralidade local, para qual é legítima a máxima ‘aqui, só quem faz besteira some’” (: 63).

Certa noite, em uma de minhas primeiras visitas a Rio das Pedras, enquanto caminhava com uma moradora, ela ia me mostrando alguns seguranças da rua e explicava que eles seriam pagos pelos próprios moradores e que também contavam com a ajuda da associação. Estes seguranças seriam policiais que fazem “bico” ou policiais aposentados, moradores ou não de RDP. Por isso, diz ela, “aqui não tem esse negócio de tráfico”.

Em dezembro de 2006, episódios de violência ocorridos na cidade trouxeram um número de manchetes e pequenas e grandes matérias para os jornais. Durante dois dias traficantes cometeram uma série de ataques contra delegacias e postos policiais e incendiaram um ônibus na Avenida Brasil. O conflito resultou em 18 mortes (sendo a grande maioria de

civis) e em notícias alarmantes que justificavam a onda de ataques como sendo um protesto de traficantes contras as “milícias”³⁵ que invadiam e tomavam o controle de diversas favelas da cidade.

Segundo os jornais, um relatório da Subsecretaria de Inteligência do estado do Rio de Janeiro cita a presença de “milícias” em 92 das cerca de 510 favelas registradas na cidade. Em fevereiro de 2007 reportagens já falavam em “guerra entre tráfico e milícias”. Os “milicianos” atenderiam pelo nome de “polícia mineira” e seriam grupos formados por bombeiros, policiais civis e militares, aposentados ou na ativa³⁶. Rapidamente Rio das Pedras começou a aparecer na imprensa como exemplo de grande favela que nunca teve a presença do tráfico e como reduto “tradicional” de grupos de “paramilitares”. A imprensa ainda falava de taxas pagas por comerciantes, exploração do comércio de gás e exploração de cooperativas de transporte³⁷. Mas a “milícia” de RDP seria distinta dessa que ganha notoriedade, pois em RDP seria formada por moradores que se organizam para “defender a comunidade” que jamais teve a presença do tráfico e não por grupos que se formam para invadir e tomar o controle de favelas antes dominadas por traficantes. Algumas notícias ainda insinuavam que associações de moradores funcionariam como um “braço legal” do poder das “milícias”.

Nessa dissertação não me ateno a discutir esse ponto da vida social de RDP, entretanto é significativo reter o quanto essas histórias e representações a respeito da “mineira” estão presentes e são articulados nos discursos e práticas da vida diária da favela.

Durante a primeira fase do trabalho de campo não fiz nenhuma referência direta à “polícia mineira” e tampouco esta foi mencionada. Em geral, espontaneamente no meio da

³⁵ Categoria difundida pelos jornais e que passou a ser largamente utilizada no meios de comunicação em detrimento do termo “polícia mineira”, apesar de guardar concordância com seu significado.

³⁶ “A polícia privada das favelas” (*Correio Brasiliense*, 07 de janeiro de 2007); “Direito de ir e vir sob controle” (*Jornal O Globo*, 08 de fevereiro de 2007).

³⁷ “Cabral afirma que não vai tolerar ação de milícias no estado” (www.oglobo.com 07 de fevereiro de 2007); “PMs acusados de colaborar com milícias darão depoimento” (www.opovo.com.br 06 de fevereiro de 2007); “Inspetor sob suspeita” (<http://jornalnacional.globo.com> 06 de fevereiro de 2007).

conversa acabava surgindo alguma referência à “tranqüilidade” que é a vida em Rio das Pedras, o “melhor lugar pra criar família”. Após mencionarem essa tranqüilidade, perguntava o porquê da mesma ou o porquê de não haver violência. A explicação mais comum se referia ao controle exercido pelos próprios moradores que não “deixam” a criminalidade se instalar. Uma fala freqüente ao serem questionados sobre criminalidade violenta era “Quando tem coisa errada a gente denuncia!”. Porém, o destinatário desta denúncia, nunca aparecia de forma clara. Vagamente alguém podia se referir à polícia, ao “pessoal que se organiza”, aos “amigos que ajudam”, ao “Disque-Denúncia” e até mesmo um simples “tem quem faça!”, porém não aparecia uma resposta direta a esse respeito.

A situação mudou quando me mudei para lá. Simplesmente não era mais considerada uma pessoa “de fora” e, como dito no capítulo anterior, era tratada como uma nova vizinha ou amiga e não como pesquisadora³⁸. E desse modo, quase que automaticamente, deixou de haver constrangimento no trato do assunto e as referências à “mineira” passaram a ser rotineiras. De forma surpreendente inclusive, a antes recorrente menção a tranqüilidade de RDP foi substituída por narrativas que remetiam a controle, medo de represálias e coerção.

A ausência do tráfico não significa a conformação de um território livre de poderes coercitivos ou a superação do que Machado da Silva (2002) chama de “controle negociado” que representaria um “mecanismo de continuidade de uma cidadania restrita, hierarquizada e fragmentada” (: 224) Aspecto também assinalado por Burgos (2002):

“[...]mesmo sem a presença do tráfico na favela, esse território habitacional costuma abrigar poderosos mecanismos de controle social, que, embora constituam, em muitos casos, cidadelas que protegem parcialmente seus moradores da insegurança social e da escassez absoluta, trazem consigo mecanismos de regulação da participação política, que contribuem para mantê-los afastados da *polis*.” (: 22)

³⁸ Situações como essa remetem diretamente a idéia de “discurso mimético” desenvolvida por Carvalho (1991) e explicitada no capítulo anterior. Narrativas que tomam forma de acordo com quem é o interlocutor a quem são dirigidas.

Zaluar e Alvito (1998) chamam atenção para necessidade de superar a visão da favela como lugar da “carência” por excelência e das perspectivas que reforçam a existência de uma dualidade fundamental entre um mundo urbano e um outro tradicional. Dualidade que seria “usada em diferentes contextos e com diferentes conotações para expressar a superioridade de uma região, estado, cidade ou parte da cidade sobre outras regiões, estados, cidades ou partes da cidade”. E que, no Rio de Janeiro, encontraríamos “na oposição favela x asfalto uma de suas encarnações”(13). Nesse sentido é que acredito ser o caso de Rio das Pedras um bom ponto de partida para o desenvolvimento de uma reflexão que contribua para o abrandamento dessa dualidade, entendendo (como indicado por Burgos, 2002) que hoje grande parte da cisão favela *versus* asfalto tem como origem o problema da violência proveniente do crime organizado.

Valladares (2005) refaz o percurso social, histórico e político através do qual a *favela* foi “inventada” como categoria e nos revela os três supostos, que a autora chama de “dogmas”, sustentados tanto por políticas públicas e seus responsáveis, pesquisadores, Ongs e agências de financiamento, quanto por parte dos moradores e associações de moradores das favelas. Esses “dogmas” seriam algumas características tidas como intrínsecas às favelas e não como aspectos relativos.

O primeiro suposto seria a “especificidade da favela” afirmada por uma suposta identidade espaço-territorial. Marcada por uma “geografia própria, mas também pelo estatuto da ilegalidade da ocupação do solo, pela obstinação de seus moradores em permanecer na favela [...] e por um modo de vida cotidiano diferente, capaz de garantir sua identidade. [...] assim, a favela condicionaria o comportamento de seus habitantes, em uma reativação do postulado higienista ou ecologista da determinação do comportamento humano pelo meio” (:150).

O segundo suposto traz a favela como “locus da pobreza”, simbolizando o território dos problemas sociais. A autora exemplifica esse aspecto através do termo favelado que originalmente significava o habitante da favela e que é popularizado re-significado como pobreza e/ou ilegalidade. “[C]om a crescente difusão da favela como enclave, reafirma-se a pobreza engendrando a pobreza, e a pobreza engendrando problemas” o que encerraria um “circulo vicioso de estigmatização” (:151).

O terceiro suposto trata da afirmação da favela como “unidade” tanto nas análises científicas quanto na arena política. Para Valladares, apesar do reconhecimento de sua multiplicidade, o universo das favelas ainda é reduzido pelo hábito a uma categoria única desprezando-a em sua diversidade de relações e situações sociais. Apesar do reconhecimento de um “universo muito variado geográfica e demograficamente [...] negam suas diferenças de natureza sociológica” (:152).

Esses seriam supostos relativizáveis já que facilmente reconheceríamos outros espaços da cidade, bairros da periferia, pequenos loteamentos e subúrbios da cidade cumprindo com as características supostas para as favelas e que inclusive muitas vezes deixam de ser incluídas em planos de ação de ongs e políticas públicas e também de estar na agenda de pesquisadores como espaço privilegiado para a pesquisa por não serem enquadrados na categoria *favela*.

Considero que esses “dogmas” sustentados por Valladares devem ser de algum modo levados em consideração uma vez que não me concentrei em um estudo de Rio das Pedras como *favela* enquanto categoria delimitada por esses termos. Sem dúvida Rio das Pedras como um todo não pode ser tida como “*locus da pobreza*”, lugar da carência por excelência embora esta esteja ali presente. Conseqüentemente de modo algum representa uma “*unidade*”. E sua “*especificidade*” não está no fato de ser uma *favela*, mas está no fato de ser *favela sem trafico*. Um espaço geograficamente delimitado e marcado por características particulares de conformação social e políticas próprias³⁹.

³⁹ Volto a tratar de como a ausência do tráfico de drogas pode ter influência em determinadas esferas da vida social no capítulo 3.

Personagens e andanças

Fiz desacompanhada as primeiras andanças por Rio das Pedras. Circulava pelas ruas principais para não me perder e tinha certo receio de entrar em algum lugar que fosse inconveniente, mas dessa forma consegui montar um mapa mínimo de sua estrutura espacial. Somente quando passei a acompanhar moradores pelo seu dia-a-dia na favela é que realmente pude compreender certos aspectos de seus “caminhos”. São pessoas que além de ter seguido em seu cotidiano também entrevistei. E foi a partir do que me disseram, assim como do que se recusaram a me dizer, que fui direcionando meu olhar por RDP.

Na primeira fase da pesquisa duas “personagens” foram fundamentais, pois de maneiras distintas e particulares me apresentaram a parte do universo de RDP.

A primeira foi Teresa. Tem 45 anos, veio de Alagoas se considera “assim uma morena”, explicou-me que é filha de português com índio e que na sua família tem muita mistura. É soropositiva e assume essa identidade de forma afirmativa, sua vida e participação na “comunidade” são muito construídas em cima desse fato. Sua história de vida é complexa e mesmo depois de entrevistas tive dificuldade de organizar os fragmentos de sua trajetória, já que ela mesma não a tem muito organizada em discurso. Veio para o Rio com cerca de 20 anos, morou primeiro em Copacabana e depois passou por outros locais até chegar à Cidade de Deus e depois em Rio das Pedras. Em uma entrevista ela contou que entre a Cidade de Deus e Rio das Pedras já está há mais de 25 anos, mas não consegue se lembrar a quanto tempo exatamente mora direto em RDP. Disse ter pavor da Cidade de Deus, lá tem “muita violência” e “é muito agressivo”, sempre marcando a diferença de RDP: “uma maravilha”, “muito tranquilo”. Quando perguntei se realmente não existia violência em RDP, ela disse: “Olha, só tem assim, se o cara fez errado tem que apanhar, né. Se o cara chega aqui querendo

bagunçar, não pode. Porque aqui é um lugar muito tranquilo”. Quando falamos sobre o desejo ou possibilidade de se mudar da favela algum dia, Teresa disse: “nunca! Quero ficar bem velhinha aqui!”. E resumiu o carinho e apoio dos amigos que recebe ali, exclamando: “tenho um conhecimento muito grande aqui!”.

Ela já esteve muito doente e agora está bem, me mostrou os últimos exames com a carga viral zerada. Credita essa “cura” a sua fé religiosa, quando descobriu o HIV se converteu, agora é evangélica e diz que Jesus a abençoou.

Conheci Teresa na primeira fase da pesquisa entre heterossexuais, quando buscava realizar entrevistas com pessoas engajadas em relacionamentos heterocrômicos. Ela me contou alguns de seus casos amorosos e que sempre eram os “mais claros” que a procuravam. Em um primeiro momento disse não perceber diferenças entre homens de cores diferentes, para ela o que faz diferença mesmo é a idade. Gosta dos mais jovens porque “são mais compreensivos e mais amorosos”, os mais velhos são “mais duros” e “machistas”. Depois se lembrou que existe sim uma diferença de cor na hora do sexo: “homem branco é mais fraco”, “cansa mais fácil”. Negava com tanta veemência ter sofrido ou presenciado a manifestação de qualquer tipo de preconceito em Rio das Pedras - por cor, orientação sexual, origem regional ou por ser soropositiva - que chegava a me parecer suspeita sua recusa em avançar no assunto.

Sempre animada e sorridente, ela foi muito simpática e receptiva desde o primeiro dia em que nos conhecemos e logo passei a ser apresentada por ela como sua amiga “jornalista” ou “da universidade” (ela costumava se confundir entre as duas coisas). Foi com ela que comecei a conhecer Rio das Pedras pelo “lado de dentro”, além das ruas principais que fazem parte do trajeto de qualquer de um que faça de RDP o caminho entre Itanhangá e Jacarepaguá, p.ex. Ela foi me apresentando as diferenciações internas da favela. Explicava-me que “lá pra dentro, Areinha, Areal, tá em obra ainda. O Pinheiro já está mais moderno. A Rua Nova também”.

Passei alguns dias inteiros a acompanhando pela “comunidade”. Teresa sempre fazia questão de ressaltar o apoio que vinha recebendo dos amigos e do “pessoal da associação” desde que se descobriu soropositiva. Mostrava o “passe livre” que tinha para usar os serviços da cooperativa de vans, contava sobre a ajuda que recebeu para conseguir lugar para morar, para montar sua casa e para conseguir trabalho.

Além disso, Teresa fez questão de me mostrar o comércio de RDP, as lojas que achava mais “bacanas” e gostava de me apresentar ou me apontar as pessoas que considerava “importantes” por lá. Por vezes essa “importância” queria dizer que eram pessoas que tinham dinheiro e não precisariam estar ali, mas que continuavam “apoiando a comunidade”. Outras vezes eram pessoas envolvidas com a associação de moradores. Também podiam ser donos de serviços ou negócios na “comunidade”, como o dono de uma das rádios comunitárias, donos de lojas etc. O que mais me impressionou foi o “dono” de um serviço de agiotagem. Estive em seu escritório com ela, muito bem montado e com uma sala de espera bastante movimentada. Teresa também me mostrou as obras de urbanização do Favela-Bairro que naquele momento (início de 2005) estavam paradas, mas explicando que com a eleição de Nadinho para a câmara dos vereadores logo seriam concluídas.

No primeiro de nossos “passeios” ela me levou para conhecer sua casa, dizendo para que eu não reparasse: “é um barraco mesmo” mas “pra não pagar aluguel tá bom”. A casa em que ela morava na época fora “emprestada” pelo “pessoal da associação”, enquanto ela esperava a construção de uma outra que iriam lhe dar. A casa era um barraco construído com compensados de madeira e tapumes reaproveitados. Um único cômodo onde um lençol estendido fazia as vezes de divisória entre a sala, na parte da frente, e a cozinha na parte de trás - e imaginei também o espaço para dormir já que não havia uma cama. Na parte da frente havia um sofá bem gasto de três lugares, uma TV pequena, um aparelho de som, uma mesinha com o telefone. Na parte de trás uma mesa, geladeira, fogão. Bem nos fundos, num canto a

direita, um chuveiro e uma privada reservada por uma cortina de plástico. Ela morava ali com dois filhos que estavam na casa dos 20 anos.

Teresa sabia de meu interesse em também desenvolver minha pesquisa entre homossexuais e durante nossos passeios vez por outra cruzávamos com algum homem ou mulher e ela baixava a voz, dizendo em tom de segredo: “ele é bicha, ninguém diz, né?” ou “aquela é sapatona”.

Após esses primeiros passeios com Teresa, investi em me aproximar de Bebel, que na verdade foi o meu primeiro contato. Por conta de sua atuação como “educadora social”, parecia-me interessante entender e acompanhar o seu envolvimento com a “comunidade”. Com ela conheci um pouco das situações mais difíceis e das condições mais precárias da vida de Rio das Pedras.

Bebel tem 35 anos, se autocalifica como negra, também conta que veio de uma família muito misturada, sua mãe é negra e o pai branco. Tem dois filhos de casamentos diferentes. Antes de morar em Rio das Pedras, morava em um bairro do subúrbio. Conheceu o marido – imigrante da região sul do país - num forró em RDP e tempos depois foram morar juntos lá mesmo. Isso já faz quase 10 anos. Disse-me que sua família é preconceituosa e não aceitou bem quando ela foi morar na favela, mas que ela se sente muito bem lá: “quando eu tô dentro do Rio das Pedras eu me sinto como se eu tivesse dentro da minha casa, né. Como se fosse só eu e a minha família. [...] Adoro! Eu brinco com as pessoas assim, eu, o Rio das Pedras me acolheu, né. E eu acabei abraçando a comunidade também”.

Bebel se define como uma “educadora social”, já trabalhou na associação de moradores e foi aí que começou seu interesse em realizar atividades voltadas para a “comunidade”. Através da ONG Cedaps⁴⁰ recebeu treinamento e “capacitação” e se tornou

⁴⁰ Cedaps – Centro de Promoção da Saúde. Segundo o *site* da ONG, suas atividades de intervenção dentro do “Programa Comunidades” operam com os conceitos de “redução da vulnerabilidade social à Aids e combate à pobreza; promoção da autonomia e do empoderamento”, através de atividades de “capacitação” e “empreendedorismo” (<http://www.cedaps.org.br> último acesso em 23 de março de 2007).

uma “agente comunitária de prevenção”, vinculada ao projeto “Rede de Comunidades na Luta Contra a AIDS”⁴¹. O projeto lhe fornece preservativos e material impresso educativo. Bebel os distribui na “comunidade”, em bailes *funk* e outros eventos dentro e fora de RDP. Em alguns desses eventos ela também canta, já compôs o “*funk* da prevenção”, além de outros temas abordando tuberculose e discriminação por gênero.

Entretanto - de forma condizente com seu jeitão sempre muito interessado e irrequieto - ela não limita sua atuação às atividades vinculadas à ONG. Ela só se recusa a criar vínculos com a associação de moradores e se envolver na política local. Já fez cursos em outros lugares, como de “proteção comunitária” na Defesa Civil, técnica em computação e outros voltados para “ajudar a comunidade”. Está sempre buscando recursos e apoio para os projetos próprios que tem para a “comunidade” (geralmente voltados para os “seus jovens”) e com frequência é chamada para participar de eventos em outras localidades.

Na época em que a conheci, Bebel trabalhava em uma rádio comunitária local. Apresentava um programa onde falava sobre “sexo, sexualidade, prevenção etc.”. Perguntei se ela fazia algum trabalho de prevenção mais direcionado para os “gays” e ela respondeu que:

“Não especificamente voltado, porque eu acho que é uma forma também de você também discriminar, né. Eu acho que quando a gente fala de sexo, de sexualidade, de prevenção, você tem que generalizar e aceitar as pessoas do jeito que elas são. Então [...] quando se fala de sexo, de sexualidade, de prevenção, de diversão, de barzinho, de tá dentro de casa, você tem que generalizar isso tudo porque se você acaba ‘ah, vou falar só de homossexualismo’ [...] Pô! Eu acho que tem uma discriminação, né”.

⁴¹ “A Rede é uma iniciativa social por comunidades saudáveis, inspirada no direito à saúde e no movimento internacional de Comunidades/Cidades Saudáveis, um programa global da Organização Mundial da Saúde. Em 10 de maio de 2005, na cidade do Rio de Janeiro, mais de 60 comunidades e o Centro de Promoção da Saúde lançaram as bases deste movimento através de um ato público com a assinatura da Declaração de Princípios por Comunidades Saudáveis do Estado do Rio de Janeiro. Este movimento foi apoiado pelo Ministério da Saúde, Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, OPAS - OMS, Dreyfus Health Foundation, Ford Foundation, várias universidades e outras ONGs.” (<http://www.cedaps.org.br/2547>, último acesso em 23 de março de 2007)

Quando nessa mesma entrevista conversamos sobre cor/raça em RDP, ela fez questão de dizer a localidade era “muito misturada” e “ponto de referência dos nordestinos”. E por mais que eu insistisse no tema da cor/raça em Rio das Pedras, ela deslocava a questão para falar de raça de maneira generalizada. Na época, Bebel vivia um relacionamento heterocrômico, mas me explicou que a raça não era fator importante na escolha amorosa: “o que conta mesmo é a educação”. Já teve namorados brancos, negros e “misturados” e disse: “eu não classifico as pessoas pela cor, é mais assim pelo que a pessoa traz pra você, né”. Mais adiante - sem que eu tivesse perguntado - mencionou que não concordava com cotas raciais, dizendo que não concordava com o argumento de que era uma “questão de dívida” e que achava “muito pouco promissor e mais ainda as pessoas aceitarem”. Deu-me uma justificativa elaborada:

“Porque o direito é pra todos e tem que ser igual. Não é por isso que eles lutam, por igualdade? Agora não precisa ser necessariamente na cotas. Agora o que eu acho que o governo tem que trabalhar é essa coisa das oportunidades, da melhoria da educação na escola que eu não vejo. Isso tudo dificulta o pobre dentro da comunidade. Essa questão da educação, do CA, do jardim, da primeira série, isso conta muito. E é isso que vai tá mesmo trabalhando essa questão, de tá dando oportunidade para todos. Não assim ‘vamos dar cota para deficiente’, não vamos fazer só para o negro e deficientes, não. Direito é pra todos, tem que trabalhar essa igualdade. Se a gente não trabalhar e aceitar, vai continuar sempre esse preconceito encoberto lá, camuflado. E todo mundo dizendo: “Ah, eu não tenho preconceito...” né? Que é o que você mais ouve por aí. Mas aí acaba, depois a pessoa, ela mesmo se surpreende em alguma situação, tendo algum tipo de preconceito.”

Muito politizada, além da cotas Bebel citou temas como: Estatuto da Criança e do Adolescente, discriminação de gênero, violência contra a mulher (física e psicológica), preconceito contra homossexuais (oscilando entre os termos ‘homossexualismo’ e ‘homossexualidade’). A impressão era de que mencionava essas questões como quem procura mostrar que tem domínio sobre o que está falando. Preocupada em usar os termos corretos

para lidar com cada temática e buscando demonstrar todo seu conhecimento e engajamento. Quando eu tentava explorar o modo como ela via tais temas se manifestarem em Rio das Pedras, logo buscava enfatizar que na verdade era um tipo de problema que existe em todo lugar e não algo específico da “comunidade”.

Seu trabalho em Rio das Pedras poderia ser descrito como o de uma assistente social. Sua casa é uma referência para os moradores. Local onde se pode pedir ajuda e aconselhamento para os mais diversos tipos de problema: tirar documentos, buscar crianças desaparecidas, ajuda para resolver disputas na justiça entre patroa e empregada, casos de violência contra a mulher, orientação sobre DST/Aids e pegar camisinhas etc.

Presenciei muitas dessas situações. Como um dia em que cheguei a casa de Bebel e encontrei uma mãe um tanto desesperada, aos prantos porque a filha de 11 anos havia fugido de casa e levado consigo o irmão de 9 anos. Ou em outra ocasião em que apareceu por lá uma mulher grávida de oito meses pedindo ajuda para entrar na justiça contra a patroa que lhe devia quatro meses do salário. Uma noite enquanto conversávamos, uma menina bateu na porta com o olho ainda sangrando por causa do soco que levava do namorado. Aparentemente o sujeito ficou irritado porque a menina o impedia de entrar em sua casa, já que não queria deixá-lo ver o “filho” - que naquele momento era o feto de 4 meses que ela carregava na barriga.

Bebel é do tipo que chama a atenção. Bonita, com seus gestos amplos e sorriso largo. Todos na “comunidade” a conhecem de alguma forma e andar na rua com ela significa parar a cada cinco passos. Há sempre algo a resolver ou uma palavra para trocar com alguém. Mesmo quando ela está apressada e evita reter-se não há como desviar dos que a abordam e/ou cumprimentam. Por conta disso, acompanhá-la também era oportunidade de ir conhecendo diversas das figuras e tipos da localidade. E às vezes surgiam situações inusitadamente interessantes, como uma noite em que fomos juntas ao “Bailão Gaúcho”. Uma festa animada

com música típica e que tinha lugar no Fortaleza Drink's. Descrevo a seguir a cena de uma conversa ilustrativa de como aspectos como sexualidade, gênero e prevenção surgem na dinâmica de Rio das Pedras.

Era uma noite de quarta-feira, por volta as 11 horas da noite, quando Bebel chegou para me encontrar na porta do Fortaleza Drink's. Trajava um mini-vestido decotado de oncinha e sandália alta de tiras subindo pelo tornozelo. Chegou falando alto: "Oi! Demorei muito?" e começou a me explicar que suas amigas tinham desistido de ir e que resolveu tirar uma soneca enquanto me esperava ligar. Nossa conversa foi interrompida pelos homens que ali estavam e que começaram a cumprimentar Bebel. Logo puxaram uma cadeira para que ela se sentasse com eles e ela me chamou para sentar junto. Desfilaram vários comentários sobre como ela estava bonita, "que vestidinho é esse, heim!" e sobre o seu implante de silicone recém colocado. Um perguntava se a recuperação estava indo bem, outro dizia que nunca esteve tão perto de um peito com silicone, outro perguntava se não poderia "encostar rapidinho pra ver como é que é..." Ela reagia à brincadeira com mais brincadeira e tudo parecia um jogo ensaiado e corriqueiro de jocosidades.

Foi então que ela começou a tirar algumas camisinhas da bolsa e as distribuiu entre eles, deu duas para cada um e eles reclamaram que queriam mais. Um disse que precisava de mais, afinal de contas usa "na frente e atrás", já que sai com homem e mulher. Outro ameaçou puxar uma camisinha da mão de um dizendo que "ele é casado, não precisa de camisinha!" Bebel, mais que rapidamente, interferiu dizendo didaticamente: "então! Ele é o que mais precisa! Precisa por que? Porque quando der as voltas dele tem que se proteger e proteger a esposa. Até porque ele também não pode vigiar a mulher 24h por dia", e deu uma gargalhada. A partir daí a conversa passou a girar em torno de piadas sobre chifres, sobre quem transa muito e quem transa pouco e os homens iniciaram uma série de zombarias mútuas. Nesse momento Bebel me cutucou discretamente e perguntou ironicamente se eu estava com o

gravador ligado. Ela interferia de vez em quando, ora colaborando com uma piada, ora dando alguma explicação sobre DSTs. Subitamente, ela perguntou para algum deles se ele sabia o que era DST, ele disse que sim e voltou a pergunta para um outro sujeito que acabara de chegar. Este disse “eu não! É o que?” e o outro respondeu “aquilo que você teve semana passada” e todos riram. Em seguida, um terceiro começou a falar que já teve “não sei o quê uma vez”, mas que tratou e foi fácil.

Em determinado momento, aquele que havia dito se relacionar com homens e mulheres começou a falar muito sério olhando para mim e para Bebel: “mas vocês sabem que os gays lidam muito melhor com isso do que essa mulherada?! Essas meninas daqui estão muito mais cheias de doença que os homens!”. Perguntei por que ele dizia isso e então:

“Vou dar um exemplo. Tá vendo ela aqui com esse vestidinho? [apontando para Bebel]. Aí ela está no baile, em qualquer canto escuro ela pode ir com o cara e pronto! É só dar uma levantada na saia e ninguém vai nem perceber nada de diferente. Mas se eu, por exemplo, resolver dar pra alguém no meio do baile, primeiro vou ter que abaixar a calça, o que já é estranho, depois vou ter que fazer isso [levantou e inclinou-se para frente, empinando a bunda e apoiando com as duas mãos na mesa]. Porque em pé assim não entra nada aqui!”

E daí ele concluía que para as mulheres era muito mais “prático” fazer sexo, logo têm muito mais chances de se contaminarem do que homens. Também era de sua opinião que já haviam encontrado a cura para Aids há muito tempo e que só não liberavam a informação “por causa do dinheiro [...] porque a Aids rende muita grana, principalmente pros Estados unidos”. E ele continuou falando, disse que sempre tem camisinhas à mão e que na sua casa elas estão estrategicamente posicionadas num canto ao lado da cama, “pra que na hora seja fácil de achar [...] até mesmo no escuro”. Preocupa-se com isso porque às vezes alguns “caras meio tímidos” procuram por ele e só querem transar de luz apagada. Mais adiante, não me lembro exatamente como chegou nisso, mencionou que de vez em quando alguns “caras casados” o

procuram “pra dar a bunda” e deixam R\$20 ou R\$30 reais. Mas fez a ressalva de que também era procurado por mulheres.

Enquanto ele contava todas essas histórias, os outros homens ouviam e vez por outra faziam alguma piada. Em certo momento, um deles começou a discutir com um outro que dizia precisar de muitas camisinhas por ter uma “vida sexual muito ativa”. De modo repentino, o homem que havia iniciado a discussão se levantou e – como quem tenta se gabar de um feito – disse: “eu não preciso de muitas porque sou cara passivo”. Todos os homens explodiram em gargalhadas. Quando percebeu o que tinha dito, o sujeito enrubesceu como um pimentão. Esboçou algumas palavras tentando consertar a situação mas acabou desistindo. Fechou-se numa cara muito séria e mandou todos voltarem ao trabalho. Foi então que descobri que ali estavam o segurança da casa, um DJ, o sujeito que ficava na porta, o que vendia as entradas e os garçons do bar do lado de fora.

O curioso é que ao mesmo tempo em que não cessavam as chacotas e apesar de certo tom de piada ter atravessado toda a conversa, pareciam estar sempre levando muito a sério o assunto.

Essas primeiras andanças com Bebel e Teresa deixaram-me impressões significativas que passaram a nortear meu processo de compreensão sobre as dinâmicas da favela. As duas enfatizavam muito o acolhimento que sentiam por parte da “comunidade” e as benesses do tipo de relação e vínculo que mantinham em suas vidas no local. Ao mesmo tempo, sentia que me mostravam RDP através de um filtro, que vez ou outra deixava escapar algo a mais. Elas e outros que fui conhecendo, empenhavam-se em repetir que a homossexualidade era bem aceita em RDP, sem muitos problemas. Fato que pude verificar adiante ser bem diferente.

Como visto na cena narrada acima, estar com Bebel significava presenciar a todo o momento situações provocadas por seu trabalho de prevenção e distribuição de camisinhas, que suscitavam reflexões sobre gênero, sexo, sexualidade etc. Outro aspecto que surgia com

frequência era certa ênfase na “mistura”, uma certa representação de Rio das Pedras como lócus da diversidade de cores, raças, tipos regionais etc. Diversidade que se revelou balizada por sutilezas e desníveis, como veremos adiante.

Na segunda fase do trabalho, desenvolvendo a pesquisa com enfoque em homossexualidade, foi com Ivone e Priscilla que passei a circular. Conheci as duas através de Bebel.

Há tempos Bebel dizia que tinha uma amiga “do babado” que eu poderia entrevistar. Um dia finalmente conseguimos acordar um encontro e a entrevistei no dia mesmo em que fomos apresentadas. Ivone mora em RDP há mais de 20 anos e diz que é “uma das pioneiras das entendidas” da região. É do Maranhão e quando chegou ao Rio de Janeiro junto com os pais, foram morar no Méier. Para RDP ela se mudou com mais ou menos 15 anos (não se lembra ao certo), quando foi morar com uma menina com quem estava namorando, “uma menina que eu digo, eu tinha 15 anos e ela tinha 40 e poucos anos [risos]”. Ela já morou em outros bairros da zona norte. Trabalha numa firma que presta serviços de manutenção em bairros próximos a RDP. Às vezes, para complementar a renda, Ivone dá aula particular para crianças da vizinhança. Na época em que nos conhecemos ela tinha 37 anos e estava “casada” com Rosana, morando juntas há sete anos. Antes de ficar com a Ivone, Rosana era casada com um homem e Ivone foi a primeira mulher com quem ela “saiu”.

Ivone, segundo suas próprias palavras, é uma “entendida nata! Desde os seis anos de idade, eu nasci assim!”. Contou que aos seis anos a professora a pegou no banheiro beijando a boca das meninas e quando beijava “o peito arrepiava”, então ela “sempre soube”. Durante a entrevista arrolou características “de natureza mesmo” que pareciam justificar a sua orientação, como o “peito que demorou pra crescer” e a menstruação que veio “muito tarde”. Mais velha, a mãe a levou para “fazer psicóloga” por indicação da escola. Ela não se lembra bem quantos anos tinha na época, mas contou que foi assim:

“Quando eu comecei a ir na psicóloga, eu comecei na psicóloga da escola. E a psicóloga da escola falou pra minha mãe que não adiantava ela querer me mudar. Ela me prendia, me batia e não adiantava. Então tinha que ter bom comportamento na escola e era o que eu não tinha. Aí depois com o tempo minha mãe começou a me levar na psicóloga. E eu fiquei fazendo psicóloga no Sesc de Madureira depois de adolescente. Toda vez que eu mudava, que eu tava me sentindo muito... Eu fui excluída da família muito cedo por causa desse meu jeito, aí comecei ir pra psicóloga”.

Quando perguntei como ela se classificava em termos de cor/raça, Ivone fez uma cara um pouco surpresa e disse: “A minha cor? É natural!”. Perguntei como assim. “Natural pra mim, eu tenho que respeitar a minha cor, pô! Eu tenho que respeitar a sua, a dela... Por que eu vou criticar?!”. Insisti perguntando – mas você se vê branca, morena ou... - antes que completasse a frase ela exclamou: “Não, eu sou preta! [...] eu estudei sobre isso, Silvia!”. Pedi explicações sobre esse “estudo”, então:

“é que quando eu fazia um curso, a gente... nós fizemos... é... pesquisa sobre o racismo! Eu sou uma pessoa que eu não tive muito estudo, não. mas eu sou uma pessoa que eu te estudo. [...] a gente fez [uma pesquisa] sobre a cor negra, sobre o racismo, né!”

E emendou contando um “caso”:

“Então, eu tenho uma amiga que ela é mais... ela é da cor do pelo da Fifi [a cadela preta que estava ao nosso lado] e ela se acha branca! Ela não fica do lado da gente que é mais clara. Eu falo: ‘engraçado, você é tão escura, porque você é assim?’ E ela: ‘ah, mas eu não vou namorar com preta, não! Deus me livre!’. Hoje ela é casada com uma mulher mais preta que sei lá...”

Quando perguntei sobre ela ter presenciado ou vivenciado alguma situação de racismo em Rio das pedras não consegui avançar muito. Ela respondeu: “Eu não tenho tempo pra ver essas coisas aqui não, não tem. Saio muito cedo e volto tarde pra casa”.

Depois dessa entrevista me afastei do trabalho de campo durante uns dois meses. Quando quis re-estabelecer o contato liguei para casa de Ivone. Quem atendeu foi Rosana, que me contou que elas haviam se separado. Perguntei o que tinha acontecido e ela disse que a história tinha sido complicada e que preferia me contar pessoalmente. Alguns dias se passaram e Ivone me ligou, nos encontramos e ela me contou a história da separação, a princípio nada amigável. Nesse mesmo dia fomos a um bar em Rio das Pedras e depois a boate 1140 na Praça Seca, ambos locais que ela havia mencionado na entrevista. O bar freqüentado por “entendidas” e a boate mais famosa de uma espécie de circuito “gay” do subúrbio da cidade.

No início tentei manter contato tanto com Ivone quanto com Rosana, entretanto comecei a notar certa disputa pela minha atenção. Fofocas de que eu ligava mais para uma do que para outra, que havia visitado uma e não outra e até rumores de que eu poderia estar tendo um caso com uma das duas. Para evitar maiores conflitos, acabei me afastando de Rosana que já estava novamente “casada”.

Ivone sempre gostou de ir me guiando pela localidade, me apontando lugares e pessoas que estavam ali há muito tempo e contando um pouco da história de RDP que ela acompanhou com seus mais de 20 anos de “comunidade”. Também gostava de me apontar os “entendidos” e “entendidas” e, vez ou outra, revelar algumas histórias dos bastidores dos relacionamentos.

No primeiro dia em que Bebel foi conhecer o apartamento que eu havia alugado, me chamou para ir com ela na casa de um “menino homossexual”, que ela chamara para participar de um de seus projetos. Disse que era um menino muito inteligente, de 20 anos, que já tinha terminado o segundo grau e estava à toa. Perguntei se ele dava “muita pinta” e ela disse que sim, que tinha “umas unhas enormes” e se vestia de menina.

Fomos até a casa dele – bem perto da minha - e fui apresentada, em tom de brincadeira, a seus “dois nomes”: Cristiano (ou Cris) e Priscilla. Perguntei qual dos dois nomes era de sua preferência e ele respondeu que dependia do lugar e da situação. Eu disse que achava seu rosto familiar e perguntei se ele freqüentava Madureira às quartas-feiras⁴² e ele disse que fazia tempo que não ia, mas que já tinha freqüentado bastante as “quartas no shopping”.

Dias depois encontrei com Cris na casa de Bebel e voltamos andando juntos para casa, já que morávamos próximos. No caminho falei sobre a minha pesquisa e perguntei se ele me daria uma entrevista. Ele disse que sim e no dia seguinte fiz a entrevista. Até então, eu sempre ficava na dúvida sobre qual gênero usar para tratar de Cris, ou quando deveria chamá-lo de Priscilla. A partir da entrevista e da conversa que tivemos decidi pelo feminino e também por só chama-la de Priscilla. O engraçado foi que, com o tempo, Bebel que só usava o gênero masculino para se referir a Cris, passou a também tratá-la por “ela”.

Priscilla tem 22 anos e há 10 mora em Rio das Pedras. Antes ela e a família moravam numa área de um bairro próximo de RDP. Terminou o segundo grau há três anos, já fez cursos rápidos de inglês e informática e ainda não decidiu o que quer fazer da vida. Já trabalhou como vendedora de uma loja em RDP e uma vez de garçom (na época ainda era “boyzinho”) num bufê. Atualmente se vira com uns trocados que o pai lhe dá de vez em quando. Seu pai é negro e sua mãe é branca, ela se autocalifica como negra. Mora com três irmãs, o pai e sua esposa.

Conta que se “transformou” em travesti há dois anos. E isso significa andar sempre com roupas de mulher e se assumir “travesti”. Sua transformação “foi aos poucos, não foi da noite pro dia, pequenos detalhes [...] tipo assim, uma unha pintada, um short mais curto que o

⁴² Já há alguns anos as “quartas gays” são famosas em Madureira. Primeiro por um encontro ocorrido no Madureira Shopping e atualmente pelo movimento que acontece uma vez por semana na rua onde fica a boate PapaG. Esses encontros são descritos com mais detalhes no capítulo IV.

normal, uma blusinha... Aí depois quando fui ver já tava toda montada! Entendeu? Foi assim”. Priscilla afirma nunca ter feito uso de hormônios e não tem modificações corporais. Tem vontade de “colocar peito”, mas “falta grana”. Jamais faria operação de mudança de sexo, afinal “o prazer também está lá”. Ainda diz que jamais gostaria de ter nascido mulher e justifica-se falando de suas irmãs. Se tivesse nascido mulher não teria a liberdade que tem hoje. O pai a prenderia em casa, teria que ficar “presa” em casa como suas irmãs ficam.

Sua iniciação sexual foi com um vizinho aos 14 anos. Nunca saiu com mulher e tem “horror!”: “como diz minha colega, perereca só no brejo!”. Diz que já nasceu sabendo que era “gay”. Perguntei sobre como a família havia lidado com sua “transformação” e ela disse:

“talvez foi um baque eu me transformar em travesti, mas saber que eu era gay, desde pequeno... isso não foi surpresa, não... talvez tiveram um pouco de preconceito quanto eu me transformar em travesti (...) tem uns dois anos isso, muito recente”.

Quando a entrevistei, disse que “por questão de grana”, estava saindo por lugares mais próximos, mas que gostava de ir para Madureira (“onde tem lugares mais gays”) e para Lapa. E me disse que “lugar gay mesmo” em Rio das Pedras não tinha, mas “aqui lugar que vai mais gay... ah, dia de domingo vai bastante gay pro Castelo [das Pedras], bastante travesti.(...) o único lugar aqui próximo que vá...”

Quando perguntei se ela já tinha passado por alguma situação de preconceito em RDP, ela respondeu: “Ah! 24 horas, né!”. Mas fora “piadinhas” ofensivas, disse nunca ter passado por “nada mais sério”. De fato, andando com Priscilla na rua pude notar o que ela queria dizer com essas “24 horas”. É comum que receba olhares enviesados, muitas vezes acompanhados de comentários nada simpáticos e quase a cada esquina eu escutava alguma “piadinha” direcionada a ela.

Foi com Ivone e Priscilla que circulei pela noite de Rio das Pedras e arredores. Para elas nossa amizade era um tanto peculiar. Priscilla costumava dizer: “o trio de amizade mais

estranho que eu já vi!”, pois juntar uma “hetero”, uma “entendida” e uma “travesti” era coisa “inérita”. Priscilla e Ivone não se conheciam e “o trio” acabou se formando em torno de mim. Com frequência, quando saíamos a noite as duas dormiam na minha casa na volta. Sempre tínhamos longas conversas sobre o que tinha acontecido na noite antes de dormirmos e muitas vezes ao acordar saíamos para almoçar e já emendávamos em alguma outra atividade. O que fazia com que o contato fosse bastante intenso. Adiante descrevo algumas das situações presenciadas ou vivenciadas durante nossas conversas e perambulações.

CAPÍTULO III

PERAMBULAÇÕES: SEXUALIDADE, COR/RAÇA, GÊNERO E MISTIÇAGEM EM RIO DAS PEDRAS

No capítulo anterior expus alguns dos aspectos da constituição sócio-espacial de Rio das Pedras e apresentei os “personagens” que acompanhei - e que me acompanharam - durante a pesquisa de campo. Nesse capítulo falo sobre a minha circulação pela noite de RDP juntamente com meus amigos locais, detendo-me na descrição de dois espaços mais especificamente: um bar e o baile *funk*. Apresento algumas conversas, situações e cenas ocorridas durante essa interação que considero propícias para pensar em como sexualidade, gênero, cor e mestiçagem aparecem nesse cotidiano da localidade.

Vida noturna: os bares, a praça, o “Bar” e o baile

Como dito anteriormente, existe uma estrutura comercial em Rio das Pedras de abrangência impressionante. Integra essa composição um número infindável de pequenos e grandes estabelecimentos como bares, botecos e casas de show. Circulei pela noite e madrugada de RDP e seja à meia-noite, às 3h ou às 5h da manhã, existe sempre algum movimento, na padaria ou lanchonete 24h, ou na birosca que ainda vende bebidas.

O tipo de lazer dos bares e biroskas distribui-se por todo o espaço, todavia existe forte concentração do movimento noturno nas subáreas já urbanizadas. Mais especificamente, na região limite entre a área de formação mais recente da favela - composta pelos “areais” - e o núcleo original de formação, demarcado pela Av. Engenheiro Souza Filho. Igualmente nas proximidades da Estrada de Jacarepaguá em seu encontro com a Rua Nova. Ali, além de mais bares, ficam o Fortaleza Drink’s e o Castelo das Pedras. O movimento em dia de baile

aumenta consideravelmente a movimentação nos bares e também atrai barracas que vendem bebidas, balas e cigarros. O Fortaleza Drink's, assim como o Castelo das Pedras, abriga bailes *funk*, porém o seu público é mais jovem. Além disso, promove festas como o “Bailão Gaúcho” e aluga o espaço para eventos e festas particulares.

Bem próximo a esta movimentação, mas já na Rua Nova, encontra-se a praça da associação de moradores. A praça da associação é um espaço freqüentado em sua maioria por jovens, as quadras de esporte estão sempre ocupadas por algum jogo de vôlei ou futebol e, principalmente nos fins de semana, é um lugar de encontro de todas as idades, algo como as praças de cidades pequenas. O movimento na praça é constante e intenso. De madrugada ainda há gente jogando bola, jovens andando de *skate* e até mesmo algumas crianças brincando enquanto os pais se divertem no *videokê* do bar em frente. Durante o período em que morei em RDP as quartas e os domingos eram dias de eventos especiais. Durante as noites do meio da semana um baile *funk* tinha lugar ali e nas noites de domingo um grupo de pagode animava o bar do local.

A Av. Engenheiro Souza Filho é a maior rua que corta a favela, servindo de ligação entre os dois bairros de classe média e média alta que a circundam. A recente urbanização dessa avenida, promovida pelo programa favela-bairro da prefeitura da cidade, deu cara nova ao local. O que antes eram duas ruas não asfaltadas, esburacadas e separadas por um valão, hoje são duas pistas bem asfaltadas e ladeadas por calçadas espaçosas que garantem livre circulação aos pedestres. Ao longo dessas calçadas diversos tipos de estabelecimentos comerciais como farmácias, pequenos mercados, lojas de roupa etc, são responsáveis pela grande circulação durante o dia. Durante a noite, a movimentação é promovida pelos diversos bares, restaurantes e outros espaços mistos de bar e danceteria onde o grande atrativo é o forró. É comum ver pares dançando por entre as mesas e a rua, a maior e mais famosa casa ali é o *Top Dance*.

Demorei certo tempo para encontrar algum local de frequência “mais homossexual” em Rio das Pedras. No início da pesquisa insistiam em me dizer que lá “não tem preconceito” e que “eles [os gays] estão em todo lugar”. No fim de 2005 apareceu pela primeira vez a indicação de um bar frequentado pelas “entendidas” da região e também de que o baile do *Castelo* aos domingos era visitado por “gays” e travestis. Além dessas duas indicações, soube de um bar que era “ponto dos entendidos” onde “tinha até show de transformista”, mas que “mandaram fechar” há alguns anos.

O “Bar”

Era uma noite de sexta-feira do início de outubro de 2005 quando, seguindo a indicação feita por uma entrevistada, fui procurar o “bar das entendidas”. Chamei uma amiga para me fazer companhia e chegamos a RDP por volta das 11 horas da noite. Eu estava de carro e dei uma volta para olhar o movimento geral de uma das principais ruas e escolher onde deixaria o carro estacionado. Resolvi que o melhor era deixar o carro perto da praça da associação e ir caminhando. Tinha a localização da rua onde ficava o bar e a referência de ser próximo a uma loja de móveis.

A essa altura da pesquisa ainda não conhecia muito bem os atalhos pelas ruelas e becos de Rio das Pedras e usar o caminho mais longo era também uma oportunidade de olhar para o movimento que era intenso em todo lugar. Próximo ao Castelo das Pedras já começava a concentração de pessoas na porta e nos bares do entorno. No Fortaleza Drink’s o movimento era semelhante, porém de faixa etária visivelmente mais jovem, por voltas dos 14 ou 15 anos. Passamos por muitos bares e grupos de pessoas conversando e bebendo nas ruas. Continuamos seguindo até rua indicada. Muito forró pelo caminho, mas chegamos ao final da via sem encontrar nada parecido com um “bar de entendidas”. Voltamos e dessa vez redobrei a atenção. Andamos mais um pouquinho e avistei uma moça que aos meus olhos dava certa “pinta”. Ela limpava e arrumava as mesas de um bar onde o som altíssimo tocava Sandra de

Sá. Pensei: ‘é aqui! Só pode ser!’. Sentamos e a moça veio nos atender, ainda não havia mais ninguém no bar.

O bar fica na Av. Engenheiro Souza Filho, portanto um dos núcleos do lazer noturno de RDP. Só funciona nos finais de semana e a própria dona, a sua mãe e mais uma ajudante são as responsáveis pelo atendimento aos clientes. O espaço começou a funcionar em meados de 2005 e o grande atrativo do local é o videokê. Nos intervalos entre uma cantoria e outra, o som pode ficar por conta de DVDs de shows como da cantora Ana Carolina e da banda de forró Calcinha Preta. O espaço interno é bem pequeno, uma cozinha nos fundos separada do salão por um balcão e um pequeno banheiro. No salão fica uma das televisões que funcionam para o videokê e para os DVDs, nesse ambiente não cabem mais do que três ou quatro mesas. A outra TV fica presa a um suporte no lado superior direito na entrada do bar e é na calçada que ficam a maior parte das mesas, geralmente de 8 a 10.

O local não é instituído como um bar “GLS” no discurso da própria dona, segundo ela é um espaço onde tem “gente de todo tipo”. No entanto, tomei conhecimento do local durante a realização de uma entrevista com uma “entendida” que o apontou como sendo o único espaço de sociabilidade especificamente homossexual da localidade, na suas palavras: “o bar dos entendidos”.

De fato, o público do bar pode variar entre grupo de mulheres, casais de mulheres, casais heteros, grupos mistos de homens e mulheres e grupos só de homens. Durante uma mesma noite, é possível perceber esta variação do público local. Lembro-me de uma longa noite de muito movimento que passei no bar. Do início da noite, por volta de 23h até 03h ou 04h da manhã, estavam ali predominantemente mulheres “entendidas”. Após esse período o bar permaneceu quase vazio durante mais ou menos uma hora, voltando a encher por volta das 5h da manhã. Mas nesse momento o público já era outro, homens e mulheres “heteros”, saídos do baile funk local que passavam ali para tomar a “saideira” da noite. O bar é bastante

frequêntado por não-moradores de Rio das Pedras, geralmente vindos de bairros adjacentes. Conheci meninas que diziam vir dos sub-bairros de Jacarepaguá e do Itanhangá.

Certa noite presenciei por mais de uma vez a dona do bar repreender casais de mulheres que ensaiavam contatos mais íntimos e beijos na boca. Existe uma determinada “etiqueta de conduta” que funciona ali. Mais do que isso, parece que determinada “etiqueta” precisa ser respeitada para que o bar possa existir ali. Uma vez me disseram que “enquanto não tiver muitos beijos na boca” o bar vai continuar, “vão deixando”. Em outra ocasião explicaram-me: “lá não é nada muito explícito, se alguém que não conhece olhar, não sabe que é um bar disso [...] a coisa é mais comportada. Se ficar muito explícito vão mandar fechar”.

Não mantive a visitação sistemática ao bar por conta do excesso de cantadas que acabavam por tornar inviável a pesquisa. Qualquer conversa ou mesmo olhar mais descuidado, era interpretado como uma possibilidade de cantada. Se não o fosse pela minha interlocutora, o era por quem olhava de fora. Por conta dessas circunstâncias algumas situações inc modas acabaram sendo criadas. Por exemplo, a ocasião em que a namorada de uma mulher com quem eu conversava foi chorar no ombro da amiga por achar que a mulher a estava traindo comigo. Eventualmente eu também recebia cantadas insistentes de homens, quando percebiam que eu estava sozinha no bar. Outro motivo para não manter a frequência ao local foi o fato desse programa excluir a Priscilla, já que ela dizia que a dona do bar não gostava e nem falava com ela. Priscilla nunca me explicou realmente o porquê dessa situação, mas ficava subentendido que era por ela ser travesti.

As travestis carregam consigo o estigma da prostituição. No início da segunda fase da pesquisa disseram que haviam proibido os “gays” de saírem “montados” e teria sido “por que eles fazem pista lá fora, eles chegam bêbados. Ficam, sabe, se depravando por aí e eles não querem isso na favela, na comunidade”. No capítulo II citei o episódio do fechamento de uma

casa de prostituição na localidade narrado por Moutinho (2002), passagem que evidenciava aspectos de ordem moral na normatividade local.

Priscilla não “faz pista”, mas também não escapa dos boatos. Antes que eu a conhecesse já a haviam apontado na rua dizendo que ela se prostituía a R\$1,00. E durante o período em que convivemos, eventualmente ela se mostrava preocupada com o que podiam pensar dela. Uma manhã em que voltávamos para casa – depois de termos passado a noite na casa de Ivone – ela se mostrou aflita porque poderiam pensar que ela estava “voltando da prostituição” e disse: “ainda bem que você está comigo”. Passei o braço pela cintura dela e começamos a fazer brincadeiras e rir da situação e ela foi ficando mais calma. Entretanto mais adiante ela voltou a parecer apreensiva, foi quando me dei conta de que ela estava prestando atenção em qual rua deveríamos seguir para chegar em casa. Ela descartou o caminho que seria o mais provável do ponto em que estávamos e me guiou por outro. Quando chegamos a sua rua ela disse - em tom de piada como era de costume: "ai, que bom! Agora cheguei no meu espaço. Agora estou segura. Ou quase segura".

Situações como esta foram evidenciando a existência de lugares tidos como mais ou menos confortáveis para os “entendidos” na representação local. Locais onde se pode “dar pista” *versus* locais onde se deve ter outro tipo de comportamento. Seguindo essa lógica, a ameaça é localizada em espaços onde se estaria mais vulnerável ao controle da “polícia mineira”. Mesmo depois de já ter escutado muito, só depois do primeiro mês morando em RDP é que realizei a magnitude do poder de coerção que as histórias contadas e recontadas sobre a atuação da “mineira” significavam na lógica de circulação interna da localidade.

A freqüentação intensa de não-moradores em Rio das Pedras sugere que a representação da “mineira” como uma ameaça é muito mais eficaz para quem é “de dentro” do que para quem é “de fora” da favela. O que leva a mais uma distinção entre a localidade e favelas onde o tráfico armado está presente. Podemos pensar que em favelas onde existe este

tipo de atuação, os moradores têm trânsito mais livre a partir do domínio dos códigos de circulação do território, enquanto os não-moradores que são desconhecidos no local e/ou que desconhecem esses códigos de movimentação território, temem o espaço. Já em RDP, a imagem de território livre das ameaças de violência do tráfico armado, faz com que os “de fora” sintam-se mais à vontade para circular pela localidade do que os “locais”, uma vez que muitas vezes ignoram o sistema coercitivo de limitação de circulação (matizada por gênero e orientação sexual) oculto sob a imagem da tranquilidade recorrentemente veiculada.

O Baile

Seguindo a indicação de que domingo era o “dia mais GLS” do Castelo das Pedras, visitei algumas vezes o baile *funk* sempre acompanhada de Ivone e Priscilla e em algumas vezes também de seus respectivos “ficantes” ou “casos”. De fato existe um local específico no interior da casa em que facilmente localizamos a presença de “gays” e travestis, já mulheres homossexuais não são tão visíveis. Para mulheres e travestis esse é um dia especialmente convidativo para o baile, pois é dia de “Damas Grátis”.

Como dito há pouco, a casa ainda é a principal referência de entretenimento para os jovens da localidade. Sextas e sábados são os dias mais freqüentados por gente “de fora” e os domingos parecem ser dias de freqüência especialmente “local”, com a exceção dos “gringos”. É comum a presença de grupos de estrangeiros jovens. Certa vez conversei com dois rapazes de Londres que na saída do baile faziam um lanche numa barraca de cachorro-quente em frente ao Castelo. Enquanto esperavam o resto de seu grupo sair, muito animados disseram-me estar hospedados em Copacabana e que o baile tinha sido indicação de um guia.

O Castelo é uma espécie de galpão bastante amplo e sua área de circulação é mantida completamente livre, sem qualquer tipo de mesa ou cadeira. Ao lado direito de quem entra,

fica o palco e, ao fundo, o bar. Partindo do bar em direção ao lado esquerdo estão em seqüência: a escada que leva ao camarote, o banheiro masculino, uma área de circulação e o banheiro feminino. Muitas luzes, muita fumaça, som em volume de fazer tremer os tímpanos e bastante calor!

É preciso chegar antes de meia-noite para não pagar a entrada e a essa hora a casa ainda está vazia. O DJ, posicionado no centro do palco, toca um estilo de funk americano de muito sucesso na década de 1990, mais lento e próximo do Charme. No centro da pista alguns grupos de poucas pessoas encenam passos coreografados, nesse momento o baile ainda não começou realmente. Quem entra vai se colocando ao longo da borda da pista, próximo a parede, perto do palco, nos arredores do bar. E lá fora é grande a movimentação do pessoal que toma uma cerveja nas barracas e bares próximos antes de entrar.

A primeira vez em que fomos ao baile entramos alguns minutos antes da meia-noite e nos posicionamos num espaço próximo ao bar e ao palco. Coincidência ou não, ao longo da noite esse se tornou um point de travestis e “gays” (ou “pintosas” como dizia minha amiga), contei mais de 10 travestis circulando por ali. Priscilla me apontou ao menos umas três que ela dizia não serem de Rio das Pedras, justamente as que pareciam mais velhas e que sustentavam fartos implantes de silicone, diferentemente da maioria ali.

Passamos a noite inteira mais ou menos no mesmo local. Nos momentos em que me afastei para ir ao banheiro ou mesmo para dar uma volta, aproveitei para observar como aquele point parecia à distância e como ele se destacava no meio da multidão do baile. E me surpreendi. Ele não se destacava! Em meio aquela agitação de corpos em movimento e muitas vezes entrelaçados em passos de dança coordenados, aquele grupo não causava atenção especial. Em outras noites continuei tendo a mesma impressão, a diferença é que além do point, travestis e “pintosas” podiam se percebidas espalhadas pelo baile. Também conheci “entendidas” que, ao menos na primeira visita, eu não havia localizado ali.

Diferente do “Bar”, ali não parece valer a mesma “etiqueta” de proibição ao beijo na boca, o que também não significa que estejam “liberados”. Os beijos não são exatamente comuns, mas um ou outro podem acontecer. Vi casais de mulheres e casais de travestis com homens e em uma ocasião até um beijo “coletivo” envolvendo duas travestis e um “gay”. Entretanto eram beijos fugazes, pareciam quase que roubados e não presenciei nenhuma interação do tipo entre dois “gays”.

A domingueira tem como atração especial a performance de David Brasil no palco. Promovido pela rádio FM ODia, o “animador” faz brincadeiras, conta piadas, improvisa um concurso de dança ou, como ele mesmo diz, de quem rebola e “levanta melhor a bunda”. Chama alguns homens e mulheres para subirem ao palco e o vencedor leva cinco vales de cerveja e uma camiseta da rádio. Momentos antes do “animador” subir ao palco, toca o “funk da biba” que conta a história de um sujeito que usa roupas e tênis de marcas famosas e diz que são presentes do tio, mas que na verdade são presentes do “viado”. David sobe ao palco contando piadas envolvendo “gays” e “bichas” que são recebidas com muitas gargalhadas pela platéia.

No dia seguinte a primeira noite que passamos no baile, Priscilla soube pelas amigas que algumas travestis tinham apanhado na noite anterior em um bar próximo ao Castelo, onde era costume ficarem. Um dos “poderosos” locais teria saído do baile um pouco alterado por drogas e/ou álcool e sem dar qualquer tipo de explicação ou motivo teria partido com socos e pontas-pé para cima das travestis que estavam no bar. O “ataque” teria ocorrido bem tarde, depois que já tínhamos voltado para casa. Eu me espantei, tentei questionar o porquê etc, mas Priscilla e Ivone não se mostraram surpresas.

Em uma noite no baile, próxima a eleições estaduais, o DJ anunciou a presença de um candidato a deputado. Ele estava com uma liderança local no camarote e passaram ali parte da noite cumprimentando e acenando para as pessoas que estavam na parte de baixo. Em

determinado momento subiram ao palco pedindo votos de “todos que moram aqui e adjacências”, prometendo legalizar a entrada para jovens de 16 anos, investir na “tranqüilidade” do baile e da “comunidade” e discursando sobre a não-violência e o não-tráfego. Em seguida foi tocado o trecho de um funk que rimava algumas promessas de campanha com o nome e o número do candidato⁴³.

Nenhum dos candidatos apoiados pelas lideranças comunitárias de RDP conseguiu se eleger. Na segunda-feira consecutiva ao domingo de eleição, passou a circular o “aviso” de que as travestis e as “pintosas” em geral (homens e mulheres) deveriam ficar um tempo mais quietas em casa, por que “o pessoal estava nervoso”. Alguns falavam que os “entendidos” deveriam mesmo deixar de ir ao baile por um tempo. Priscilla recebeu um “conselho de amiga” para ficar dentro de casa e “se cuidar”, “principalmente vocês assim que gostam de dar pinta”.

Em parte por conta desses “boatos”, deixamos de ir ao baile e limitamos nossas saídas aos bares próximos a minha casa e a noite de Madureira. Um episódio ocorrido numa dessas noites que passamos nos bares de RDP foi bastante ilustrativo da ameaça que paira sobre os “entendidos” na localidade.

Era uma noite de quarta-feira e a princípio me encontrei com Priscilla para irmos para Madureira. Entretanto ela acabou encontrando uma amiga pela rua e resolvemos tomar uma cerveja com ela e o namorado em RDP e ir para Madureira mais tarde. A conversa foi ficando animada, Ivone ligou dizendo que estava indo nos encontrar e resolvemos ficar por ali mesmo o resto da noite. Já passava da meia-noite quando decidimos trocar de bar, procurando alguma coisa para comer. O casal que estava conosco foi para casa e eu, Priscilla e Ivone fomos para a padaria 24h perto do Castelo das Pedras. Havia ainda bastante movimento na rua, já que era

⁴³ Por ocasião desse período eleitoral circulou um boato de que caso os candidatos apoiados pelas lideranças locais ganhassem, abririam uma boate “gay” em RDP. Mas a história não era levada muito a sério pelos “entendidos” da região.

quarta-feira, dia de baile funk na praça. Mas o baile já havia terminado e mais ou menos uma hora depois o movimento naquele trecho era apenas o das vans que desembarcavam passageiros. Conhecidos de Ivone e Priscilla passaram por ali, chegando ou saindo, mas não pararam mais do que alguns minutos em nossa mesa. Mais tarde por volta das 2h da madrugada, a rua já estava bem vazia. Foi quando um carro parou bem em frente à mesa na calçada em que estávamos sentadas. Não havia mais ninguém na padaria além da menina que nos atendia.

Eu era a única que estava de frente para rua, quando o carro com dois homens parou. Eles ficaram olhando para a nossa mesa e olhei-os de volta. Ivone, sem virar o pescoço, como se continuasse conversando com Priscilla que estava em sua frente, disse-me para não olhar. Fingir que não estava "nem aí". Olhei para Priscilla e ela parecia desconcertada, assustada, pálida. Ivone tentou acalmá-la dizendo que conhecia o sujeito de vista, que ele era "da área" e que ele não ia fazer "nada além de cara feia". Mas não havia muita segurança na sua voz e ela também parecia bastante apreensiva. O carro não ficou parado ali por mais do que dois ou três minutos e depois estacionou uns cinco metros a frente. Um dos homens saiu do carro, veio em nossa direção, encarando, enquanto nós três fingíamos estar "nem aí", passou por nós, andou mais uns metros adiante. Parou e ficou olhando mais um pouco com cara enfezada e depois voltou para o carro, passando por nós novamente. Ficaram dentro do carro mais uns dez minutos e foram embora. Quando ele se afastou Priscilla disse: "bem que eu tava sentindo minha pomba-gira me avisando". Minutos antes de o carro aparecer Priscilla sugeriu que fossemos embora, mas como começou a choviscar, eu e Ivone quisemos esperar a chuva passar. Priscilla disse que estava sentido o ombro esquerdo arrepiar e que sempre que sentia isso era um aviso da Maria Padilha para ela ir embora e tomar cuidado. Uma meia-hora depois fomos embora e pegamos caminho opostos, pois Ivone foi para a casa dela e Priscilla foi dormir em minha casa. Uns minutos depois Ivone ligou para perguntar se havíamos chegado

bem e para contar que o carro estava parado na entrada do Areal (subárea onde Ivone morava), sugerindo que eles estavam nos esperando. Mas apressou-se em dizer que não tinha acontecido nada, pois ela tinha se precavido e pedido a um amigo, com quem cruzou no caminho, para acompanhá-la até em casa.

Nunca soube se realmente corremos algum tipo de perigo nesse episódio. Mas o fato é que fora o risco que todos correm ao circular pelas ruas na madrugada de uma cidade como o Rio de Janeiro, foi a única vez que me senti especialmente insegura durante o trabalho de campo.

* * * *

Obviamente a homossexualidade não se expressa de forma homogênea na região. Ivone (negra, 38 anos), que se intitula uma das “pioneiras das entendidas” em Rio das Pedras, reclama das “meninas” que “não querem nada”, que “saem com homem, saem com mulher”, evidenciando uma importante diferença em formas de gestão da sexualidade. Diferença que pode ser pensada em termos geracionais. A fala de Ivone indica certa implicância com as meninas que não se assumem “entendidas” de fato. Mas também pode aproximar os jovens de Rio das Pedras do padrão de relações identificados por Eugênio (2003) e também por Baldelli & Moutinho (2004) entre os chamados “moderninhos” da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Ainda é importante destacar que a zona sul aparece em sua fala como um lugar “liberado” em oposição a Rio das Pedras que aparece como mais tradicional.

A categoria “respeito” apareceu em algumas falas durante a pesquisa como um bem a ser valorizado, a partir de um autocontrole esperado e uma conduta específica a ser seguida. Existe uma maneira certa de se vestir, de se portar e até mesmo de falar, pois, no dizer de uma

entrevistada, “aqui, nem todo mundo igual! [...] você tem que saber pra quem vai se assumir! Não é porque te conheci agora que vou te assustar [...] eu não tenho problemas porque aqui todo mundo me respeita!”. Ter ou não “respeito” também parece estar diretamente relacionado a construções estéticas de apresentação de si e a performances corporais mais ou menos aproximadas de padrões considerados masculinos ou femininos⁴⁴.

Existem duas vias para que esse “respeito” seja adquirido. Uma é através do trabalho, do auto-sustento e a outra vem do “saber onde se mostrar”, já que ter respeito também significa não “dar pinta” onde não se deve. Obter os meios para se sustentar é considerada uma condição para “impor respeito” e poder “se assumir”. Porém demonstrar “excessivamente” a orientação sexual é considerado desnecessário e lá no limite “falta de respeito”. Afinal de contas você deve se dar ao respeito, “respeitando os outros”.

Certa vez participei de uma conversa em que uma mulher negra de cerca de 40 anos, aconselhava um rapaz “gay” e também negro. Dizia que ele era muito novo e devia fazer um cursinho, dando a indicação de um PVNC próximo dali. Ela contava que tinha um filho “gay” e que havia muita discriminação contra “nós negros”, sendo mulher haveria mais ainda e sendo “homossexual” também. E que ela não tinha “nada contra”, mas “por causa da discriminação as pessoas têm que estar preparadas” para pode dizer “eu sou gay sim! Eu sou homossexual sim! Só que eu cuido da minha vida. Eu tenho o meu trabalho e ninguém tem nada a ver com isso”. (volto a comentar essa fala adiante).

Existe uma representação mais ou menos generalizada de que a homossexualidade feminina é mais tolerada do que a masculina, pois seria a que “menos se mostra”. O curioso é que paradoxalmente é tida como a que “mais se vê”. Desenvolvo essa idéia no próximo item buscando compreender como o machismo atribuído aos nordestinos e a discriminação com os “entendidos” aparecem relacionados.

⁴⁴ Explorarei melhor o assunto no capítulo IV.

Controle negociado, sexualidade e ethos viril

No capítulo II vimos como em Rio das Pedras a violência do tráfico de drogas foi substituída pela agência de uma outra espécie de controle. Vejamos agora como esta não-violência do tráfico de drogas pode sugerir influências em esferas determinadas da vida social.

Um dos pontos-chave da argumentação de Moutinho a respeito de Rio das Pedras se refere à hipótese de constituição de “um padrão de masculinidade que não somente se apresenta como cavalheiresco (ou em outros termos não misógino) como evidencia (de maneira mais porosa) uma certa articulação com raça, com a decantada ausência do tráfico de drogas e do tipo de violência que o acompanha” (2002: 228). Seria um ethos viril não associado a “um padrão sexual agressivo” que parece “dispensar certos rituais de masculinidade mais arrogantes e coibir abusos sexuais”. Sendo assim, essa feição da masculinidade apreendida pela autora seria substancialmente diferente da que é recorrente nos estudos sobre favela, pois a bibliografia que relaciona favela e gênero enfatiza um ethos masculino viril violento, encenando um padrão de agressividade sexual.

Ao reproduzir a fala de um menino do tráfico em Acari, “eu sou bandido, meto, gozo e vou embora”, Alvito (2001) questiona se esse não seria o comportamento esperado na dinâmica hierárquica de um “mundo viril por excelência?” (:145) Também Zaluar (1994), tratando da masculinidade violenta e do papel das mulheres nesse universo, apresenta um exemplo de como as mulheres ocupam um lugar subalterno nessa estrutura, ganhando o

estatuto de “coisa”, mero objeto de disputa e mais uma forma de expressar a rivalidade entre os homens.

Desde as primeiras impressões do trabalho de campo tornou-se clara a necessidade de atenção às diferentes formas de manifestação da violência na localidade. Pois, apesar das inúmeras referências à vida tranqüila do lugar, a violência doméstica e a violência contra a mulher, por exemplo, surgiram com freqüência.

Em uma entrevista feita ainda na primeira fase da pesquisa, ao questionar sobre a existência de violência no local a resposta (já esperada) foi: “duvido! Aqui é muito tranqüilo”. Com o desenrolar da conversa, falando sobre brigas de casais, perguntei se disso não surgiria certa violência. Dessa vez a resposta foi:

“Ah, tem! Uma vez aí, o cara chegou e pegou a mulher com outro, né. Ele foi lá matou o cara, depois a mulher foi e matou o marido, não faz muito tempo não...”

E o relato prossegue com outras histórias e termina afirmando “tem muita morte e facada por isso”. Uma outra moradora afirmou que com freqüência acompanha mulheres até a DEAM (Delegacia Especial de Atendimento a Mulher) para prestar queixa dos maridos; relatou casos em que interveio pessoalmente nas brigas.

Durante o período em que morei em RDP ouvi muitas outras histórias, algumas contadas em tom de fofoca por terceiros, outras pelos próprios protagonistas. Narravam cenas e enredos de conflitos encerrados por agressões físicas e geralmente motivados por ciúmes e traições. Cenas protagonizadas por homens e mulheres e também casais de mulheres, onde a vítima era sempre o acusado de ter cometido a traição. Brigas de marido e mulher parecem mesmo ser histórias que se contam de modo corriqueiro em RDP e sobre RDP. Muitas vezes, associando-se esse tipo de ocorrência à personalidade do nordestino e à imagem do “paraíba brabo” que veremos mais adiante. No relatório da pesquisa da PUC de 2001, consta uma

entrevista em que duas moradoras falavam mais uma vez sobre a vida “tranqüila” de RDP, porém fazendo a ressalva:

“quando é caso às vezes de acontecer alguma morte, porque existe muito paraíba, por causa de mulher. Por causa de amante, briga assim por causa de mulher, mas não é por causa de assalto”.

No primeiro capítulo mencionei o fato de na primeira fase do trabalho de campo ter me deparado com representações que acionavam um papel ativo das mulheres na esfera da conduta sexual. Essas representações muitas vezes evidenciavam a traição por parte dessas mulheres.

Fonseca (2000), em sua etnografia sobre a Vila São João em Porto Alegre, localizou no humor uma chave interpretativa para as relações entre homens e mulheres que poderia trazer imagens “diferentes dos estereótipos presentes no discurso normativo” (:139). Eram piadas e fofocas que falavam do homem “guampudo”, ameaçado constantemente pela possibilidade da infidelidade de sua esposa. Nessa situação, o homem aparece como mais marcado e mais vulnerável ao estigma do que a mulher que transgride as regras do casamento e essa “ameaça de transgressão acaba sendo uma arma na mão da esposa” (:152). Na primeira fase de minha pesquisa identifiquei algo da conduta sexual das mulheres que pode se aproximar do que fala a autora. Na segunda fase ouvi muito sobre o machismo dos nordestinos e a opressão sofrida pelas mulheres, mas ouvi isso de não-heterossexuais.

Certa vez Priscilla me explicou a lógica segundo a qual tal machismo acabaria “refletindo” contras os “gays”:

“Rio das Pedras por ser um lugar de nordestino, eu acho que o nordestino tem uma cultura muito machista, por exemplo, com a mulher, entendeu? E isso se *reflete muito negativamente contra os gays, e os travestis* também, né. Então isso aí é consequência, infelizmente *é uma consequência que vem de uma cultura machista.*”

Podemos abstrair daí um tipo de discriminação que recai sobre o *feminino em geral*. Portanto, acaba incidindo sobre as homossexualidades, mas em termos diferentes para homens e mulheres. Outra vez Priscilla esclarece:

“Como eu falei, aqui o Rio das Pedras é um lugar onde nordestino - não é preconceito o que eu tô falando, tá? É um fato, uma coisa que eu vejo. Já que eles são muito machistas, seria... é mais complicado um relacionamento, homossexual [entre dois homens]. De lésbicas talvez seja mais fácil, porque... apesar... a lésbica, talvez não aparenta que são, entendeu? Às vezes seria uma coisa mais escondida, mais incubada. Como dizem. Então isso aí seria uma coisa mais fácil pra sociedade. Mas de travesti...assim, descarado assim, não. Não. É raro, é difícil. Eu conheço algumas mas explícito assim é difícil. De gay não. Conheço mais de lésbica do que de gay e travesti. [...] Tem mais lésbicas, porque não aparenta.”

Gregori (2004) sugere que o “corpo feminizado” funciona como o lugar da violação. Sendo que as bases desta “violação” não se sustentariam sobre “corpos empíricos”, mas relações simbólicas permeadas por cor/raça, disposições estéticas, disposições de gênero e até em praticas sexuais ativas ou passivas, portanto independentes do sexo biológico.

Durante todo o período do trabalho de campo, fiquei com a impressão de que em Rio das Pedras somente as homossexualidade masculina das “bichas efeminadas” teria visibilidade, permanecendo oculta a disposição homossexual viril. A homossexualidade feminina apesar de ser a que “mais se vê” seria a menos aparente porque menos ameaçadora da masculinidade heterossexual viril.

* * * *

Estávamos andando pela rua perto de minha casa, quando um grupo de rapazes começou a fazer piadinhas para a Priscilla, a chamavam de “gostosa” ou “gatinha”, coisa que era muito comum e até mesmo corriqueira. Entretanto dessa vez Ivone resolveu intervir e

responder pela Priscilla: “fica quieto paraíba! Ela não quer nada com cearense cabeça chata, não!”. Claro que essa não foi a primeira vez que ouvi referências agressivas à paraíbas ou cearenses. E desde as primeiras entrevistas já haviam me dito que tal coisa era comum. Mas foi nesse momento que me dei conta de como os termos eram usados como “categorias de acusação” e como xingamentos muito facilmente, sem maiores constrangimentos. Vejamos a seguir como funciona a dinâmica entre cores, raças e origem regional em Rio das Pedras.

Origem regional, cor/raça e mestiçagem

Como já foi dito, outra característica peculiar de Rio das Pedras é a presença maciça de imigrantes nordestinos⁴⁵ e daí viria a conformação relativamente “mais clara” de sua população. Alkmin (2002) revela que “[e]m Rio das Pedras também ocorre uma significativa distinção étnica: 41% dos entrevistados declaram-se brancos, 48% morenos e 8% negros” (:123). Mas foi um outro trecho de seu trabalho que me causou certa inquietação:

“[...] o reconhecimento de uma pluralidade cultural, étnica, geracional, econômica e religiosa, que certamente se revela para aqueles que conhecem Rio das Pedras mais de perto, reconhecendo seu ritmo e a riqueza de sua vida social, através da inconfundível marca nordestina, mesmo que confrontada à presença dos negros e dos naturais do estado do Rio de Janeiro” (: 127).

Que tipo de configuração e dinâmica social teria encontrado nesse local para levá-lo a elaborar um sistema de classificação como esse: nordestinos, negros e fluminenses? A argumentação do autor insinua o quanto a imigração nordestina e mais especificamente a

⁴⁵ O *survey* realizado em 2000 identificou 54% dos moradores originários da região nordeste. Especialmente dos estados da Paraíba, Ceará e Bahia, respectivamente. (Alkmin, 2002)

origem regional contribui para o contorno da dinâmica de “cores” e mestiçagens na localidade.

Moutinho (2002) deixa claro como a complexa conformação de RDP demonstra a necessidade de compreender suas diferenciações internas tendo em vista a “estrutura de poder e prestígio local” sempre atrelada não só a marcas sociais de gênero, raça e origem regional, mas também a outras marcas como o local de moradia e a antiguidade.

Em estudo conduzido na favela de Alarico (Niterói), Pacheco (1986) expõe uma espécie de conflito e disputa entre os moradores nordestinos e os naturais do Rio de Janeiro, mais antigos no local. Os primeiros receberiam a alcunha de “Paraibas”, seriam mais claros e assumiriam certo preconceito com relação aos “pretos”, os segundos seriam os “Brasileiros” ou “cariocas”. Nessa lógica de oposição os “paraibas”, em contraposição aos “brasileiros”, recebem os adjetivos de “atrasados”, “desajeitados”, “intrusos”, “estrangeiros”. A oposição “Paraibas”/“Brasileiros” acabaria por separa-los em grupos distintos tanto geográfica quanto socialmente, sendo inclusive raros os casamentos entre membros de grupos distintos.

Alarico seria dividida em três áreas Zulu, Armazém e Santa. Zulu, a parte mais alta, com uma população predominantemente nordestina. A origem de seu nome estaria no fato de ser “habitado por ‘pretos muito pobres e arruaceiros’” antes dos nordestinos chegarem, “o que marcou uma imagem do Zulu como um ‘lugar perigoso’ onde as pessoas não costumavam ir sozinhas [...]”(Pacheco, 1986: 9). Tida como a área mais desprovida de infra-estrutura da localidade, a ocupação e as construções foram feitas de maneira desordenada. Fator que contribuiu para que os migrantes nordestinos ocupassem um lugar marginal, percebidos como “intrusos”, apesar de sua chegada também ter representado uma espécie de melhoria, “uma vez que se tratava de uma população ‘mais clara’ que migrava ‘em família’” e que tomou o lugar dos antigos moradores “pretos extremamente pobres” (:11).

Relacionando essa imagem de Alarico com o que ocorreu em Rio das Pedras, Moutinho revela que esse tipo de disputa regionalizada e racializada não se coloca, tendo em vista que os primeiros ocupantes da região não seriam predominantemente negros e também devido ao fato do processo de invasão e ocupação do lugar ter sido controlado pela associação de moradores.

“Entre as famílias de ‘pioneiros’, com quem conversamos em Rio das Pedras, havia uma família mais predominantemente negra. Embora não possa dizer que as demais fossem exatamente brancas em termos fenotípicos, era assim que se percebiam – e eram, pelo visto, percebidas” (2002: 243).

Este trecho permite perceber não só como esse possível conflito adquire contornos distintos em RDP, mas como a percepção de marcas raciais e regionais deve ser relativizada a partir de diferentes contextos históricos e estruturas relacionais locais.

Entre outros aspectos, ao se referir a presença dos nordestinos na favela, Moutinho nos fala sobre a percepção local do seu papel no controle do tráfico, consequência de um “rígido código de honra e virilidade”, pois durante o trabalho de campo foi comum ouvir “que a predominância nordestina na região era um fator determinante para ausência do tráfico de drogas e do tipo de violência e ameaça familiar que o acompanha” (idem: 239).

No trabalho de Pacheco (1986), a imagem do “paraíba brabo” também aparece, “fala-se que todos eles andam com sua peixeira e que com ela resolvem suas brigas.” (:64). Em Acari, a “peixeira” é uma marca da virilidade nordestina, Alvito (2001) ao referir-se a possíveis conflitos entre negros e nordestinos nos diz ter ouvido nordestinos reclamarem dos negros que “sempre arrumavam confusão”. Já estes, “achavam os nordestinos extremamente violentos e tinham medo, sobretudo, de ser esfaqueados (a famosa ‘peixeira’, ao mesmo tempo arma e símbolo ‘étnico’)” (:273). Nesta pesquisa em RDP, observei imagens semelhantes do “paraíba” ou “cearense brabo” que defende sua reputação à facada.

Sansone (2002), tratando da favela do Cantagalo, caracteriza-a como “mais velha e tipicamente ‘carioca’” (e negra), sendo formada predominantemente por migrantes de Minas Gerais e do interior do estado do Rio de Janeiro. Essa seria uma particularidade do local, principalmente em relação a morro vizinho, Pavão, formado por “paraíbas” (brancos ou mestiços claros). Essa diferenciação se expressaria em termos de diferentes estilos de vida. O autor cita um de seus entrevistados:

“Paraíba pega peso; no Galo, o pessoal paga para não carregar peso. Paraíba usa os dez reais que ganha para melhorar a casa, aqui são utilizados para tomar refrigerante e dar bala aos meninos. *Carioca é preguiçoso*. É isso mesmo. Não liga para dinheiro. É por isso que aqui não tem mercado, nem padaria. *Paraíba trabalha duro*. Ele tem a cultura dele, mais de roça, leva tudo a sério...sim, é matuto”(: 180).

Já Alvito (2001) chama atenção para o que ele denominou, em Acari, de “símbolos de etnicidade” (negra) presentes no espaço da favela, o que, por vezes, delimitaria territórios:

“Novamente, temos um símbolo de etnicidade: ‘urubu’, como sinônimo de torcedor do Flamengo, é uma alcunha com conotações racistas utilizada por torcedores de outros clubes. A associação entre povo-pobres-negros é bastante clara. (...) aqui temos a equação povo-pobres-negros-favelados.” (:35)

O autor também revela seu estranhamento ao perceber a ausência dos mesmos símbolos em uma visita ao Complexo da Maré e esboça uma possível explicação a partir do fato de ser uma favela mais recente e, portanto, de formação mais influenciada pelo momento mais intenso da migração nordestina.

Esse poderia ser o caso de Rio das Pedras, onde não percebi tais símbolos, no entanto outros sinais parecem marcar a presença nordestina. O forró, por exemplo, presente não só nas casas de show e bares, mas nos rádios das casas que deixam escapar seu som pelas ruas, em repentistas que vez por outra se apresentam em alguma calçada, nas lojas especializadas em produtos do nordeste etc.

A migração nordestina confere uma conformação especial às favelas do Rio de Janeiro de maneira geral. Tanto no que concerne à composição racial, quanto às identidades e moralidades que se constroem a partir da oposição “cariocas”/“paraíba” e a existência de conflitos mais ou menos explícitos. Em Rio das Pedras, esse tipo de conflito não ocorre de forma acentuada, ainda que essa oposição esteja presente de maneira latente e se articule a outras clivagens que contribuem para a estruturação da rede de poder e influência local.

A respeito de Alarico, Pacheco afirma que “Existe o paraíba preto e não o preto paraíba, ou seja, Paraíba é uma categoria que precede a categoria de atribuição de cor”(48). De modo semelhante a Alarico, em Rio das Pedras a origem regional também parece se sobrepôr à cor/raça. Em conversas, e principalmente nas entrevistas, ao perguntar sobre categorias de cor/raça existentes no local, as pessoas se referiam aos nordestinos, “paraíba”, “pessoal do norte” ou “Rio das Pedras é o ponto de referência dos nordestinos, né”.

Certa vez perguntei a Bebel (negra, 35 anos) se haveria muito preconceito em Rio das Pedras e a princípio ela respondeu que não, depois:

“Olha, se tem tá guardadinho numa caixinha. Claro que tem preconceito, as pessoas são preconceituosas. É o natural de qualquer pessoa, mas não é uma coisa que é muito...Eu nunca presenciei [...] esse preconceito. Eu particularmente nunca presenciei. Agora, mas aí você tem que analisar também por essa *questão das pessoas serem nordestinas* e tá todo mundo falando: ‘fala aí paraíba... Aquele paraíba...’ tem essa coisa também. ‘*ah, tinha que ser paraíba, por isso que é burro...*’ tem essas coisas. Então *é um preconceito, agora em relação à raça mesmo...*”

Quando lhe perguntei sobre preconceito, o exemplo que ela trouxe foi do que incidiria sobre nordestinos. Esse seria o que aparece de forma explícita, pois o que seria manifestado com relação à “raça mesmo” é dissimulado, “guardadinho numa caixinha”. Ela ainda diz que:

“Embora as pessoas digam que os nordestinos são preconceituosos, eu nunca tive essa vivência das pessoas de as pessoas tá ‘fala aí o macaco, negro...’ essa coisa toda,

nunca tive essa coisa aqui no Rio das Pedras, de presenciar. Não me sinto excluída, discriminada...”

Anteriormente mencionei a maneira “livre de constrangimentos” com que são feitas referências a “paraibas” e “cearenses” como termos ofensivos, como xingamentos. Indo mais além, diria que discriminar nordestinos é mais “fácil” e mais aceitável do que “pretos”. “Paraíba” ou “cearense” são as categorias de acusação que estão “mais a mão” para serem acionadas. Em outro dia, numa da van da cooperativa local que demorava a sair do ponto final, uma das passageiras irritada com a demora começou a esbravejar: “só podia ser paraíba mesmo! Não pego mais o carro desse paraíba!”.

A explicação de Priscilla, quando numa de nossas primeiras conversas perguntei-lhe qual tipo de preconceito ela sentia mais - por orientação sexual, pela cor/raça ou pelo local de moradia -, sugere algo bastante interessante e elucidativo:

“Bom, num contexto geral as pessoas, não falam diretamente. Por exemplo. Se uma pessoa for um negro e a pessoa for racista, ela não vai atacar diretamente. Ela vai achar outros artifícios, já que discriminar uma pessoa é crime. Então a pessoa vai achar outros artifícios de atingir aquela pessoa. Então, no meu caso, se for por preconceito de raça contra mim, ela vai usar talvez o termo mais pejorativo quanto ao gay e não ao negro, entendeu? Então quanto a mim, poderia ter no mínimo três: um por ser travesti, o segundo por ser pobre e terceiro por ser negro, entendeu? Se a pessoa tiver preconceito com um desses três e se um for crime, ela vai usar o outro pra atingir, que ela não vai se prejudicar.”

Seguindo essa lógica, discriminar pela origem regional seria uma forma muito mais livre de desaprovação do que pela cor ou raça. Assim como a discriminação por orientação sexual ou local de moradia.

Quando eu questionava as pessoas sobre preconceito e/ou discriminação, não foi incomum que me dissessem que achavam o preconceito contra os nordestinos maior do que com os negros: “preconceito aqui tem mais com essa coisa de origem”.

Isso foi também o que vi durante o período em que estive em campo, mas não convivi muito com nordestinos e na maior parte do tempo estava na companhia de negros ou negras. Uma das pessoas com quem mantive contato mais próximo era do Maranhão, todavia não parecia ter como forte referência pessoal o fato de ser nordestino. A impressão que tive é de que ser *nordestino* não tem correspondência com a divisão regional do país de fato. ‘Norte’, ‘nordeste’ ou ‘nordestino’ são categorias que aparecem relacionadas sobretudo aos cearenses e aos paraibás. Sendo usados como sinônimos indiscriminadamente, inclusive.

Quando eu pedia explicações quanto a categorias de cor/raça, desempenhos de gênero ou termos usados para indicar orientação sexual, era comum que as pessoas usassem a auto-referência como ponto de partida. Entretanto quando o assunto era preconceito ou discriminação o mais usual era que fizessem alusão ao outro e não para si. E quando relatavam situações ocorridas com elas próprias eram histórias vivenciadas fora favela, ou rejeitadas como um problema localizado na favela.

Numa conversa com Priscilla ela disse, deslocando o problema de si, que “aqui é mais importante pra você estudar do que essa coisa de homossexualidade seriam as mulheres”. Segundo ela, por ter muito nordestino e por eles serem muito machistas, as mulheres sofreriam mais, “aceitam qualquer coisa só pra ter um teto onde morar [...] tem muita violência contra a mulher”. Então hierarquizou para mim os problemas que teriam “importância” em RDP, em ordem decrescente: “mulher”, “o social” (querendo dizer a pobreza), “cor/racismo” e por último “os gays”. Apesar de - como vimos acima - Priscilla reconhecer sofrer mais preconceito por sua orientação sexual do que por sua cor/raça, elege “os gays” como última instância que teria “importância” para um estudo.

* * * *

No morro do Cantagalo, Sansone identificou três posições sobre o discurso da cor/raça. A grande maioria se enquadraria num discurso de igualdade, onde a cor não recebe muita importância e aparece como uma categoria secundária. Outro pequeno grupo seria o dos mais “cultos”, esses se declarariam como “negros”, sendo esta uma categoria política de afirmação. Finalmente, haveria o terceiro grupo, minoritário, “segundo o qual a cor deve ser relativizada e até exorcizada, brincando-se a respeito dela” (2002: 167). Percebe que é no mercado de trabalho (mas não apenas) que a cor surge como barreira nas trajetórias individuais e também a associação entre certos espaços e “cores”: “os momentos conflituosos se exprimem em polaridades que contêm, e ao mesmo tempo superam, a polaridade branco/não-branco: morro/rua, subúrbio/zona sul, paraíba/carioca, bandido/direito e playboy/“funkeiro”” (idem: 166-7).

Outros estudos, como o desenvolvido por Cunha (2002) em Vigário Geral, sinalizam para a necessidade de nos mantermos atentos às diversas configurações que o cruzamento de marcadores como raça e gênero podem assumir em favelas e comunidades populares, principalmente quando associados às questões de violência e o quanto a combinação de “cores” da população local pode influenciar nesses aspectos.

Ao inquirir uma de suas entrevistadas sobre a existência de racismo em Vigário, Cunha percebe que o racismo estaria ausente devido aos estreitos laços de convivência e vizinhança, ou ainda o que sua entrevistada chamou de “‘racismo de preto’ só poderia existir em lugares onde ‘pretos’ e ‘não-pretos’ estivessem em contato” (2002: 122). Entre os jovens do grupo pesquisado a violência aparece como um fenômeno ubíquo – crimes e mortes estão presentes nas histórias que envolvem não só conhecidos e amigos, mas também a família - e perpassa todos os espaços de sociabilidade do cotidiano. Em Vigário, referências à cor apareceram no que a autora chamou de “discurso de vitimização”. Sua ocorrência estaria condicionada ao contexto, aos atores envolvidos e aos cenários onde esse tipo de marca e

diferenciação ganhasse importância. Ao falar do funk, por exemplo, Cunha percebe que “se ‘no funk tem gente de toda cor’, como procuraram realçar quase todos os entrevistados, quando o funkeiro é vítima de algum tipo de perseguição, os vitimizados são ‘quase tudo da cor’” (idem: 138).

Voltando ao trabalho de Pacheco, em Alarico, questões interessantes a respeito de classificação e identidade racial são apontadas. Ao se interessar pela maneira como as relações raciais se expressam no local, realiza um levantamento das categorias relativas à cor e das formas como são atribuídas, assim como procura apreender os momentos em que são evocadas, pensando nas relações entre os indivíduos, entre os grupos e na esfera familiar. Começando por indagar sobre a cor das pessoas e a percepção de diferenças entre os indivíduos, notou certa dificuldade na introdução do tema e a interpretou como uma tentativa dos entrevistados de demonstrar que não se dava importância a essa forma de classificação/separação nas relações pessoais.

Em sua investigação, encontrou um grande número de categorias de referência a cor das pessoas, o que demonstraria as variadas possibilidades de manipulação de identidades raciais e certa ambigüidade causada pela presença de um grande número de mestiços no grupo. A atribuição de cor às pessoas seria definida por relações pessoais e “o fato de que as relações raciais não são definidas a priori, implicam em diversos tipos de comportamento e que, portanto, estão antes referidas às formas pessoais de tratamento do que diretamente vinculadas à cor das pessoas” (Pacheco, 1986: 26).

Telles (2003) registra as transformações ocorridas na sociedade brasileira “desde a concepção da democracia racial até o estágio de pensamento mais recente que reconhece o racismo, e no qual o governo busca implementar políticas sociais sensíveis à questão racial. Essa mudança iniciou-se em meados dos anos 80 e foi consolidada no final dos anos 90” (:32). Nesse sentido, cabe chamar atenção para a localização do contexto histórico e político

no qual os diferentes trabalhos aqui citados foram realizados. O trabalho de Moema Pacheco data de meados da década de 1980, já os de Lívio Sansone, Marcos Alvito e Olívia Gomes da Cunha foram desenvolvidos entre 1994 e 1998.

Segundo Edward Telles, o período que vai de 1995 até 2003 (onde encerra sua análise), foi marcado pelo reconhecimento da existência do racismo pelo Estado brasileiro⁴⁶ num movimento crescente que desemboca nas recentes medidas de implantação de ações afirmativas. Para o autor, após a Conferência Mundial contra o Racismo de Durban em 2001, “a idéia de formular políticas sociais para reparar o racismo e as desigualdades raciais parece ter se fixado na vida política brasileira” (: 98). Credita grande parte dessas mudanças à pressão exercida pelo movimento negro, que de forma crescente viria conseguindo romper a ideologia da mistura de raças e, através da afirmação de uma identidade negra comum teria conseguido “fortalecer-se o bastante para influenciar as decisões do governo no desenvolvimento de políticas sociais anti-racistas” (: 319). O momento atual, portanto, estaria marcado por uma reconfiguração do campo das relações raciais no Brasil. Todavia, ao mesmo tempo em que teríamos a superação da ideologia da democracia racial, a miscigenação ainda persistiria “como um componente importante da cultura popular” (: 99).

Conversando com uma pessoa sobre o baile *funk* de Rio das Pedras, perguntei se ele percebia alguma diferença na frequência no baile, se haveria mais brancos ou negros. A primeira resposta foi: “*acho que brancos, tem mais brancos*”, depois pensou um pouco e falou: “*Morenos. Moreno claro, moreno escuro. Branco, branco mesmo não tem. Tem uns*

⁴⁶ Um marco do posicionamento do governo é a criação em 1995 pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, do Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra. Em discurso na cerimônia de instalação do Grupo, o Presidente declara: “Nós valorizamos a existência de muitas raças entre nós. Cada uma com suas características, todas com a capacidade de desenvolver uma vida em comum e de não fazer da suas diferenças motivo para privilégio. [...] É claro, também que, embora nós tenhamos no Brasil essa característica, em comparação com outros países, de valorizarmos a tolerância, nós, durante muitos anos, negamos a existência de diferenças, de racismo e de discriminação. [...] Existe sim, preconceito no Brasil. A valorização do negro implica também na luta contra o preconceito. Porque ele existe. Ele aparece muito objetivamente em termos de discriminação de salário, de não utilização de pessoas, não só de negros, mas de certos grupos raciais”.

(http://www.planalto.gov.br/publi_04/colecao/racial.htm, último acesso em 13 de março de 2005).

gringos, mas aí...”. Essa é a impressão geral que tenho de RDP, de que ali são todos “morenos”, mais claros ou mais escuros. Isso não significa que muitos não se percebam negros ou negras ou que neguem ou não percebam o racismo e discriminação que por vezes lhes atinge. Mas que “moreno(a)” é a categoria genérica mais usada no tratamento entre esses sujeitos, é a maneira como são chamados e vistos e também a forma que escolheram como autoclassificação.

Numa conversa perguntei a Cláudia (20 anos) sobre termos para se referir a cor/raça que ela costumava escutar em RDP, disse-me: “*aqui falam moreno. Eu digo que sou negra e as pessoas dizem ‘morena’ [...] tem essa coisa de que é um pouco mais claro, entra o ‘morena, morena jambo’*”. Perguntei por que ela achava que as pessoas falavam dessa forma e ela disse que não sabia muito bem, mas que podia ser uma idéia copiada dos EUA. E depois me deu uma explicação em que essa idéia de cópia americana parecia algo invertida: “*porque o Brasil é misturado e tem várias cores, então as pessoas querem essa coisa de moreno, moreno jambo. E que é diferente só do branco e preto*”. Perguntei o que ela achava melhor. Ela pensou um pouco e disse que preferia o “preto ou branco”, tem menos confusão. Fica mais fácil”.

Robin Sheriff (2001) propõe uma reflexão sobre identificação racial, expondo as dificuldades de se encontrar uma linguagem neutra ou objetiva especialmente para se discutir cor/raça no Brasil, onde coexistem diversos modelos de classificação: “Afirmo que boa parte da linguagem usada para descrever raça e cor no Brasil provém não só de modelos norte-americanos de classificação racial mas também das preocupações teóricas peculiares a um momento particular da história da antropologia americana”(218). Outro ponto problematizado por Sheriff, ao dialogar com o trabalho de Marvin Harris, é a questão de “até que ponto os próprios brasileiros concebem os termos relativos à raça/cor que usam como constitutivos de noção de identidade realmente raciais” (: 219). O argumento da autora tem

por base sua pesquisa⁴⁷ em uma favela carioca onde percebe que vários discursos sobre cor e raça são evocados e estão impregnados de “estilos e visões retóricas bastante distintos quanto à identidade de raça e de cor” (idem: *ibidem*). E a partir desse ponto troca o termo “categorias raciais” por “discursos de descrição”, pois os termos utilizados por seus interlocutores não categorizam ou classificam, mas são usados, sobretudo, para descrever, embora estejam inseridos em uma hierarquia de valores.

Para esta autora, os discursos sobre cor não representam uma identidade racial “estática ou essencializada”, a “verdadeira cor” de uma pessoa é oculta. Dizendo de outro modo, essas formas retóricas de referência remetem à “cor e aparência”, antes de serem propriamente “raciais”. E nesse ponto lembra o trabalho de Maggie (1996) onde é discutida a utilização de gradações que vão do mais claro ao mais escuro, enfatizando a hierarquia de valores ligados a essas diferenças, mas distanciando-se da oposição referenciada nos termos “preto” e “branco”. Sheriff conclui de sua pesquisa que, em uma dimensão onde a linguagem constrói o contexto no qual ocorre, o “discurso racista constitui uma espécie de ‘subterrâneo’: é onipresente e ressonante, mas não totalmente elaborado nem articulado em voz alta” (: 236).

A abordagem de Robin Sheriff se assemelha muito a de Peter Fry (1996), tendo ambos recorrido em sua argumentação ao trabalho de Vicent Capranzano. Nesse artigo, Fry faz uma distinção entre três modos usados para “classificar” no Brasil: 1) o modo binário: “negros” e “brancos”; 2) o modo múltiplo oficial: “pretos”, “brancos” e “pardos”; 3) o modo múltiplo coloquial, que traria uma infinidade de termos possíveis. Para o autor, todos os modos, “baseados em noções neo-lamarckianas de descendência, são racistas, mas o modo múltiplo é mais consistente neo-lamarckiano na medida em que reconhece múltiplas entradas ‘raciais’ na constituição da pessoa através da descendência. O modo americano/militante/bipolar endossa

⁴⁷ A pesquisa de campo foi feita entre os anos de 1990 e 1992.

a noção racista de que basta uma gota de ‘sangue negro’ para ‘poluir’ a ‘pureza branca’ e produzir um mundo de ‘raças’ essencializadas” (Fry, 1996: 133). O que Fry tenta demonstrar é que no Brasil, apesar da visibilidade do modelo bipolar ganhar força, outras maneiras de expressão continuam ainda muito presentes. E que, nesse sentido, o mito da democracia racial não deve ser descartado, pois mesmo que exista uma tendência crescente para a polarização, existem também sujeitos clamando por “identidades sociais além das categorias ‘raciais’ existentes” (idem: 134).

A perspectiva com que percebi as classificações de cor/raça em Rio das Pedras assemelha-se bastante a seguinte afirmação:

“[...] as categorias não são fixas; pelo contrário, são acionadas em determinados contextos e relações. Negro, branco, preto, moreno etc. tornam-se atribuições que podem variar de acordo com quem fala, como fala e de que posição fala. As formas de manipular esse sistema de classificação não se dão, entretanto, por acaso. Há certas regras de classificação que deixam entrever um complexo jogo de relações de poder.” (Maggie & Rezende, 2001:15)

Em Rio das Pedras, tanto para sexualidade quanto para cor/raça pode-se perceber que o debate político de algum modo acaba chegando até as pessoas. No entanto, a sensação é de que algo desse discurso se perde ou se modifica no caminho. Pensando nas maneiras como (homos)sexualidade e cor/raça apareceram durante toda a pesquisa de campo, notei que já se ouviu falar “daquilo”, ou seja, das políticas de identidade e da linguagem politicamente correta. Contudo, na adaptação do que se escuta para as práticas da vida diária algo não se realiza, estabelece-se uma discrepância. A situação que narro abaixo, esclarecerá este ponto.

Estávamos todos na casa do Carlos – eu, Ivone, Priscilla, Carlos e uma vizinha dele - e ele resolveu colocar uma música. A voz de Seu Jorge saía das caixas de som quando Ivone comentou: “Ah! Eu admiro muito esse negro aí, admiro muito esse negro!”. A menina vizinha do Carlos disse logo em cima do comentário: “Olha, eu vou te dizer uma coisa, mas você não fica chateada. Não pode dizer negro, não!”. Então, eu ri (não me contive) e perguntei: “Então

vai dizer o quê?”. Priscilla riu junto comigo e disse: “Boa pergunta!” e em seguida todos começaram a rir e meio que mudamos de assunto. Um tempo depois perguntei para a menina porque ela tinha dito aquilo de não poder dizer “negro”. Ela explicou que tinha visto na televisão, que não podia dizer nem “negro”, nem “preto”. E que uma mulher ia pegar “não sei quantos anos de cadeia” porque “**xingou**” alguém de “negro”. Ivone escutou a explicação e disse que não falava “negro” em sentido “pejorativo”. E buscou legitimar esse sentido não-pejorativo dizendo que ela mesma era negra, que o Carlos era negro e que “na verdade” era a mais negra de sua família. Fazendo comparação com a cor da menina⁴⁸, completou dizendo que seus irmãos eram da cor dela ou mais claros.

Ouvindo tudo o que a Ivone falava, Carlos interrompeu - e apesar de certo tom de quem faz troça, me pareceu falar sério - “mas eu sou negro?! Negro não é quem tem beição?” e olhando-se num espelho, projetou os lábios para fora simulando um “beição” com a boca. Então, a menina, que já estava dando em cima do Carlos há algum tempo, lhe abraçou dizendo: “eu adoro negro!”.

Há algumas linhas atrás reproduzi uma conversa em que uma mulher negra aconselhava um rapaz “gay” e negro há buscar um pré-vestibular comunitário para negros e carentes. Sua argumentação estava embasada no acúmulo de discriminações de quem é negro, “gay” e também morador da favela. A soma dessas desigualdades deveria provocar um maior esforço de desenvolvimento de capitais financeiros e culturais que o habilitassem a superá-las. Segundo ela, fazendo esse cursinho ele estaria apto a disputar “pau a pau” com qualquer “playboy-filhinho-de-papai” uma vaga na universidade. Essa mulher também disse que não se importava realmente “com essa coisa de raça”, pois “gosta *das pessoas* e isso não importa”. Entretanto, achava importante ensinar “sobre raça” para o filho de 8 anos. Ela contava para o filho: “as pessoas têm preconceito... Isso é ignorância!”. Por esse motivo dizia para ele “ter

⁴⁸ Eu não perguntei para a menina como ela se autoclassificava. Eu a classifiquei como mestiça ou como diriam em RDP, “morena”. Mas tudo leva a crer que ela se considerasse branca

pena dessas pessoas”. Mas isso somente “para ele ter consciência”, “não para afirmar a diferença” e por isso ela era “contra o que falam por aí”.

Em resumo, essa argumentação deixa entrever como é possível manipular a vitimização extraindo o que dela pode resultar em ganhos imediatos, como um “cursinho” e adiante o acesso a universidade, porém sem se colocar na posição de vítima e sem insistir na afirmação da diferença.

CAPÍTULO IV

CLASSIFICAÇÕES DO DESEJO: COR/RAÇA, HOMOSSEXUALIDADE, GÊNERO E CIRCULAÇÃO

Neste capítulo passeio com meus amigos um pouco para fora do universo de Rio das Pedras. Em verdade, menos do que “fora”, estico um pouco a borda que circunscreve RDP para captar algo da circulação e dinâmicas relacionais experienciadas pelos sujeitos que transitam pela cidade de maneira mais ampla.

Elaboro a hipótese de que são classificações que entrecruzam sexo, gênero, cor/raça e estilos, que organizam o desejo que, por sua vez, orienta a sociabilidade e a circulação de corpos e pessoas entre os espaços da cidade.

Podemos dizer que existem dois grandes circuitos de lazer noturno voltado para o público homossexual no Rio de Janeiro, um localizado na zona sul e outro no subúrbio da cidade. E que o centro da cidade talvez seja um local onde esses dois circuitos podem se cruzar. As próprias falas e observações das pessoas com quem convivi durante o trabalho de campo organizam esse desenho para o circuito noturno da cidade. São falas que também hierarquizam as opções da noite “GLS” carioca em termos de público/classe, tipos/orientação sexual, preço, localização e acesso, mas que igualmente transparecem como essa organização é relativa. É comum ouvir de quem frequenta a noite em Madureira que a boate *1140* (na Praça Seca) é lugar de gente de “nariz em pé”. Já de frequentadores da *1140*, ouvi que a boate *Le Boy* (em Copacabana) que era lugar de “gente de nariz em pé”. Seguindo essa lógica fica fácil inferir que dos frequentadores da *Le Boy*, ouviríamos que onde as pessoas têm o “nariz em pé” é na boate *00 (ZeroZero)* na Gávea, por exemplo. Amplamente reconhecida pelos

altos preços praticados na entrada e no bar e igualmente pela frequência de pessoas famosas e/ou com alto poder aquisitivo.

Pessoalmente, eu tinha alguma familiaridade apenas com o circuito da zona sul. Ao iniciar a pesquisa em RDP, percebi ali uma configuração diferente da que eu conhecia com relação às categorias e formas de interação entre as pessoas. Mais adiante, quando passei a frequentar um espaço do bairro de Madureira, descobri que esses aspectos que eu considerava *diferentes* faziam parte de um circuito mais amplo de subúrbio.

Entre fevereiro e junho de 2006, trabalhando para outro projeto de pesquisa⁴⁹, frequentei cerca de uma vez por semana um espaço do bairro de Madureira visando à produção de pequenas etnografias diárias⁵⁰. Trata-se da *Travessa Almerinda Freitas*, rua onde se localiza uma das boates mais famosas da região direcionada para o público homossexual, a *Papa G*. Uma vez por semana essa pequena rua torna-se um ponto de encontro “gay” ou “GLS”⁵¹. É a “Quarta Gay”, frequentada por homens e mulheres de diversas idades, porém predominantemente jovens.

Durante o trabalho de campo em Rio das Pedras, minhas incursões pelo lazer noturno com amigos moradores da localidade, acabaram sendo estendidas para essas “quartas” no

⁴⁹ Projeto *Relations among “race”, sexuality and gender in different local and national contexts* elaborado originalmente por Laura Moutinho, Omar Ribeiro Thomaz, Cathy Cohen, Simone Monteiro, Rafael Diaz and Elaine Salo. A pesquisa está sendo realizada por seis centros de pesquisa: USP, CLAM/IMS/UERJ, CEBRAP, IOC/FIOCRUZ, SFSU/CCI - San Francisco, Center for the Study of Race, Politics and Culture – Chicago, AGI/UCT - Cape Town and WITS-Johannesburg. O grupo de pesquisadores compreende Laura Moutinho (Coordenação geral), Simone Monteiro (coordenação Rio de Janeiro), Júlio Simões (coordenação São Paulo), Elaine Salo (coordenação Cape Town), Brigitte Bagnol (coordenação Johannesburg) Cathy Cohen (coordenação Chicago) and Jessica Field (coordenação São Francisco). A pesquisa é financiada pela Fundação Ford e conta com o apoio do CNPq.

⁵⁰ Agradeço especialmente a colaboração das coordenadoras de campo da pesquisa citada na nota anterior: Anna Paula Vencato e Fatima Cechetto.

⁵¹ *Rua gay* ou *Rua GLS* são categorias nativas. A sigla GLS, que significa Gays, Lésbicas e Simpatizantes, foi a forma como muitos dos frequentadores com quem tive contato se referiram ao espaço. Segundo França (2006), o surgimento do termo na década de 1990 é correlato ao aparecimento de um mercado voltado para um público específico. A autora relaciona a categoria a “[u]ma espécie de tradução da idéia norte-americana de friendly, o S da sigla indica “simpatizantes”, numa intenção de expandir as fronteiras do “gueto”, abarcando também consumidores que não se identificam como homossexuais, mas que de alguma forma participam desse universo” (: 2). Sobre o mercado como processo de atualização e recaracterização do gueto e especificamente sobre o caso da cidade de São Paulo, ver Simões & França (2005).

bairro de Madureira. Lá acabei conhecendo outras pessoas que moravam em RDP, com quem também passei a ter algum contato no dia-a-dia da favela.

Tudo começou com um “acaso”. Estava com Ivone em Rio das Pedras quando recebi um telefonema de um amigo de Madureira em que combinamos um encontro na *Quarta gay*. Ivone escutou a conversa e quando desliguei perguntou se poderia ir comigo. Nos divertimos bastante naquela noite. Ela que havia se separado recentemente encontrou amigos e amigas da época em que era solteira e arranjou uma nova “ficante” que acabou voltando para RDP junto conosco. No trajeto de volta para casa encontrei com Priscilla. Ela disse que fazia tempo que não saía em Madureira por falta de companhia e reclamou de não ter sido chamada para ir conosco. Terminamos a noite conversando e tomando “a saideira” em minha casa e fazendo planos para a próxima semana, quando iríamos juntas para a *Rua Gay* (ou simplesmente *Rua*).

Essa foi a primeira pista de que poderia ser estabelecida certa dinâmica comparativa entre esse espaço de Madureira e aspectos da pesquisa que vinha conduzindo em Rio das Pedras. A outra vinha da menção freqüente ao bairro de Madureira, à boate *Papa G* e à boate *1140* como locais que se freqüentasse ou que se desejasse freqüentar. Citados desde os primeiros contatos estabelecidos para a minha pesquisa. Pode-se dizer que a *Rua* de Madureira junto com essas boates ocupam um espaço privilegiado no circuito de lazer noturno homossexual do subúrbio do Rio de Janeiro.

A partir dessa primeira visita, essas saídas de quarta-feira acabaram se tornando rotina durante os meses em que morei em RDP. Pude então perceber semelhanças e captar dinâmicas e interações que revelaram aspectos de certo código que baseado em classificações e categorizações dos sujeitos, orienta a circulação pelos espaços da cidade. Ora aproximando representações captadas em Rio das Pedras de uma espécie de circuito GLS do subúrbio do Rio de Janeiro, ora afastando.

Madureira e esse espaço mais específico que é a *Rua gay* e Rio das Pedras são localidades muito distintas. Quando pensamos em homossexualidades, em Rio das Pedras é mais difícil perceber a interação explícita entre corpos e pessoas. Em geral, nos espaços públicos as coisas ocorrem de forma velada. Não que não seja fácil, e às vezes até comum, localizar as figuras “mais pintosas” da região, sejam homens ou mulheres. Mas não é tão simples identificar a interação. Eu tive acesso a parte dessas interações, relegadas ao mundo privado das relações, através de meus amigos e amigas “entendidos”. Assim, eu podia “ver” um pouco mais, uma vez que trazia meu olhar orientado por eles ou enxergava através deles.

Comparativamente, podemos pensar no “bar das entendidas” como o local de Rio das Pedras mais próximo de ser considerado um espaço GLS, apesar de funcionar com alguns interditos como o ‘beijo na boca’. O espaço do baile *funk* aos domingos mais parece uma concessão de espaço para os “gays” e travestis. Já na Rua de Madureira o espaço é *gay* e tudo acontece de maneira mais do que explícita.

Transitar por esse espaço de Madureira traz possibilidades diversas para os que saem de Rio das Pedras. É a ocasião de encontrar e conhecer gente diferente, “de fora”. Além do atrativo da novidade e do desconhecido, representa igualmente a oportunidade de um envolvimento afetivo-sexual sem o comprometimento com a “comunidade” e a evitação da fofoca da vizinhança.

Quase sempre que eu conhecia uma pessoa nova em Rio das Pedras eu perguntava por quais lugares ela costumava sair e invariavelmente Madureira era de alguma forma citada. Também sempre que tive oportunidade procurei conversar sobre possibilidades de encontros afetivo-sexuais, pensando comparativamente em espaços dentro e fora de Rio das Pedras. O que mais escutei foram coisas do tipo “não gosto muito de me envolver com o pessoal daqui”. Havia explicações de ordem mais prática do tipo: “não gosto de ser vigiado”, e outras de apelo quase moral, como a de uma “entendida”:

“aqui as mulheres não gostam de trabalhar, não. As pessoas se acomodam com o que tem. Se você tem um quartinho, se está dando pra você dormir nele, acordar e ir pra farra a noite, tá ótimo! Mas não quer saber de sair de dentro dele pra pegar o caminho pra ir trabalhar! [...] vou querer uma mulher dessa?!”.

Essa desvalorização de parcerias na vizinhança, que pode combinar características de personalidade e razões mais práticas de manutenção de privacidade, são motivos que estimulam e justificam a circulação por outros espaços da cidade. Durante o período que circulamos entre Madureira e Rio das Pedras, conhecemos pessoas que acabaram indo para Rio das Pedras conosco. Para passear e conhecer ou mesmo para namorar, como aconteceu com alguns dos “casos” que meus amigos e amigas arrumaram na *Rua*. E assim como essas pessoas foram levadas para RDP, nós poderíamos ter sido levados para fora de RDP.

A dimensão comparativa descortinada pela circulação entre Madureira e Rio das Pedras, tornou inteligível algo do que eu chamei de “classificações do desejo”. Através de conversas e observações sobre esse sistema de categorias que classifica “o outro” em geral e “o outro” desejado, busquei localizar as representações que entrecruzam gênero, cor/raça e estilos que surgem nesse sistema. Veremos no próximo item alguns aspectos do arranjo sócio-espacial da *Rua* de Madureira.

O espaço e seus freqüentador@s⁵²

O bairro de Madureira⁵³, localizado na zona norte, pode ser visto como um grande centro do subúrbio. A grande oferta de transporte ferroviário liga o bairro a quase todos os

⁵² O @ (arroba) vem ganhando espaço de utilização como uma maneira de fugir às amarras de significação dos gêneros masculino ou feminino. Durante o trabalho de campo notei o uso do caractere em alguns *flyers* de festas direcionadas ao público não-heterossexual.

⁵³ Para alguns dados demográficos sobre o bairro e uma breve contextualização histórica de sua formação: http://www.rio.rj.gov.br/subzonanorte/atrativ_historicos_predios_historicos.htm e <http://www2.rio.rj.gov.br/governo/subzonanorte/>

subúrbios da cidade. O bairro também é bem servido pelas linhas de ônibus, além do grande volume de transporte alternativo das vans e kombis. Aspecto que contribui para que a região seja conhecida pela variedade e volume de seu comércio, com fama de ser uma das maiores arrecadações de ICMS da cidade. Outra fama da região é a tradição do samba, a região que abrange Madureira e Oswaldo Cruz abriga três agremiações do gênero. Fatores que tornam o bairro importante referência de lazer.

As linhas de trem que cruzam Madureira são acompanhadas por um viaduto que divide o bairro em três lados. A Travessa Almerinda Freitas é uma pequena rua de localização privilegiada. Próxima ao viaduto, a travessa fica entre vias principais ou que dão acesso a vias principais e do mesmo lado do viaduto que o Madureira Shopping. Bem próximo a ela está uma das escolas de samba da região e a parte do viaduto onde acontece um famoso baile Charme⁵⁴. Ainda próximo, mas do outro lado do viaduto, um local misto de bar, boate e casa de shows de frequência heterossexual.

Contaram-me que há pouco tempo atrás, ao encontro na rua antecedia o encontro no shopping. Eram as “Quartas gays do shopping de Madureira”⁵⁵. Corre o boato de que alguns banheiros do shopping ainda são propícios para a “pegação”, mas que o movimento da ‘quarta gay no shopping’ não é mais o mesmo.

Sendo assim, a *Rua* é considerada um “local de encontro”. Além de ser freqüentada por gente de regiões bem próximas como Cascadura, conheci pessoas que diziam vir de diversos bairros da cidade, como: Botafogo, Grajaú, Maracanã, Rio Comprido, Santa Cruz, Bangu, Nova Iguaçu, Campo Grande, Santíssimo, Bento Ribeiro, Méier, Quintino, Caxias etc.

Em uma extremidade da rua fica o “Chove lá”, uma casa que aos poucos vem sendo transformada em bar e que, como me contou o dono, tem pretensões de se transformar em

⁵⁴ Cechetto (2004) empreende uma análise interessante sobre o Charme e sua associação a um determinado estilo de masculinidade.

⁵⁵ As “quartas gay” do shopping de Madureira aparecem no trabalho de Moutinho (2005) compondo certo mapa do *circuito GLS* citado pelo grupo pesquisado pela autora.

“boate GLS”. Para juntar fundos para as obras necessárias ao empreendimento ele cobra 0,50 centavos pelo uso do banheiro, que é o único disponível na rua. Por conta disso, o “Chove lá” está sempre repleto de mulheres. Na outra extremidade da rua fica a boate Papa G, que funciona de quarta a domingo. A boate tem três ambientes, dois deles bastante segmentados. No primeiro piso fica um bar, a chapelaria e uma pequena *lan house*. No segundo piso ficam a pista de dança, o palco onde acontece um show de *drags* e o queijo onde dançam *gogo-boys* e *gogo-girls*. Nesse ambiente ficam predominantemente os homens, sendo possível em algumas noites contar nos dedos de uma única mão as mulheres ali presentes. No terceiro piso, uma espécie de terraço, funciona a música ao vivo. Uma dupla de cantoras famosas no circuito GLS do subúrbio se apresenta ali. É nesse terraço que se concentram as mulheres.

Já na rua, espalham-se barracas e isopores com bebidas, também barracas vendendo hambúrgueres, cachorro-quente, espetinho de frango e salsichão. A bebida mais consumida é a cerveja de garrafa a R\$3 e o vinho vendido em garrafas de plástico de 500 ml ou 1 litro, por R\$3 ou R\$5. Um Opala preto “insulfilmado” vende batidas em garrafas tipo *long neck* de cores fortes como verde quase fosforescente (a de bala halls) e rosa choque (a de sabor tuti-frutti). Em uma noite o carro trazia as inscrições no vidro: “Motel 20 reais”, o que provocou risos e comentários de absurdo, já que não muito longe dali poderia se encontrar um “motel de verdade” quase pelo mesmo preço.

A maneira como alguns freqüentadores apelidaram a rua oferece uma boa imagem para descrever um pouco da dinâmica do local: “Rua do Zig Zag”. A rua é curta e estreita e nas quartas-feiras de intenso movimento (com exceções de dias chuvosos e com picos de lotação em véspera de feriado), a aglomeração de pessoas se espalha por ruas e calçadas e o movimento de carros fica praticamente interrompido. A circulação de pessoas é constante, passando algum tempo olhando o movimento percebe-se claramente o vai-e-vem, o *zig zag* de pessoas que sobem e descem a rua “dando pinta”.

Mas apesar desse micro-trânsito, na rua do “zig Zag” podemos marcar algo que permanece. Os mais velhos (30 a 50 anos) são os que mais ficam parados e os mais jovens (14 a 30) os que mais sobem e descem, geralmente em grupos. “Pra dar pinta mesmo” como me disse um menino numa das primeiras vezes que visitei a rua. Também existe um determinado local onde geralmente costumam ficar as travestis. As caras são conhecidas, você pode nem sempre falar com as pessoas mas você já “conhece dali mesmo”. O clima é de “pegação”. Pode-se estar conversando com os amigos mas os olhos e o corpo nunca estão completamente relaxados ou desatentos para o que se passa em volta.

Para Pollack (1986), “[a] paquera homossexual traduz uma busca de eficácia e de economia que comporta, a um só tempo, a maximização do ‘rendimento’ quantitativamente expresso (em número de parceiros e de orgasmos) e a minimização do ‘custo’ (a perda de tempo e o risco de recusa diante dos ‘avanços’)” (:59). E cita o “olhar furtivo” e o “sorriso escondido” como estratégias que conjugam o mútuo reconhecimento e a rápida aceitação ou recusa da troca afetivo-sexual.

Guimarães (2004) associa a importância do olhar (e outros códigos não-verbais) à prática da “pegação” e à interação em locais como bares e boates frequentados por homossexuais, principalmente se objetivo do intercâmbio for exclusivamente sexual.

A conduta da paquera nesse espaço de Madureira inclui o olhar como aspecto fundamental⁵⁶. Olha-se e espera-se correspondência, só a partir daí inicia-se ou não uma abordagem, o que nem sempre ocorre de maneira direta. É comum pedir que um amigo ou amiga aborde e intermedeie o contato com o sujeito desejado (tanto para homens quanto para mulheres). Pude observar essa situação ocorrendo algumas vezes com meus/minhas amigas (os) e comigo mesma. E em conversas quando perguntava sobre formas de abordagem na paquera, explicavam-me que essa era uma maneira de garantir que a pessoa era mesmo

⁵⁶ Oliveira (2006) e Lacombe (2005) fazem associação semelhante envolvendo ‘o olhar’ e identificação.

“entendida” e de que estava disponível (pois poderia haver um namorado/a em algum lugar) antes da abordagem mais direta. Como me disseram, “tem que saber se a pessoa é ou não é [...] pra não dar um passo errado”. Mas se “rolar uma troca de olhares, já dá pra chegar em cima”.

Todo o jogo da paquera se organiza com base em tipos e categorias que vão se estabelecendo de maneira relacional. Portanto, são eixos de classificação fluidos que informam o trânsito de corpos e pessoas.

Tipos e categorias identitárias

Durante toda a pesquisa, diversas formas de classificação e categorias identitárias apareceram atreladas a formas específicas de se comportar, vestir e se relacionar sempre articuladas (em maior ou menor grau) a características consideradas masculinas ou femininas. Tanto para mulheres quanto para homens a dicotomia “ativo/passivo”, perpassa as relações informando o uso dessas categorias.

Ao realizar a pesquisa de campo em Madureira, era a primeira vez que eu freqüentava sistematicamente um local de público não-heterossexual fora do eixo zona sul – centro da cidade. Desde as primeiras visitas chamou-me atenção a adesão ao termo “entendida(o)”, pois acreditava ser uma categoria que estivesse em desuso.

O termo “entendida(o)” refere-se a uma categoria específica de identificação alusiva a orientação sexual, que tem seu surgimento e significado atribuído ao ideal igualitário da classe média paulista e carioca entre as décadas de 1960 e 1970. A partir da constatação de que o uso e o sentido de tal categoria entre os sujeitos por mim pesquisados, ocorria de maneira distinta e muitas vezes oposta daquele atribuído ao contexto de seu surgimento,

procurei localiza-la entre as outras categorias que apareceram no campo da pesquisa, buscando situar o contexto de seus significados.

A alcunha já havia sido utilizada por algumas moradoras de Rio das Pedras durante a minha pesquisa, entretanto por serem pessoas na faixa entre 35 e 40 anos creditei o uso a alguma especificidade geracional. Porém, nesse espaço de Madureira verifiquei que não havia distinção de idade na adesão a categoria, fato que também pude constatar mais tarde quando ampliei minha rede de interação em Rio das Pedras. Fui então notando, e mais adiante pude confirmar em conversas e entrevistas, que o termo era o mais utilizado pelas mulheres, o que “mais se enquadra”, disseram-me. Entre os homens também eram muitos os “entendidos”, apesar da alcunha “gay” ser amplamente utilizada.

Fry (1982) se referiu aos “entendidos” como uma categoria surgida na década de 1960, no interior das classes médias do Rio de Janeiro e de São Paulo. O autor também chamava a atenção para o trabalho de Guimarães (2004) realizado na década de 1970 entre um grupo de homens da classe média da cidade do Rio de Janeiro. Na representação do grupo pesquisado pela autora, a adesão à categoria “entendidos” aparecia como uma maneira de se diferenciar do modelo da “bicha” presente nas camadas mais baixas e como uma forma de identificação onde a dicotomia ativo/passivo apareceria como “inaplicável” na dinâmica de seus relacionamentos afetivo-sexuais. Para os homens pesquisados pela autora, “a questão do ativo e passivo não se coloca, tudo é transa” (:92).

Trabalhando com a “conjugalidade igualitária” de camadas médias, Heilborn (2004) registra a “inexpressividade” da dicotomia “atividade/passividade” entre os pares homossexuais femininos: “embora possa ser reconhecido [...] no nível imaginário, não oferece base de diferenciação na gramática da cópula” (: 187). No entanto o modelo apareceria na organização da “gramática da cópula” entre os casais “gays”.

Muniz (1992) abordou a “homossexualidade feminina a partir do modo como ela se põe na linguagem”, seu trabalho de campo foi realizado no início da década de 1990 no Rio de Janeiro. A autora aloca o termo “entendida(o)” como o mais utilizado “por aqueles que participam de um estilo de vida gay”. Entretanto, faz a ressalva de que este não seria empregado no sentido de “um modelo igualitário de relações e mais um movimento de dissolução de uma identidade sexual substantiva”. Segundo a autora, no “mundo gay”⁵⁷ seria mais importante saber se o possível parceiro “pode ‘entender’, ‘pegar’, ‘sair’, ‘topar’ ou ‘fazer’ com alguém do mesmo sexo, do que se ele é ‘realmente’ homossexual” (: 74-75). Percebe como categorias freqüentes para se referir aos homens os termos “gay” e “homossexual”, que também podem se referir as mulheres quando a menção “encompassa o universo homossexual como um todo”(:74). Exclusivamente entre mulheres seriam usadas as expressões “mulher que transa com mulher”, “mulher que entende” e “mulher que sai com mulher”. E para falar da distinção entre o universo homossexual masculino e feminino: “gay e lésbica”, “homossexual e tríbade” e “entendido e entendida” (: 74).

Fry (1982) e Fry & Macrae (1983) chamavam atenção para a necessidade de se compreender como as representações da sexualidade são produzidas no interior de um contexto político mais amplo. Vinte anos depois, olhando para a arena dos movimentos políticos identitários, assistimos a progressiva especificação de novas identidades homo-orientadas e a incorporação de novos grupos ao movimento homossexual⁵⁸.

Carrara & Ramos (2005) associam a emergência da categoria "entendido(a)" a contextos de estigmatização e discriminação, onde existiria a necessidade de ser manter uma espécie de código só compartilhado por integrantes de uma rede determinada. Analisando os dados da Parada do Orgulho GLBT ocorrida no Rio de Janeiro em 2004, verificam que as

⁵⁷ Muniz atribui a expressão “mundo gay” como sendo “largamente utilizada no universo homossexual carioca” (1992: 74).

⁵⁸ Cf. Fachinni (2005) e Carrara & Vianna (2006).

categorias utilizadas como auto-identificação para as mulheres homossexuais se concentraram nos termos lésbicas (68,5 %) e entendidas (15%). Já entre os homens homossexuais o uso do termo “gay” foi apontado por 61,5% dos entrevistados e a escolha do termo “entendido” cai para 6,4%. A diferença de adesão ao termo entre homens e mulheres estaria relacionada a uma maior visibilidade da homossexualidade masculina e conseqüente afirmação de igualdade de direitos. Nesse contexto, “entendido(a)” seria uma categoria que estaria perdendo espaço para identidades mais afirmativas como “gay” e “lésbica”.

Olhando para esse quadro, parece significativo pensar na adoção do termo “entendida(o)” num contexto de camadas populares e mantendo a diferenciação ativos/passivos. E, de maneira mais ampla, investir num eixo de reflexão que articule a multiplicidade de categorias referidas - "entendida", "sapatão", "caminhoneira", "lésbica", “entendido”, “gay”, “viado”, “bicha-boy” - buscando apreender o significado destas para esses sujeitos e sua relação ou não com a busca de visibilidade no sentido de uma afirmação política de direitos.

Lacombe (2005) aborda as “masculinidades femininas” no contexto de sociabilidade de um bar do centro do Rio de Janeiro, onde as clientes se identificam como “entendidas” em sua maioria. As palavras “sapatona” e “sapatão” também aparecem, porém em menor freqüência. O termo “lésbica” é descartado, revelando-se “distante e sem força semântica” (:48). A autora destaca a discrepância entre a terminologia utilizada no cotidiano das mulheres entre as quais realizou sua pesquisa e o discurso do ativismo que defende como politicamente correto justamente o uso das palavras “lésbica” ou “homossexual feminina” (: 49). Muniz (1992) já apontava a distância entre a busca e afirmação de identidade que pautava a militância e os “sujeitos do meio gay” que não aderiam as identidades de “homossexual” ou “lésbica” (:240).

Certa ocasião, perguntei para uma mulher (23 anos, negra, “entendida”) freqüentadora da Rua, qual seria a diferença entre tais termos e ouvi que “na verdade tanto faz. São só palavras, formas de se referir a mesma coisa”. Seriam de fato “só palavras” diferentes? Além de serem termos e categorias utilizados para auto-identificação, atuam como formas de classificação do “outro” e que de alguma forma organizam e conformam esse determinado espaço social e suas relações. Essas formas de classificação e identificação receberiam (ou não) influência do debate político presente em outras esferas?

Podemos pensar nas categorias e termos apreendidos no contexto do trabalho de campo como algo que se remete aos ativismos emissores do discurso político a respeito das chamadas ‘identidades sexuais’. Contudo, parece que a intenção do “ativismo” não se concretiza completamente. A distância entre as palavras usadas no cotidiano e aquelas apontadas pelo discurso político - como explicitado por Lacombe (2005) - ou o sentido distinto atribuído aos “entendid(as)os” que apareceram durante a pesquisa e o sentido existente no contexto do surgimento da categoria, apontam nessa direção. E porque a categoria que se presta tão bem para a vida das pessoas continua sendo desconsiderada pelo ativismo?

É importante destacar que apesar do debate político atingir de alguma forma a todos que convivem naquele espaço, – como foi visto no final do capítulo anterior - não existe uma percepção homogênea a respeito da busca de maior “visibilidade”. Durante o trabalho de campo cruzei com figuras deveras engajadas, mas também com pessoas que faziam questão de se mostrar desinteressadas em qualquer tipo de discussão mais política. E entre essas duas posições existem aqueles que reconhecem a importância de um movimento em busca de reconhecimento de direitos, porém sentem algum desconforto com a forma através da qual atuam os ativismos. Uma fala de Priscilla sobre a “Parada gay” exemplifica essa posição:

“Ah, sei lá, às vezes... não sei. Apesar de você reivindicar direitos, tudo acaba chegando no carnaval, entendeu? Então não sei, é complicado. Mas também não sei

se é o certo todo mundo ficar sério, aquela coisa. Também não sei se seria certo todo mundo ficar no carnaval [...] mas sei lá. Minha opinião particular é que se perde, de reivindicar os direitos. Acho que se perde, no meio do carnaval. O pessoal quer zoar, zoar, zoar. Os gays são felizes 24 horas. O mundo é perfeito, o arco-íris 24 horas, entendeu? Leva essa impressão errada. Mas acho que como tudo aqui no Brasil, acho que já está na cultura mesmo, nada é no sério, tudo é uma brincadeira etc, todo mundo brinca e ri. Mas sei lá, é meio contraditório. Eu não acredito muito nisso, mas tudo bem.”

Deixando a política de lado tanto quanto for possível, parece-me interessante pensar em como eixos classificatórios e categoriais são manipulados e articulados a outras clivagens e como estes se organizam e dão sentidos a determinadas esferas da vida social. A partir de algumas falas e situações recolhidas durante o trabalho de campo podemos trabalhar algumas formas de classificação no sentido dado por Perlongher (1986), que propõe “antes de construir um modelo classificatório, percorrer várias nomenclaturas, organizando tenuamente sua apresentação” (:127). De modo que possamos apreender os códigos categoriais que orientam os sentidos dos “fluxos desejanter” desses sujeitos, “mas que aspire a respeitar a profusão de nomeações, gêneros e estilos em circulação” (: 208).

Os tipos e categorias no cotidiano das classificações

É comum que se freqüente sistematicamente toda quarta-feira a Rua de Madureira e eu me tornei uma dessas pessoas. Quando comecei a ir para Rua com moradores de Rio das Pedras, já tinha mais de seis meses de trabalho de campo praticamente semanal em Madureira e um número considerável de conhecidos no local. Prontamente apresentei para esses conhecidos, as minhas novas amigas de Rio das Pedras, Ivone e Priscilla. Ivone ficou rapidamente à vontade, tanto com homens quanto com mulheres, mas Priscilla parecia um pouco mais tímida. Um dia, conversando em minha casa sobre as “bichas-boy” de Rio das Pedras, ela acabou me explicando o porquê.

Priscilla disse que nenhum dos meus amigos de Madureira gostava dela, que todos a olhavam de maneira esquisita. E isso na verdade era uma coisa comum, pois “todo mundo tem preconceito com todo mundo” e principalmente as “bicha-boy”, mas não só:

“travesti todo mundo olha esquisito mesmo [...]. Sapatão não gosta de travesti, mulher não gosta de travesti [...] porque acham que travesti é mafiosa, que vai arrumar confusão, que vai bater. Mas na verdade todo mundo tem preconceito com todo mundo. Mulher acha que travesti é invejosa e travesti acha que mulher é que é. E é por isso que ninguém se dá com ninguém. Cada porco com seu chiqueiro.”

Para Priscilla, todos os meus amigos homens de Madureira eram “bichas-boy”. Em sua opinião, “em Madureira só dá bicha-boy”. Pedi então para ela me explicar o que era “bicha boy”, um pouco irritada por ter que me explicar tudo nos mínimos detalhes ela começou:

“Ai! Bicha boy é assim: é afeminada mas não quer ser travesti, muito pelo contrário. Quer ser bem diferente da travesti. Então usa calça jeans justa e blusa justa, tipo baby look [...] mas não usa saia e não usa salto.”

Ainda segundo ela, as “bicha-boy” são muito “pintosas”, podem fazer a sobrancelha e até passar um gloss. Perguntei se a diferença para a travesti seria então somente o não uso de saias e saltos. Ela então explicou que “a travesti é bem mais sensual” e que na verdade ela tem a teoria de que toda “bicha-boy” quer ser travesti, só não tem coragem de assumir. Os amigos dela de Rio das Pedras que são “bicha-boy” só a aceitam porque eles já eram amigos antes dela virar travesti, quando era uma “bicha-boy”⁵⁹. Seguindo em suas explicações, Priscilla diz que a diferença da “bicha-boy” para o “gay”, é que o segundo “dá pinta de homem mesmo”. A calça jeans é a mesma, só que a da “bicha-boy” é justa, do tipo que fica no meio do caminho entre ser de homem e de mulher.

⁵⁹ O trabalho de Oliveira (2006) expõe certa rivalidade entre as travestis e as *bichas-boy* no contexto da boate em que realizou sua pesquisa. Lá as *bichas-boy* seriam “passivos” sem as intervenções sobre o corpo que caracterizariam as travestis, podendo mesmo ser um “estágio incipiente na carreira moral da travesti” (: 39).

Pensando nessas e outras explicações recebidas durante o trabalho de campo. Podemos dizer que existem diversos “tipos” da homossexualidade feminina e masculina. E a travesti é a figura ambígua que não se agrega totalmente a nenhum dos dois.

Entre os tipos da homossexualidade feminina ao que os diversos termos e categorias que aparecem em campo se referem, podemos pensar em “entendida” como não só o mais freqüente mas também o mais “neutro”. Digo isso porque os demais termos parecem se organizar ao longo de um continuum cujos extremos são significados por desempenhos de gênero considerados mais masculinos ou mais femininos.

No extremo masculino desse continuum estariam as chamadas “caminhoneiras” e/ou “ativas”. Nas palavras de uma freqüentadora da Rua (20 anos, negra, “entendida”) essas “são as tão masculinas que não dá pra dizer se são homens ou mulheres”, são “totalmente ativas”. No outro extremo estão as “ladies” ou “passivas”, são as consideradas muito femininas, “tão feminina que chega a ser viado” e “totalmente passivas”. Logo, essa maneira de classificar as mais masculinas e mais femininas fazem alusão direta à atividade e passividade que, por sua vez, remetem tanto a práticas sexuais quanto a atributos estéticos, corporais e gestuais. Entre os dois extremos estariam as “participativas”, são as que circulam entre os dois pólos e podem se aproximar mais de um ou outro. Com relação às práticas sexuais, as “ativas” são as que “não gostam de ser tocadas”, as “passivas” as que “só gostam de ser tocadas” e as “participativas” desempenhariam os dois papéis.

As tipologias da homossexualidade masculina parecem se organizar de modo semelhante a feminina em termos de práticas sexuais. Existem os “ativos”, os “passivos” e, entre estes, os “participativos” ou “versáteis”. Um freqüentador (pardo, 23 anos) disse-me que “gay”, “homossexual” e “entendido” são variações para a mesma coisa. Para ele “o que difere mesmo” é “viadinho”, “bichinha” que significam “aquela coisa mais efeminada” mais “afetada”, “mais bichinha ralé”.

Os termos “lésbica”, “homossexual” e “gay”, poucas vezes foram citados espontaneamente. Ao perguntar diretamente o que significariam ou qual seria a diferença entre eles e “entendida”, “sapatão” etc, obtive explicações diversas mas que podem ser subsumidas em algumas falas. Sobre “entendidas” ouvi que seria uma “gíria para lésbica”, que na verdade seria “o certo”. Já “lésbica” seria considerada uma palavra “feia”, “esquisita”, “quase um palavrão”, de difícil identificação. E daí, “entendida é o que se enquadra mais” já que não existe uma palavra como “gay” para mulheres⁶⁰. “Sapatão” é um termo ambíguo, que poderia ser equivalente ao “viado”, é bastante usado quando se está entre amigos, porém considerado extremamente pejorativo quando “vem de fora”. “Caminhoneira” funciona como categoria de acusação, usada para se referir de forma pejorativa ao outro sempre distante e não-familiar. E “homossexual”, seria o termo mais “científico”, “uma coisa mais literária, do tipo ‘procura no dicionário’”, usado somente quando se pretende ser politicamente correto.

Para as mulheres, em termos estéticos e corporais, incorporar uma disposição “ativa” significa usar calças e blusas mais largas, cabelos bem curtos ou presos, usar sempre tênis ou sapatos baixos e jamais salto alto. Já o desempenho “passivo” inclui mini-saias, calças, blusas e tops ajustados ao corpo, cabelos compridos e soltos, saltos-altos, maquiagem etc. As “participativas” podem mesclar estes elementos, podem usar uma calça mais ajustada, top e tênis, por exemplo. Entre as consideradas mais masculinas existe uma variação geracional na forma de apresentação de si. Existe um determinado estilo geralmente incorporado por meninas mais jovens, mais magras, que usam cortes de cabelo “descolados”, são as chamadas “bofinhos”.

De maneira generalizada poderíamos dizer que um equilíbrio entre roupas mais justas ou soltas, disposições corporais mais alinhadas ao que é considerado feminino ou masculino,

⁶⁰ Heilborn (2004) indica que o movimento de “despatologização” da homossexualidade, iniciado nos anos 1970, resultou no caso dos homens em “uma guinada para a masculinização”, acompanhada por um “movimento de indiferenciação social e sexual” e pela estratégia de adoção do termo *gay*. No caso das mulheres não teria ocorrido estratégia vocabular semelhante, embora se verifique a tendência de negação da figura masculinizada da “fancha” e a valorização da “elaboração visual-gestual” mais feminina (: 183).

compõem o grau de “atividade”, “passividade” ou “participação” desses homens e mulheres. Essas seriam as tipologias usadas principalmente para a classificação do outro, mas no dizer de uma interlocutora “na prática as coisas não são bem assim”.

Em uma noite presenciei uma conversa entre três mulheres amigas de Ivone. Uma que se dizia “entendida” e “participativa”, uma “entendida” que se dizia “totalmente ativa” e uma que se declarou simplesmente “entendida” e que era considerada bastante feminina pelas outras duas. A “totalmente ativa” incorporava também os padrões estéticos dessa disposição. Cabelos muito curtos, bermuda larga de corte masculino e pochete. Quando me aproximei do grupo e perguntei sobre o que falavam disseram ser “sobre o que rola na cama”. A “ativa” dizia que não gosta que a toquem mas “chupar pode”, porque “homem também deixa chupar”. Passar a mão na bunda e no peito também pode, “porque homem também deixa”. Mas qualquer tipo de penetração é impensável, “homem não deixa enfiar o dedo”. A essa explanação, a “participativa” comentou: “nossa! Você tem que ser mais flexiva. Mais cabeça aberta!”. E a “entendida” continuou: “uma coisa é a aparência e outra é como vai ser na hora H. [...] assim você acaba perdendo a garota...”.

Voltando a pensar no universo mais geral da Rua de Madureira, algo a se considerar é que a feminização dos homens e a masculinização das mulheres são considerados indicativos de posição de classe. As “mulheres masculinas” e os “homens femininos” seriam também os mais pobres, ou “mais ralé”. Ou menos ajustados aos valores igualitaristas de um mundo moderno, aqueles que não tem a “cabeça aberta”.

Em trabalho contemporâneo, Oliveira (2006) abstrai de seu campo de pesquisa dois modelos de relações: “iso-generificadas” e “alter-generificadas” (:37). Nas iso-generificadas o gênero dos atores envolvidos na relação é percebido como “igual”. Já nas alter-generificadas o gênero dos envolvidos é percebido como distinto/oposto ao do parceiro (independente do sexo biológico dos engajados na relação). Na boate pesquisada por Oliveira

aqueles que se envolvem em “interações eróticas iso-generificadas são marcados como figuras ‘liminares’ ou abjetas” (:38).

De modo geral, a lógica tanto para Madureira quanto para Rio das Pedras é similar. As relações afetivo-sexuais entre sujeitos com desempenho de gênero semelhante são tidas como impensáveis quando masculinas para as mulheres e quando femininas para os homens.

Esses mecanismos de autoclassificação/auto-identificação e, principalmente, identificação do “outro”, são fundamentais nesse espaço específico de sociabilidade homossexual. Pois, trata-se de um ambiente considerado privilegiado para as paqueras e os encontros amorosos. E é esse “sistema classificatório” que servirá como organizador da classificação do desejo entre seus frequentadores.

Sendo assim, a expectativa é de que o desejo de “ativos” e “ativas” se oriente para “passivos” e “passivas” e vice-versa. As “participativas” aparentemente são as que têm um leque maior de possibilidades, seu “desejo” poderá recair para os dois pólos e também podem se relacionar entre si. No entanto, é esperado que não desejem os extremos do continuum. Seguindo a lógica dessa organização do desejo, os sujeitos se constroem de acordo com o que desejam atrair para si ou de acordo com o outro do qual se quer ser objeto de desejo.

Além disso, o fato de ser um espaço relativamente pequeno e frequentado sistematicamente pelas mesmas pessoas faz com que os sujeitos fiquem marcados por determinados estilos. “Configura-se assim uma massa instável de referências ‘identificatórias’, um campo de forças atravessado por tensões, por vetores de circulação que buscam orientar o sujeito no emaranhado dos corpos” (Perlongher, 1987: 250). O que cria uma espécie de expectativa com relação a construção de si que deve ser correspondida. Caso contrário, corre-se o risco de perder uma certa marca adquirida e positivada que orienta o trânsito e a circulação dos sujeitos neste espaço.

Em uma das noites que passamos em Madureira, Ivone reencontrou um “ex-caso” (Ju) e elas voltaram a se relacionar por algumas semanas, mas o namoro não deu certo. Tempos depois tivemos uma conversa sobre esse seu relacionamento. Estávamos na casa de Carlos (“entendido”⁶¹, negro, 28 anos) em Rio das Pedras, junto com Priscilla e André (“hetero”, branco, 30 anos), quando ela esclareceu os motivos do desentendimento.

Ivone se diz “ativa”, gosta de se vestir de modo simples e confortável, shorts, bermudas e calças largas e camisetas. Logo na primeira vez em que voltaram a ficar juntas, Ju começou a implicar com o vestuário de Ivone, queria que ela usasse saias e pintasse as unhas de vermelho. Mas para Ivone a maior decepção aconteceu na cama, quando Ju quis incorporar um desempenho mais ativo na hora do sexo:

“Eu vou, pego a menina toda feminina, bonita, do jeito que eu gosto. E quando eu vou lá na cama, ela quer trocar! Quer fazer o papel que eu faço! Aí não dá! Aí não funciona!”

Priscilla interrompeu Ivone para dizer que “não tem nada a ver, tudo tem que ser igual”. Então o amigo do Carlos defendeu Ivone dizendo que ela estava certa, já que ela gosta e tem prazer vendo a outra pessoa sentir prazer. Justificou dizendo que ele próprio fica mais excitado quando vê que a mulher está muito excitada. E então foi a vez de Carlos dizer que gostava do “prazer pelo prazer” e que “ora um vem, ora outro vai”. Mas depois se contradisse contando um episódio em que um sujeito com que ele estava “ficando”, “tirou o pau pra fora e queria que eu chupasse. Eu disse ‘Nem vem!’. Se quiser você que chupe!”. Disse que se alguém quiser “comer”, em princípio ele diz não. Entretanto, “de repente com o tempo pode ser que role [...] tendo intimidade, eu posso deixar me comer também”. Ivone então concordou, talvez com o tempo ela também aceitasse ser “passiva”, porém terminou dizendo

⁶¹ Muitas vezes Carlos dizia ser “entendido” mas eventualmente transitava por outras “classificações”. Durante o período em que convivemos eles se relacionou com homens e mulheres e na noite em que o conheci, questionado por uma menina sobre sua orientação sexual, o ouvi dizer: “a música que tocar eu danço”.

que ainda não tinha encontrado essa pessoa, essa “mulher especial” ainda não teria aparecido em sua vida.

Para Ivone a diferença entre “ativas” e “passivas” é fundamental, acha que até mesmo o beijo da “ativa” é “mais forte”, é “diferente”. Gaba-se de nunca ter usado saia na vida e irrita-se com Ju, pois não acredita que se possa mudar uma pessoa de uma hora para outra, diz: “eu sou ativa e gosto muito de ser ativa!”. Ivone esboçar até mesmo certo orgulho de sua “atividade” e rejeita o rótulo de masculinizada, assim como outras “ativas” com quem cruzei durante o trabalho de campo.

Em outra ocasião, pude ouvir a versão de Ju para a história. Estávamos numa festa na casa de uma “entendida” em Rio das Pedras. Festa para poucos, só amigos e vizinhos próximos, portas e janelas abertas, churrasqueira improvisada na rua e música alta.

Quando Ju veio falar comigo havia acabado de acontecer uma cena onde Ivone tentou beijá-la e Ju a repeliu. Ju veio me dizer que não achava certo, “tudo bem que Ivone está na comunidade dela, mas eu não estou” (Ju morava em Nilópolis). E que ali tinha criança vendo, então não era certo. Para Ju, orientação sexual é opção e, portanto “todo mundo tem opção e o que você faz entre quatro paredes ninguém precisa saber”. Na família dela todo mundo sabia de sua “opção”, mas ela tem a opinião de que “não precisa fazer nada na frente de ninguém”. Disse ainda que era “anormal mas bem resolvida”, já que “eu sou feminina e aí ninguém diz”. E por isso ela acha que Ivone deveria ser como ela e para que se convencesse disso, pretendia levá-la para conhecer suas amigas onde mora, “porque lá todo mundo é mas usa saia e usa salto e ninguém diz”.

Falando de “cores”

Fui apresentada a um sistema elaborado e complexo de classificação de cor nesse espaço de Madureira e um pouco distinto do que percebi em Rio das Pedras. Muitas vezes utilizei como estratégia para que o tema fosse discutido, provocar conversas em que o assunto era a cor que atribuíam a mim. Reproduzo a seguir alguns desses diálogos.

Conversando com Maria (20 anos, “entendida”, moradora do Méier e assídua da Rua) perguntei como ela se classificava e ela disse que era “morena”. Depois perguntei como ela me percebia e ela disse que eu era “branca”. Comecei a inquirir sobre a cor de algumas pessoas que estavam a nossa volta e a sua percepção era sempre bem “mais clara” ou “mais branca” do que a minha. O que me fez ter vontade de provocá-la mais um pouco foi o fato dela não ter identificado nenhum negro a nossa volta, quando na minha percepção havia vários ali. Então resolvi perguntar diferente: “quem é preto aqui, afinal?”. Foi então que ela me explicou que algumas pessoas ali eram “negras [...] mas para não ficar chamando ninguém de negro, de preto, a gente diz moreno”. Eu disse que não tinha entendido muito bem, então ela procurou me dar um exemplo: “tipo assim, eu sou negra, mas eu sou morena. É como se eu fosse negra na raça e morena na cor. Entendeu?”.

Perguntei novamente qual seria minha cor e ela novamente disse que eu era “branca”. Resolvi provocar dizendo que eu não me considerava branca. Então ela pensou um pouco e disse que aí eu poderia ser “branca na cor e parda na raça” porque “se não é negro, é branco!”. Segundo ela eu não poderia ser o que ela chama de “morena” porque as pessoas me vêem como “branca”.

Uma conhecida nossa veio se aproximando (Renata) e para continuar falando sobre o tema perguntei para Maria a cor de Renata. Maria disse que ela era “branca”, mas na certidão de nascimento constava “parda clara”. Quando Renata (22 anos, “entendida”, moradora de Madureira) chegou perto de nós, a própria Maria já foi perguntando: “Aí Renata, tu é de que

cor?”. Ela respondeu: “eu sou negra, pô!”, Maria retrucou: “pô, tu é branca. Na sua certidão não tá pardo?”. Então Renata respondeu que sim e que “tudo bem, posso ser parda, então”.

Perguntei a cor dos pais de Renata e ela disse que sua mãe era “branca” e o pai “moreno”. Perguntei: “moreno como?” e ela respondeu que era moreno como Maria (preto). Então o irmão de Renata chegou e já entrou direto na conversa, disse que eu era “branca e ponto”. Eu disse para ele que não me considerava branca e que, assim como eles, meus pais eram de “cores” diferentes, minha mãe era preta e meu pai branco. Então ele fez uma concessão e disse que eu poderia ser “amarela”. Eu disse que me classificava como “mestiça”, então Renata disse que mestiço não podia ser “porque mestiço não tá no esquema”. Perguntei espantada que “esquema” seria esse e ela falou do “esquema” onde o que tem é “negro, pardo, branco e amarelo”.

Em outra ocasião conheci João (22 anos, “gay”, morador da Taquara) junto com o seu namorado no meio de um grupo de mais umas três pessoas. Em certa altura da conversa, João olhou para mim e disse que eu era linda. Agradei o elogio e disse que ele também era lindo, que tinha olhos impressionantes (castanhos claros). Foi quando percebi que seu namorado também tinha os olhos claros e comentei que eles faziam um casal muito bonito. Então o namorado virou para mim muito entusiasmado e disse: “dois negros lindos, né?!”. O namorado era um pouco mais claro do que João e, pensando numa certa dinâmica da classificação local que vinha percebendo até o momento, me espantou que ele se classificasse como negro. Então eu disse: “ah é? Você se considera negro?” e ele respondeu: “claro! nós somos negros!”. Em seguida perguntei sobre a minha cor e os dois responderam quase ao mesmo tempo: “ah! você é branca!”. Eu disse: “poxa, não posso ser negra também?” e João foi muito enfático: “nãããã! Você é branca!”. Aí eu disse que me considerava mestiça e João me explicou que mestiço era preto com branco. E eu disse que era justamente isso: “como minha é preta e meu pai branco, eu sou mestiça”. Ele continuou me explicando: “mas você é

vista como branca, você pode ser no máximo parda. Negra não, porque tem uma escala. [...] A escala tem negro, pardo, branco, vermelho...”. Pedi para que me explicasse melhor a tal da “escala”, perguntei onde ele tinha aprendido isso. Ele contou que a professora de Geografia falava na escola que tem várias raças e etnias e que hoje os livros já falam das várias etnias e das várias raças. Continuei dizendo que não estava entendendo e ele continuou me dando explicações prolixas porém pouco esclarecedoras.

De modo distinto de Rio das Pedras, aqui apesar de também serem muitos os “morenos” parece haver mais representação de outras “tonalidades”.

Dentro dos esquemas das “classificações do desejo”, cor e raça dificilmente eram afirmados como fatores determinantes ou de grande relevância para a escolha do parceiro, dando-se muito mais ênfase a preferências físicas como a altura, o corpo magro ou “sarado” e a características como a idade e desempenhos de gênero ou estilos ajustados a padrões mais masculinos ou femininos.

No entanto a figura do “mito do negão”⁶² vez ou outra era acionada e eventualmente, esboçava-se alguma preferência em termos de cor pelos “morenos”. Contudo, esta pode ser uma categoria bastante ampla, estendendo-se desde a pele clara com cabelos escuros à pele bem escura de cabelos igualmente escuros. Talvez uma definição aproximada seja mais fácil pela exclusão dos pólos de um *continuum* que vai do chamado “branco muito branco” ao “preto muito preto”⁶³. Quando se opta pela “morenidade”, esses pólos figuram como os mais desvalorizados do mercado.

Essas falas deixam entrever o quanto, apesar da dificuldade em serem acessadas, idéias e representações sobre cor e raça interconectam-se a aspectos como gênero, sexualidade

⁶² Lembro rapidamente do trabalho de Moutinho (2004) onde a autora aponta para um possível re-arranjo do estigma quando o homem “negro” é considerado “‘racionalmente’ inferior ao ‘branco’ na vida social e normativa, mas na esfera erótica aparece como superior como as metáforas térmicas de proporção, virilidade e desempenho sexual apontam” (: 358).

⁶³ Algo muito próximo do “gradiente de cores” descrito por Maggie (1996).

e erotismo na composição de elementos de status e prestígio no “mercado dos afetos e prazeres” (Moutinho, 2004).

Ainda é importante marcar que, como explicitado por Moutinho (2006), “a cor/raça não evoca uma distinção moral. Caráter, por exemplo, é algo que se desenvolve com a criação (socialização); não tem a ver com raça”. Em sua pesquisa, onde combinações distintas de desigualdades estavam presentes, a homofobia apareceu como se sobrepondo ao racismo e à discriminação por classe. Poderia dizer que percebi uma situação semelhante em meu campo de pesquisa, onde a orientação sexual foi acionada com muito mais frequência como viés explicativo e reflexivo de trajetórias de vida, ficando o marcador racial encompassado do por esse aspecto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A especificidade da favela sem tráfico e a imigração nordestina são aspectos que perpassam várias das questões aqui analisadas.

O poder denominado “polícia mineira” constitui sistemas de controle político, social e moral estruturantes de hierarquias sociais que incidem sobre aspectos relacionados ao gênero e à sexualidade. A construção e reprodução da imagem da “tranqüilidade” em oposição à violência que domina a cidade entram em conflito com a representação de ameaça vivida pelos “entendidos” e “entendidas” da região, assim como pela limitação de sua circulação pelo espaço.

Do machismo atribuído aos nordestinos e que acabaria por incidir sobre a homossexualidade, podemos abstrair a *discriminação do feminino* em geral. Entretanto recaindo de maneiras distintas para a homossexualidade masculina e feminina, como indicado através da percepção de uma maior aceitação da homossexualidade feminina. Daí um ponto relevante é a homossexualidade feminina ser considerada como mais discreta apesar de mais comum do que a masculina, de onde se pode inferir que seja tida como menos ameaçadora ao ethos masculino viril. A categoria “respeito” surgiu como um recurso de prestígio acionado por “entendidos” e “entendidas” para lidar com situações de preconceito e exclusão.

Sobre a dinâmica entre cores, raças e a origem regional em Rio das Pedras é importante repetir que durante todo o trabalho de campo eu fui classificada como branca ou “morena clara” e que todas as pessoas com quem mantive contato mais próximo eram negras e não-nordestinas, ponto que deve ser levado em consideração sobre todas as percepções e análises que desenvolvi sobre a temática nesta dissertação.

A oposição entre “cariocas” e “paraíba” está presente em diferentes favelas do Rio de Janeiro. Em Rio das Pedras notei os termos “paraíba” e “cearense” como *categorias de*

acusação muito recorrentes e facilmente acionadas. A respeito da composição de cores da população local, certa idéia de “morenidade” captada na primeira fase da pesquisa funcionou como hipótese norteadora durante todo o processo de investigação. Meus amigos e interlocutores diziam-se negros ocasionalmente, principalmente quando numa entrevista ou quando falavam para “a pesquisadora”. Entretanto no dia-a-dia o que aparecia era uma infinidade de “morenos”, “morenos claros”, “morenos escuros”, “morenos jambo”...

Tanto para raça quanto para sexualidade nota-se que o discurso das políticas de identidade chega algo desconcertado de sua formulação original. Analisando as formas como homossexualidade e cor/raça apareceram durante o trabalho de campo parece que na adaptação do que é formulado nessa instância política para as práticas da vida diária algo não se concretiza, firmando-se uma dissonância.

No último capítulo dediquei-me a apontar alguns aspectos da circulação das pessoas por um espaço de Madureira, buscando captar características do trânsito pela cidade de maneira mais ampla a partir de certo circuito GLS do subúrbio. A circulação por Madureira representa a possibilidade de conquista de novos pares afetivo-sexuais que não aqueles disponíveis na “comunidade” e a manutenção da privacidade.

Partindo do uso da categoria “entendida(o)” articulada ao modelo de atividade/passividade, portanto diferente do modo apontado pela bibliografia (Fry, 1982 e Guimarães 2004), procurei organizar as formas como os tipos e categorias utilizadas para se referir à orientação sexual constituem-se de maneira relacional e estão distribuídas num *continuum* que segue do extremo masculino ao extremo feminino.

Esse foi um primeiro esforço de sistematização de pesquisa onde procurei alinhar algumas idéias e indicar questões a serem aprofundadas. O esforço final foi feito no sentido de dar inteligibilidade às dinâmicas de sociabilidade e à gramática das relações de cor/raça, sexualidade e gênero encenadas na favela em questão.

BIBLIOGRAFIA

- ALKMIN, Antonio C. (2002) “A morfologia sócio-espacial da favela de Rio das Pedras” in Burgos, M. B.(org.) *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Puc-Rio: Loyola.
- ALVITO, Marcos (2001) *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: editora FGV.
- BALDELLI, Débora; MOUTINHO, Laura (2004) “‘Hoje eu vou me jogar!’ – Indivíduo, corpo e transe ao som da música eletrônica”. Paper apresentado na 24ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Olinda/Pernambuco, junho.
- BOURDIEU, Pierre (1983) "Gostos de classe e estilos de vida". In: Ortiz, Renato (org.) *Pierre Bourdieu - Coleção Grandes Cientistas Sociais 39*. São Paulo: Ática.
- BURGOS, Marcelo B. (2002) “Favela, cidade e cidadania em Rio das Pedras” in Burgos, M. B.(org.) *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Puc-Rio : Loyola.
- CAMARGO, Aparecida T. de (2002) “Creches irregulares em favelas: a educação na clandestinidade” in Burgos, M. B.(org.) *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Puc-Rio : Loyola.
- CAPRANZANO, Vincent (2001) “Estilos de interpretação e a retórica de categorias sociais” in Maggie, Y. Rezende C. B.(orgs.) *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. (2006) *Direitos Sexuais: o caso brasileiro* (mimeo).
- CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia (2005) *Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC.
- CARVALHO, Eduardo Guimarães de (1991) *O negócio da terra*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

- CECCHETTO, Fátima R. (2004) *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas.
- CUNHA, Olívia G. (2001) "Bonde do Mal: Notas sobre território, cor, violência e juventude numa favela do subúrbio carioca" in Maggie, Y. Rezende, C. B. (orgs.) *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- EUGENIO, Fernanda. (2003) "Entre fenômenos e fluxos: estética, amor e amizade no universo gay e "moderninho" da zona sul carioca". *Paper* apresentado no "Seminário Culturas Jovens e Novas Sensibilidades", Rio de Janeiro, UCAM.
- FACHINNI, Regina (2005) "Sopa de letrinhas"? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Rio de Janeiro, Garamond
- FARIAS, Luiz Kleber R. (2002) "A representação de interesses em favelas: vida e morte da Associação de Comércio e Indústria de Rio das Pedras (Acirpe)" in Burgos, M. B. (org.) *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: PUC-RIO : Loyola.
- FERREIRA, Marcelo H. (2002) "A favela como cartão-postal: um *tour* em Rio das Pedras" in Burgos, M. B.(org.) *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Puc-Rio : Loyola.
- FRANÇA, Isadora Lins (2006) *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: PPGAS/FFLCH/USP.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca; CHINELLI, Filipina (2003) "Favela e redes solidárias: formas contemporâneas de mobilização e organização popular no Rio de Janeiro". Relatório final do projeto "*Latin American Urbanization in the Late Twentieth Century: a comparative study*", coordenado por Alejandro Portes e Brian Roberts. Disponível em: www.prc.utexas.edu/urbancenter/documents/wp0315g.pdf acesso em 28/01/05
- FRY, Peter (2001) "Prefácio" ao livro de Maggie, Yvonne e Rezende, Claudia B. (orgs). *Raça como Retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

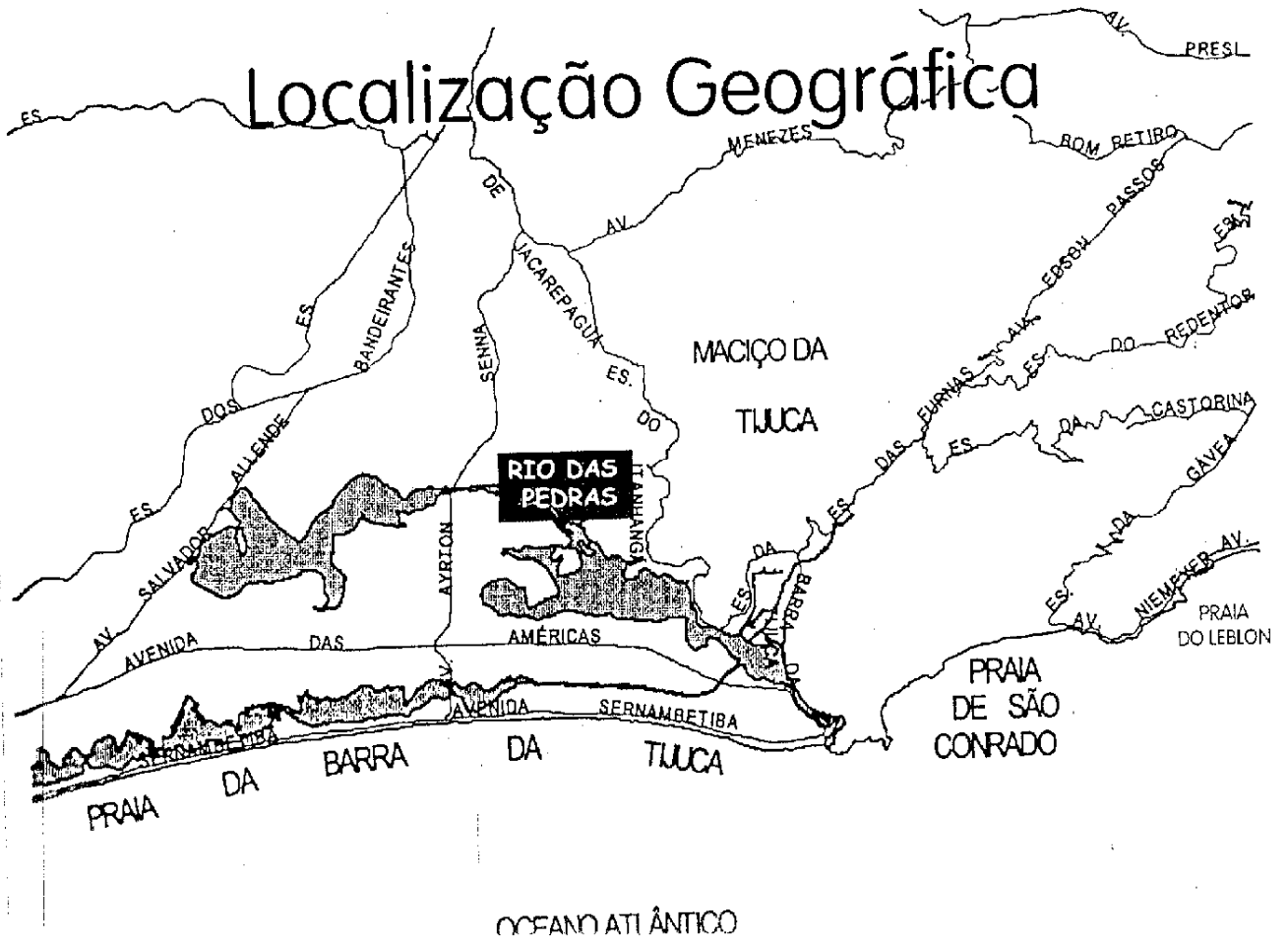
- FRY, Peter. (1996) “O que a Cinderela negra tem a dizer sobre a ‘política racial no Brasil’”
Dossiê Povo Negro – 300 anos, *Revista da USP*, nº28, pp. 122-135.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. (1983) *O Que é Homossexualidade?*. São Paulo: Brasiliense.
- FRY, Peter. (1982) “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil” in Fry, P. *Pra Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GEERTZ, Clifford (2001) “O pensamento como ato moral: Dimensões éticas do trabalho de campo antropológico nos países novos.” In: Gertz, C. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- GREGORI, Maria Filomena (2004) “Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M” in: Piscitelli, A.; Gregori, M. F.; Carrara, S. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond.
- GUIMARÃES, Carmem D. (2004) *O homossexual visto por Entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM.
- HEILBORN, Maria Luiza (2004) *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond.
- HEILBORN, Maria Luiza. (1999) “Construção de si, gênero e sexualidade” in Heilborn, M. L. (org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- HEYE, Ana Margarete (1980) “A questão da moradia numa favela do Rio de Janeiro ou como ter *anthropological blues* sem sair de casa” in Velho G. (org.) *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus.
- KASAHARA, Yuri (2002) “Favela e bairro: a dinâmica de expansão de Rio das Pedras”. in Burgos, M. B. *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Puc-Rio : Loyola.
- LABORATÓRIO DE PESQUISA E EXTENSÃO [LPE] (2000) “Favela e questão urbana: pesquisa em Rio das Pedras”. *Caderno de Sociologia e Política e Cultura*. Rio de Janeiro, Departamento de Sociologia e Política, PUC - Rio.

- LACOMBE, Andrea (2005). “Pra homem já tô eu”: masculinidades e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro, PPGAS, Museu Nacional.
- LEEDS, Anthony (1978) “Poder local em relação com instituições de poder supralocal” *in*: Leeds, A.; Leeds, E. *A Sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.
- LEITE, Márcia Pereira (2000) “Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, nº 44, outubro/2000. São Paulo: ANPOCS.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1976) *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (2002). “A continuidade do ‘problema favela’”. *in* Oliveira, Lúcia Lippi (org.) *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: FGV.
- MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Claudia B. (2001) “Introdução: raça como retórica: a construção da diferença” *in* Maggie, Y. Rezende, C. B. (orgs.) *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MAGGIE, Yvonne (1996). “Aqueles a quem foi negada a cor do dia: as categorias de cor e raça na cultura brasileira” *in* Maio, M. C. e Santos, R.V. (orgs.) *Raça, Ciência e Sociedade*. CCBB/Fiocruz.
- MALINOWSKI, Bronislaw (1978) “Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa” *in* Malinowski – *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- MOUTINHO, Laura (2006) “Negociando com a adversidade: reflexões sobre ‘raça’, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro”. *Revista de Estudos Feministas* vol.14; N.1, 2006.
- MOUTINHO, Laura (2005) “Homossexualidade, cor e religiosidade: flerte entre o ‘povo de santo’ no Rio de Janeiro” *in*: Heilborn, M. L.; Duarte, L. F. D.; Peixoto, C.; Barros, M. L. (orgs.) *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond.

- MOUTINHO, Laura. (2004) *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp.
- MOUTINHO, Laura. (2002) “Considerações sobre violência, gênero e cor em Rio das Pedras” in Burgos, M. B.(org.) *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Puc-Rio : Loyola.
- MUNIZ, Jacqueline de Oliveira. (1992) “*Mulher com Mulher dá Jacaré*”: Uma Abordagem Antropológica da Homossexualidade Feminina. [Dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ.
- OLIVEIRA, Leandro de. (2006) *Corpos que pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: PPGSC/ IMS/ UERJ.
- PACHECO, Moema de P. T. (1986) Família e identidade racial: os limites da cor nas relações e representações de um grupo de baixa renda. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro, PPGAS, Museu Nacional.
- PATROCÍNIO, Paulo R. T. do; ARAÚJO, Erica B. de A.; SILVA, Fernando P. da (2002) “O olhar do mestre: representações de identidades nas escolas públicas de Rio das Pedras” in Burgos, M. B.(org.) *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Puc-Rio : Loyola.
- PEIXOTO, Clarice E. (2000) *Envelhecimento e imagem. As fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume.
- PERLONGHER, Nestor (1987). *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.
- PERLONGHER, Nestor (1986) “A tipologia das homossexualidades numa pesquisa social”. Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais.
- POLLAK, Michael (1986) “A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto?” in Áries, Philippe e Béjin, André (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

- SANSONE, Livio. (2001) “Não-trabalho, consumo e identidade negra: uma comparação entre Rio e Salvador” in Maggie, Y. e Rezende, C. B. (orgs.) *Raça como Retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- SHERIFF, Robin. (2001) “Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca” in Maggie, Y. e Rezende, C. B. (orgs.). *Raça como Retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- SIMÕES, Julio Assis; FRANÇA, Isadora Lins (2005) “Do ‘gueto’ ao mercado” in Green, J. e Trindade R. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP.
- STOLCKE, Verena. (1991) “Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?” *Estudos Afro-Asiáticos* nº20.
- TELLES, Edward. (2003) *Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford.
- VALLADARES, Licia do Prado (2005) *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- VELHO, Gilberto (2003) “O desafio da proximidade” in Velho, G. Kuschner, K. (orgs.) *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores.
- VIANNA, Hermano (1996) “o funk como símbolo da violência carioca” in Velho, G.; Alvito M.; (orgs.) *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV.
- WHYTE, William Foote (2005) *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ZALUAR, Alba (2004) “Apresentação” in Cecchetto F. R. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: editora FGV.
- ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (1998) “Introdução” in Zaluar, A. Alvito, M.(orgs.) *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas.
- ZALUAR, Alba (1994) *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UFRJ.
- ZALUAR, Alba (1985) *A Máquina e Revolta*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

ANEXO 1: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA



ANEXO 2: MAPA DAS SUBÁREAS DE RIO DAS PEDRAS

